



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**PADRÕES TRANSFORMACIONAIS DA RELAÇÃO PREDICADO-
ARGUMENTO DOS SUBSTANTIVOS PREDICATIVOS EM PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Ryan Marçal Saldanha Magaña Martinez

SÃO CARLOS
2019



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PADRÕES TRANSFORMACIONAIS DA RELAÇÃO PREDICADO-ARGUMENTO DOS
SUBSTANTIVOS PREDICATIVOS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

RYAN MARÇAL SALDANHA MAGAÑA MARTINEZ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Oto Araújo Vale

São Carlos - São Paulo - Brasil
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Ryan Marçal Saldanha Magaña Martinez, realizada em 20/12/2019:

Prof. Dr. Oto Araujo Vale
UFSCar

Profa. Dra. Ariani Di Felippo
UFSCar

Profa. Dra. Cláudia Dias de Barros
IFSP

Martinez, Ryan Marçal Saldanha Magaña

Padrões transformacionais da relação predicado-argumento dos substantivos predicativos em português brasileiro / Ryan Marçal Saldanha Magaña Martinez. -- 2019.

119 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Oto Araújo Vale

Banca examinadora: Oto Araújo Vale, Ariani Di Felippo, Cláudia Dias de Barros

Bibliografia

1. Substantivos predicativos. 2. Léxico-gramática. 3. Verbo-suporte. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Clivia e Vanderlei, cujo apoio financeiro permitiu a existência deste trabalho, e à tia Neusa, por suas contribuições pontuais.

Pelos apontamentos e discussões teóricas, agradeço ao orientador Oto Vale, à banca examinadora de qualificação, Magali Duran e Gladis Almeida, à banca de defesa, Ariani di Felippo e Cláudia de Barros, aos professores Jorge Baptista, Sandra Aluísio, Thiago Pardo e Helena Caseli. Reconheço ainda a contribuição fundamental das colegas Nathalia Calcia, por apontamentos sobre as construções conversas, Renata Ramisch, pelas informações relativas ao Parse.me e contribuições para a versão inicial deste trabalho, e Amanda Rassi, por sua observação de uma parcela dos dados.

Finalmente, agradeço a Jonathan por seus conselhos valiosos e pelo apoio emocional ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo a descrição das relações entre o substantivo predicativo e seus argumentos, estabelecendo sua frequência e buscando correlações sintáticas e semânticas para esta. Para descrever as sequências de predicado e argumento observadas em um *corpus* de textos jornalísticos em português brasileiro, empregamos a teoria transformacional do Léxico-Gramática. Tal teoria compreende as diferentes manifestações sintáticas como transformações a partir de uma frase de base, isto é, em português, uma frase dotada de um único predicado e seus argumentos em ordenação SVO. A frase de base do predicado nominal traz um verbo auxiliar "ter", "dar" ou "fazer" imediatamente anterior ao elemento predicativo, o qual é denominado verbo-suporte. Atribuímos ainda papéis semânticos aos argumentos identificados. A metodologia para identificação do predicado nominal teve como centro a redutibilidade à frase de base, por meios introspectivos e empíricos, por parte de dada sequência. Assim, definimos as transformações do predicado nominal que ocorrem no *corpus*, demonstrando os processos de formação das sequências de predicador, argumentos e verbo-suporte, denominadas "cadeias". Em seguida, levantamos a frequência das cadeias e as correlacionamos às frases de base e papéis semânticos identificados. Os resultados mostram que: 1 - os substantivos predicativos apresentam alguns padrões gerais de manifestação, surgindo comumente como grupos nominais; 2 - algumas de suas transformações tendem a levar a outras transformações; 3 - a forma da frase de base, incluindo o verbo-suporte elementar, determina ou tem relevância para algumas transformações; e 4 - a distribuição dos papéis semânticos apresenta alguma isomorfia com as frases de base, mas se correlaciona pouco com as transformações.

PALAVRAS-CHAVE: Substantivos predicativos; Léxico-Gramática; Verbo-suporte

Abstract

This work aims at describing the relations between predicative nouns and their arguments, establishing their frequency while seeking syntactic and semantic correlations with such numbers. In order to describe predicate and argument sequences observed in a Brazilian Portuguese newspaper *corpus*, we employ the transformational theory used in Lexicon-Grammar. This theory apprehends different syntactic manifestations as transformations departing from a kernel sentence, i.e., in Portuguese, a sentence containing a single predicate and its arguments in SVO order. Noun predicates kernel sentences include auxiliary verbs "have", "give" or "do" immediately prior to the predicative element; those are named support verbs. Also, we attribute semantic roles to the identified arguments. The methodology used to identify noun predicates had as its main element the possibility of reducing a certain sequence to kernel sentences through introspective and empirical means. Hence, we define the transformations of noun predicates occurring along the *corpus*, analyzing predicate, arguments and support verb sequences, which we call "strings". Subsequently, we established the frequency of strings and correlated them to kernel sentences and the semantic roles identified. The results show that: 1- predicative nouns exhibit some general manifestation patterns, emerging more commonly as noun groups; 2- some of their transformations tend to lead into other transformations; 3- the kernel sentence form, including the elementary support verb, determines or bears relevance to some transformations; 4- the distribution of semantic roles presents an isomorphism with kernel sentences, but bear little correlation with transformations.

KEYWORDS: Predicative nouns; Lexicon-Grammar; Support verb

Lista de tabelas

| | |
|---|-----|
| Tabela 1: Concordância para uma amostra de 200 frases aleatórias..... | 45 |
| Tabela 2: Proporção entre <i>tokens</i> , <i>types</i> e frases | 85 |
| Tabela 3: Os oito <i>types</i> de N_{pred} mais frequentes no corpus..... | 85 |
| Tabela 4: Frequência de <i>types</i> e <i>tokens</i> por V_{sup} elementar e número de argumentos..... | 86 |
| Tabela 5: Frequência de tipos de cadeia por tipos de frase de base..... | 88 |
| Tabela 6: Cadeias do tipo V_{sup} com ocorrência > 10 | 89 |
| Tabela 7: Número de variantes de V_{sup} por tipo de frase elementar..... | 90 |
| Tabela 8: Cadeias com ocorrência > 10 por variante de V_{sup} | 91 |
| Tabela 9: Cadeias de V_{opc} com ocorrência > 2 por tipo de frase elementar | 92 |
| Tabela 10: Cadeias do tipo GN com ocorrência > 9 por tipo de frase elementar..... | 93 |
| Tabela 11: Cadeias de tipo Red V_{sup} Prep com ocorrência > 1 por tipo de frase elementar..... | 95 |
| Tabela 12: Conjuntos de papel semântico por frases elementares com um argumento...97 | |
| Tabela 13: Conjuntos de papel semântico com ocorrência > 10 por frases elementares com dois argumentos..... | 98 |
| Tabela 14: Conjuntos de papel semântico com ocorrência > 10 por frases elementares com três argumentos..... | 99 |
| Tabela 15: Conjunto de papéis semânticos por tipo de cadeia para predicados de um argumento..... | 101 |
| Tabela 16: Conjunto de papéis semânticos por tipo de cadeia para predicados de dois argumentos..... | 102 |
| Tabela 17: Conjunto de papéis semânticos por tipo de cadeia para predicados de três argumentos..... | 103 |
| Tabela 18: Conjuntos de papéis semânticos por cadeia contendo V_{sup} em predicados de um argumento..... | 104 |

| | |
|---|-----|
| Tabela 19: Conjuntos de papéis semânticos por cadeia contendo V_{sup} em predicados de dois argumentos..... | 105 |
| Tabela 20: Conjuntos de papéis semânticos por cadeia contendo V_{sup} em predicados de três argumentos..... | 106 |
| Tabela 21: Conjuntos de papéis semânticos por grupo nominal em predicados de um argumento..... | 107 |
| Tabela 22: Conjuntos de papéis semânticos por grupo nominal em predicados de dois argumentos..... | 108 |
| Tabela 23: Conjuntos de papéis semânticos por grupo nominal em predicados de três argumentos..... | 109 |

Lista de quadros

Quadro 1: Papéis semânticos.....40

Quadro 2: Transformações aplicáveis às frases com verbo-suporte.....82

Lista de símbolos e convenções

| | |
|--|---|
| (A + B): | A ou B |
| <>: | Em exemplos, marca frase previamente mencionada transformada em grupo nominal e inserida em um novo predicado |
| *: | Para exemplo construído, marca frase inaceitável |
| ?: | Para exemplo construído, marca frase de aceitabilidade duvidosa |
| [Adj N _x]: | adjetivação do argumento N _x |
| [Adjnc F1]: | passagem da oração principal para posição de adjunto da frase que, originalmente, é sua completiva |
| Algo: | em exemplos construídos, denota um substantivo não humano qualquer, podendo ser um elemento frástico |
| Alguém: | em exemplos construídos, denota um substantivo humano qualquer |
| [Caus Dat AspX]: | formação de estrutura causativa com argumento dativo |
| [Caus GN AspX]: | formação de estrutura causativa com um grupo nominal como argumento |
| [Caus Prep AspX]: | formação de estrutura com verbo operador causativo preposicionado |
| [Clivagem X]: | clivagem de um elemento X |
| [Conj F _x , F _y]: | Conjunção entre dois elementos frásticos |
| [Conv]: | Conversão |
| [Dat Prep N _x]: | transformação de um argumento preposicionado em pronome dativo |

| | |
|--------------------------------|---|
| <E> | : elemento vazio ou de não realização lexical |
| [E AdvN ₀]: | elisão de sujeito em oração subordinada circunstancial por redundância com elemento da oração principal |
| [E AdvV _{sup}]: | elisão de verbo-suporte em oração subordinada circunstancial |
| [E CompV _{sup}]: | elisão de um verbo-suporte em oração completiva |
| [E CorrN _x]: | elisão de elemento em oração subordinada correferente a um elemento da oração principal |
| [E de]: | elisão da preposição "de" em grupos nominais |
| [Entre Nx&Ny]: | adição de um marcador de reflexividade, tipicamente a preposição "entre" |
| [E x]: | elisão de um elemento qualquer |
| [E X redund]: | Elisão de um elemento por redundância |
| FC: | Frase construída |
| F _{sim} : | Elemento frástico dotado de simetria |
| F: | Elemento frástico |
| GN: | grupo nominal |
| [Instrumento N ₀]: | troca de N ₀ por um circunstancial de meio |
| N ₀ : | sujeito da frase de base |
| N ₁ : | primeiro objeto da frase de base |
| N ₂ : | segundo objeto da frase de base |
| N _x : | qualquer argumento de uma frase de base |

| | |
|--------------------|--|
| N_y : | qualquer argumento diferente de N_x |
| N_z : | qualquer argumento diferente de N_x e N_y |
| [Nom F]: | nominalização de oração completiva |
| [Nom V_{sup}]: | nominalização de verbo-suporte |
| N_{Pred} : | substantivo predicativo |
| [$N_x \& N_y$]: | dois argumentos ocupando uma mesma posição; argumento reflexivo |
| $N_x Adj$: | argumento x em forma adjetival |
| $N_x Poss$: | argumento x em forma de pronome possessivo |
| [Pass]: | apassivação |
| [Pass se]: | formação de passiva sintética |
| [Perm x, y]: | permuta entre dois elementos |
| $Pred(N_x)$: | Argumento de um substantivo predicativo que se manifesta como argumento de outro predicado |
| Prep: | preposição |
| [Pro N_{pred}]: | pronominalização do substantivo predicativo |
| [Pro GN]: | pronominalização de um grupo nominal |
| [ProPoss N_x]: | transformação do argumento x em pronome possessivo |
| [Red Circ]: | redução de estrutura com circunstancial |
| [Red RelPass]: | redução de oração relativa na voz passiva |
| [Red V_{sup}]: | redução do verbo-suporte |

| | |
|------------------------------|---|
| [Red V _{sup} Prep]: | redução de verbo-suporte preposicionado |
| [Refl N _{pred}]: | adição de propriedade reflexiva ao substantivo predicativo |
| [Rel Nx]: | relativização de um elemento qualquer |
| V _{sup} : | Verbo-suporte |
| [V _{sup} Agn]: | formação de verbo-suporte agentivo |
| [V _{sup} Con]: | formação de verbo-suporte continuativo |
| [V _{sup} Inc]: | formação de verbo-suporte incoativo |
| [V _{sup} Neg]: | formação de verbo-suporte negativo |
| [V _{sup} Prep]: | formação de verbo-suporte preposicionado |
| [V _{sup} Sim]: | formação de verbo-suporte simétrico |
| [V _{sup} Tr]: | formação de verbo-suporte terminativo |
| V _{opc} : | verbo operador causativo |
| [Xtr N ₀ (F2)]: | extração do sujeito de uma oração subordinada para a oração principal |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1. Introdução..... | 16 |
| 1.1. Objetivos..... | 16 |
| 1.2. Quadro teórico-metodológico..... | 17 |
| 1.3. Organização..... | 20 |
| 2. Pressupostos teóricos..... | 21 |
| 2.1. A frase de base..... | 22 |
| 2.2. A frase complexa e as transformações elementares..... | 25 |
| 2.3. Substantivos predicativos e suas frases de base..... | 27 |
| 2.4. Descrição dos substantivos predicativos sob o Léxico-Gramática..... | 33 |
| 2.5. Outras abordagens teóricas sobre o fenômeno..... | 33 |
| 2.6. Papéis semânticos..... | 36 |
| 3. Metodologia..... | 42 |
| 3.1. Introspecção e empirismo..... | 42 |
| 3.2. Validação da metodologia..... | 44 |
| 4. Resultados: transformações e cadeias..... | 47 |
| 4.1. Transformações unárias..... | 48 |
| 4.1.1. Transformações do verbo-suporte elementar..... | 48 |
| 4.1.2. Apassivação..... | 54 |
| 4.1.3. Transformação dos argumentos..... | 55 |
| 4.1.4. Permuta..... | 63 |
| 4.2. Transformações binárias..... | 64 |
| 4.2.1. Relativização, subordinação e suas reduções..... | 65 |
| 4.2.2. Transformações da oração completiva..... | 69 |
| 4.2.3. Controle e redução de verbo-suporte..... | 72 |
| 4.2.4. Coordenações..... | 75 |
| 4.2.5. Substantivos predicativos em adjunção..... | 76 |
| 4.2.6. Verbo operador causativo..... | 79 |
| 4.2.7. Elisão por redundância entre orações não relacionadas..... | 80 |
| 5. Resultados: cadeias e seus padrões sintático-semânticos..... | 84 |
| 5.1. Tendências gerais de recorrência dos substantivos predicativos..... | 84 |
| 5.2. Tipos de cadeia por frase elementar..... | 87 |
| 5.3. Linearização e papéis semânticos..... | 96 |
| 6. Conclusão..... | 111 |
| Referências..... | 115 |

1. Introdução

A seleção de argumentos é uma propriedade de determinados itens lexicais, os quais podem pertencer a classes morfossintáticas variadas, como verbo, adjetivo e substantivo. Sua compreensão é fundamental para o estabelecimento das relações sintáticas e semânticas entre os elementos da frase. Dentre as palavras que são núcleo de predicado nas línguas naturais, os substantivos predicativos do português vêm sendo estudados em uma série de trabalhos, tais como Ranchhod (1990), Baptista (2000), Barros (2014), Rassi (2014), Santos (2015) e Calcia (2016), os quais se debruçam sobre as possibilidades sintáticas desses predicadores.

Tais trabalhos se inserem no quadro teórico-metodológico do Léxico-Gramática, o qual entende fenômenos sintáticos como transformações licenciadas por itens lexicais. A principal característica da abordagem transformacional é propor a redutibilidade da frase complexa (isto é, grosso modo, uma “frase autêntica”) a formas parafrásticas simples dotadas de um único predicado em ordem SVO. Ela se diferencia da sintaxe baseada em identificação de funções e da sintaxe de constituintes por dar centralidade às relações de equivalência entre as diversas manifestações de um mesmo predicador. A relação de equivalência de uma frase mais simples com outra mais complexa é chamada de transformação. Dessa maneira, nos referidos trabalhos, os predicadores foram descritos segundo suas possibilidades transformacionais.

1.1. Objetivos

Complementando estudos anteriores, este trabalho visa ao estudo da frequência das diferentes configurações sintáticas dos N_{pred} e posições de seus argumentos em frases complexas do português brasileiro, bem como de motivações semânticas para os padrões observados. Assim, complementamos os inventários de propriedades sintáticas dos trabalhos anteriores ao propor uma análise geral da difusão das transformações dos N_{pred} . As perguntas que guiaram este trabalho foram:

- Quais padrões transformacionais podem ser identificados para os N_{pred} ?
- Como a ocorrência desses padrões se relaciona com características formais do predicado?
- Os padrões transformacionais encontram fundamentação semântica?

Espera-se que os resultados permitam uma melhor compreensão da constituição sintática das frases em português, seus processos linguísticos subjacentes e sua possível motivação semântica.

Além das contribuições teóricas, o trabalho pode encontrar aplicação no Processamento de Língua Natural (PLN), fornecendo descrição e dados formalizados aptos a tratamento computacional.

1.2. Quadro teórico-metodológico

Analisamos a linearização desses predicados nas 4.213 frases que compõem a porção brasileira do *corpus* Bosque, parte do Floresta Sintá(c)tica (AFONSO et al, 2002). Este é composto de textos do jornal Folha de São Paulo da década de 1990. Pensando em aplicações de Processamento de Língua Natural, escolhemos tal *corpus* por este ter servido de base para o PropBank.Br V1 (DURAN & ALUÍSIO, 2011), o qual contém anotações das relações de complementaridade dos predicados verbais; intentamos, portanto, fornecer um subsídio teórico para futura anotação de seus substantivos.

Utilizando-se as frases do *corpus*, a descrição do fenômeno partiu da formulação de paráfrases que permitiram estabelecer os substantivos como predicadores, mostrando os seus argumentos e as categorias funcionais de que se utilizam para marcar essa relação. Os substantivos que permitem a elaboração de uma série de paráfrases específicas, definidas no capítulo 2, são aqui denominados "substantivos predicativos" (doravante N_{pred}). Introduzimos o procedimento de análise por meio da análise da frase complexa a seguir, retirada do *corpus* Bosque.

1. Como Collor, o novo presidente falou em: "reforma do Estado", "abertura da economia", "avanço da privatização" e "flexibilização dos monopólios estatais".

Uma análise sintática tradicional da frase complexa 1, a exemplo de Bechara (2009) e Cunha & Cintra (2017) identificaria o predicado, cujo núcleo é "falar", e o sujeito, "o novo presidente". Identificaria ainda um adjunto adverbial "como Collor" e estabeleceria que o objeto indireto do verbo consiste em uma coordenação de predicados nominais seguidos de seus complementos. Todas essas categorias possuem pertinência também para a presente abordagem. Porém, soma-se a elas o conceito de transformação, no qual uma frase complexa é tida como composta de um número de frases simples unidas por operadores. Aplicando procedimentos pertinentes, os quais estabeleceremos ao longo deste trabalho, a composição da frase 1 pode ser mapeada, entre outras frases, ao conjunto em 2. Trata-se de um conjunto de frases simples. Neste, conforme já indicado nas notações, "alguém" indica argumentos humanos, enquanto "algo" indica os não humanos, sejam eles frásticos ou não.

2. a. Alguém (faz a reforma do + reforma o) estado.

b. Alguém (faz a abertura da + abre a) economia.

c. Alguém (faz a privatização de + privatiza) algo.

d. A privatização que alguém faz de algo (tem avanços + avança).

e. Alguém (faz a flexibilização + flexibiliza) o monopólio que o estado tem sobre algo.

f. O estado (tem o monopólio de + monopoliza) algo.

(frases construídas, doravante FCs)

Cada uma das paráfrases do conjunto 2 tem sua própria estrutura, contando com sujeito, verbo e (possivelmente) objetos. Nesse caso, todas elas podem ser construídas ou com um verbo pleno ("flexibilizar", "monopolizar", etc.) ou uma combinação de verbo + substantivo ("fazer a flexibilização", "ter o monopólio", etc.), a qual denominamos aqui "construção com verbo-suporte" (doravante V_{sup}). A relação predicado-argumento de cada uma das frases em 2 equivale à de um dos substantivos e seus respectivos complementos nominais coordenados na posição de objeto na frase 1; cada frase em 2, portanto, tem uma relação transformacional com a frase 1.

Para a extração do conjunto 2 a partir da frase 1, uma série de procedimentos devem ser aplicados. Vemos que, para todas, o V_{sup} desaparece na transição da forma em 2 para aquela em 1. Elide-se também o sujeito das frases 2a, b e e; no caso de 2f, é o objeto que sofre esse processo. Além disso, seu sujeito, "o estado", se transforma no adjetivo de relação "estatal". Em 2c, tanto sujeito quanto objeto são elididos. Finalmente, o único argumento em d é mantido.

Tais procedimentos levam a tipos de sequência similares. Simbolizando o substantivo por N_{pred} , os sujeitos das frases em 2 por N_0 , seu objeto por N_1 e preposição por $Prep$, diremos que os predicados "reforma", "abertura" e "flexibilização" se linearizam, na frase 1, na cadeia $N_{pred} Prep N_1$. "Avanço", por sua vez, gerará $N_{pred} Prep N_0$, enquanto "monopólio" é núcleo de uma sequência que será classificada como $N_{pred} N_0 Adj$ e "privatização" se tornará um simples N_{pred} , cadeia constituída por um único elemento. Dessa forma, verificamos uma tendência nessa frase: a manifestação do substantivo como $N_{pred} Prep N_1$ ocorre para metade dos N_{pred} da frase; todas as outras formas ocorrem uma única vez.

Por meio de experimentos de reformulação desses predicados, verificamos que a inversão desses padrões leva a frases de aceitabilidade menor:

3. a. ? <A (reforma + abertura + flexibilização + privatização) do novo presidente> deve ocorrer em breve (FCs)

Além disso, se queremos manter explícitos tanto o sujeito quanto o objeto do N_{pred} , soa mais natural que o objeto se manifeste como um sintagma preposicional e que o sujeito se manifeste como pronome possessivo; ou, ainda, que o sujeito seja marcado pela preposição "por":

3. b. * <A (flexibilização + abertura) da economia do novo presidente> deve ocorrer em breve

c. <Sua (abertura + flexibilização) da economia> deve ocorrer em breve

d. <A (flexibilização + abertura) da economia pelo novo presidente> deve ocorrer em breve (FCs)

Algumas dessas características podem ser condicionadas pela relação semântica entre o substantivo e seus argumentos. Para os quatro predicados analisados no conjunto 3, os argumentos N_0 e N_1 são o que chamaremos, de maneira genérica, agente e paciente. Por sua vez, "avanço" atribui apenas a relação de paciente. Neste, o segmento $N_{pred} Prep N_0$ soa mais natural, sendo essa efetivamente a forma pela qual "avanço" surge na frase. No caso de "monopólio", a adjetivação de N_0 é, em princípio, apenas uma variante do argumento preposicionado, uma vez que a frase 3e é tão aceitável quanto a original.

3. e. O novo presidente falou em flexibilização do monopólio do estado (FC)

Assim, observando-se a frase 1 e os experimentos em 2 e 3, vê-se que algumas transformações parecem preferenciais, seja de maneira geral ou para determinados argumentos: o V_{sup} tende a desaparecer; o sujeito agentivo, nesse conjunto de predicados de dois argumentos, é elidido com maior frequência do que o objeto ou o sujeito paciente; quando o sujeito não é elidido, tende a passar por outras transformações, como a pronominalização. Tais padrões são mais bem apreendidos e descritos por uma análise em larga escala.

Em síntese, descrevemos os N_{pred} do *corpus* a partir de etapas transformacionais anteriores dos predicados - não explicitadas no discurso - para averiguar quais padrões tais características impõem a seu uso efetivo, discutindo possíveis correlações entre a caracterização sintático-semântica do N_{pred} e sua disposição.

Para tanto, elaboramos uma tipologia das disposições encontradas nos textos e estudadas pela bibliografia. Essas categorias são representadas pelas sequências lineares de classes de palavras que cobrem o N_{pred} e seus argumentos, recebendo explicações teóricas para sua existência por meio do conceito de transformação. Dessa forma, a disposição do N_{pred} em relação a seus argumentos é aqui descrita por dois fatores: sua sequência linear - a "cadeia" - e as etapas transformacionais que levam

a essa sequência. Cruzamos a prevalência das cadeias também com uma caracterização semântica desses predicados: os papéis semânticos propostos em Talhadas (2014).

1.3. Organização

No capítulo 2, são delineados o quadro teórico e os procedimentos de análise que dele decorrem. Descrevemos, resumidamente, como se entende o nível sintático-semântico na sintaxe transformacional e como se dá a caracterização dos N_{pred} .

O capítulo 3 apresenta a metodologia utilizada para caracterizar a constituição de uma relação predicado-argumento. Discutimos o papel do uso de julgamentos de aceitabilidade e da pesquisa empírica para seu estabelecimento. Descrevemos ainda o teste de concordância utilizado para validar tal metodologia, apresentando seus resultados.

O capítulo 4 é dedicado à descrição das sequências de N_{pred} e seus argumentos identificadas no *corpus* e na bibliografia segundo a sintaxe transformacional. São estabelecidos testes que fundamentam cada uma das transformações que geram as cadeias identificadas.

Analizamos no capítulo 5 a frequência das cadeias (isto é, as sequências lineares das classes pertinentes) obtidas, verificando também sua coocorrência e relação com características da frase de base e papéis semânticos. Por meio da exposição desses dados, cumprimos o objetivo deste trabalho ao apresentar os padrões que o N_{pred} tende a seguir em frases complexas.

Por fim, a conclusão retoma as discussões do restante do trabalho, apresentando a relevância dos resultados para a compreensão do fenômeno abordado em face da bibliografia prévia.

2. Pressupostos teóricos

Opta-se neste trabalho pela descrição dos N_{pred} segundo a sintaxe transformacional de Harris (1968), em que a unidade mínima de análise é a frase de base; isto é, grosso modo, uma frase dotada de um único predicado com todos os seus argumentos explicitados e em ordem padrão (em português, SVO). Por meio de transformações, as frases de base compõem frases complexas; estas são as frases que efetivamente se manifestam no discurso. Assim, o trabalho de descrição da sintaxe dos N_{pred} consiste em estabelecer a configuração das frases de base que as fundamentam - na qual figuram verbos suporte (GROSS, 1981) - e as transformações que lhe são permitidas. São apresentados neste capítulo, resumidamente, como tais conceitos são definidos.

Para Harris (1968), a língua é composta de objetos discretos que se definem por restrições decorrentes de sua probabilidade combinatória, os quais o linguista deve isolar a partir dos dados. Assim, a questão principal nessa visão é "encontrar regularidades nas sequências de elementos que configuram frases (ou discursos), em oposição àquelas que não o fazem" (HARRIS, 1968, p. 13, tradução nossa)¹.

Essas regularidades se verificam, primeiramente, em manifestações físicas distintas (*tokens*) que constituem, no julgamento de um falante, repetições de uma mesma categoria. Os *tokens* podem ser sons, sinais gráficos, gestos, etc. Esses conjuntos de repetições de um mesmo *token*, os *types*, são os elementos que constituem a língua. Eles não estão atrelados a um determinado meio de expressão: um fonema falado ou representado por meio de letra tem o mesmo valor no sistema linguístico, pois remete ao mesmo *type*. Considerando que os *types* não ocorrem livremente, mas sim em conjunto uns com os outros, uma sequência de *types* em um nível de análise corresponderá a um *type* no nível de análise superior. Mais concretamente, um fonema será caracterizado como tal pelos diferentes contextos em que os fones aparecem com o mesmo valor. O morfema, por sua vez, se revelará nas sequências de fonemas que ressurgem no *corpus*. Finalmente, as relações entre esses morfemas se estabelecem pelas restrições a sua ocorrência. Paradigmas morfológicos mais rígidos gerarão palavras, ao passo em que os mais dinâmicos correspondem às funções sintáticas.

Embora cada morfema tenha combinações próprias, é possível agrupá-los em classes segundo a similaridade de suas restrições combinatórias. Seguindo essas observações, todas as chamadas classes morfossintáticas são definidas aqui unicamente por similaridade contextual. O grupo de

¹ Original: "(...) finding regularities in those sequences of elements which constitute sentences (or discourses) as contrasted to those that do not".

palavras a que aqui chamamos substantivo do português (sejam predicativos ou não) se caracteriza pela possibilidade de: receber o morfema de plural "-s"; ocorrer após palavras de uma outra classe de similaridade, os determinantes, nos quais motiva um ou outro morfema de gênero e pluralidade; ser antecedido por ou precedido de adjetivos e participios verbais, definindo a ausência e ou presença de "-s" ao seu final, bem como marcas de gênero; e definir o morfema de número do verbo que os toma como sujeito, entre outras propriedades menos centrais. O N_{pred} não se distingue dos demais substantivos por suas características morfológicas, mas sim por suas propriedades transformacionais, as quais serão detalhadas na seção seguinte.

Por sua vez, todos os verbos são definidos por suas flexões de tempo, modo, aspecto e pessoa, sendo que esta última deve concordar com um determinado substantivo da frase, núcleo de seu sujeito. Essa descrição inclui a classe dos verbos suporte, particularmente relevante ao presente trabalho e que, assim como os N_{pred} , não se define como subclasse por sua morfologia, mas sim por suas possibilidades transformacionais e características seletivas.

Harris (1968) propõe que alguns objetos sintáticos selecionam ativamente outros objetos, sendo chamados “operadores”; os que não possuem tal propriedade, sendo apenas selecionados, são os “argumentos elementares”. Os operadores que incidem diretamente sobre os argumentos elementares são os de primeira ordem, em oposição aos de segunda ordem, que selecionam outros operadores. A um operador, corresponde uma frase de base, objetos lineares que dão origem às frases complexas por meio de processos transformacionais. Elucidamos a seguir como são caracterizadas as frases de base e, em seguida, fazemos breves considerações sobre o conceito de transformação.

2.1. A frase de base

Uma frase de base (ou "frase simples", ou "frase elementar") contém um único predicado com todos os seus argumentos, isto é, equivale a um predicado em sua extensão máxima (GROSS, 1981). Ao contrário das frases complexas, a frase de base estabelece uma relação de 1:1 entre posição e função sintática. Assim, para o português, o elemento anterior ao verbo é o sujeito; tudo o que se segue ao elemento predicativo é objeto. As frases que estabelecemos em 2, por exemplo, são um conjunto de frases de base.

Provisoriamente, definimos aqui que toda frase de base FB é uma instanciação do esquema abaixo, no qual o símbolo N_0 representa o sujeito, $Pred$ representa um predicador qualquer (acompanhado de seus possíveis auxiliares obrigatórios) e w representa um número de objetos

qualquer (entre o conjunto vazio e , N_1 e/ou N_2), acompanhado das respectivas palavras funcionais que possivelmente as introduzem.

$$FB = N_0 \text{ Pred } w$$

As possibilidades de instanciação dessas categorias estão circunscritas ao predicador, isto é, há um único termo da frase de base que determina o número e o tipo dos demais elementos da frase (GROSS, 1981). Por essa razão, o predicador pode ser determinado como tal ao se testar a variabilidade dos elementos. Ilustramos esse processo introduzindo pequenas variações à frase 2c, repetida a seguir como 4a.

4. a. Alguém fez a privatização de algo.
- b. * Algo fez a privatização de alguém.
- c. ? Alguém fez a privatização em algo
- d. * Alguém teve a privatização de algo (FCs)

Nos experimentos em 4, tentamos inverter sujeito e objeto (4b), mudar a preposição (4c) e mudar o verbo (4d) da frase de base 4a. De todas, 4c é a única que pode ser aceitável, se pensarmos que "em" introduz um circunstancial locativo, e não um objeto; ou seja, 4c é aceitável como frase complexa em que se combina o predicado principal com um locativo, mas não o é como frase de base. Por outro lado, todas essas alterações passam a ser aceitáveis quando trocamos o substantivo em posição pós-verbal, como demonstramos em 4e.

4. e. Algo teve um impacto em alguém.

Essa frase, por sua vez, não pode ser construída com o substantivo "privatização":

4. f. * algo teve uma privatização em alguém (FC)

Isso sugere que "privatização" é o predicador em 4a, enquanto "impacto" é o predicador em 4e, uma vez que os demais elementos da frase de base estão circunscritos a estes. Dessa forma, os predicadores estabelecem restrições sobre: o número e tipo semântico e sintático dos argumentos, as preposições, os determinantes e os verbos suporte. Além disso, o predicador impõe restrições a algumas transformações, como a passivação:

4. g. A privatização de algo foi feita por alguém
- h. * O impacto em alguém foi tido por algo (FCs)

Considera-se que os argumentos Nx formam paradigmas de substituição: apenas segmentos que atendam a um determinado critério podem ocupar certas posições. Ao paradigma de nomes próprios, chama-se "nomes humanos" (N_{hum}), o qual inclui também toda sorte de substantivo comum que denote seres humanos. A essa classe, pertence o N_0 de "privatização", de onde segue que "alguém", pertencente a esse paradigma, possa ocupar seu N_0 , ao passo que "algo" não o pode. Similarmente, essa classe também impõe restrições aos pronomes interrogativos.

5. a. (Quem + * O quê) fez a privatização da empresa?

b. O presidente fez a privatização (do quê + * de quem)? (FCs)

Todo argumento que não se inclui na classe N_{hum} é chamado "nome não humano" (N_{nhum}), de que o N_1 de "privatização" é exemplo. Há predicadores que aceitam ambas as classes para uma dada posição. Quando se trata de operadores de segunda ordem, um dos argumentos N_{nhum} é uma frase por si só, a qual pode ser caracterizada como F . Em português, há três tipos de oração completiva possíveis: indicativas (V_{ind}), subjuntivas (V_{sub}) e infinitivas (V_{inf}) (BAPTISTA, 2000). Neste trabalho, na falta de um pronome específico para argumentos frásticos, utilizamos "algo" também para se referir a estes.

Por meio da observação dos padrões de ocorrência do léxico em textos, assim como recurso à introspecção, Gross (1981) propõe que se descreva extensivamente as características combinatórias das frases de base, incluindo o número de argumentos, seus tipos semânticos e sintáticos e transformações lícitas. Essas propriedades são registradas nas matrizes léxico-gramaticais, que vêm sendo construídas para registrar características em diversas línguas. O que esses trabalhos têm demonstrado é que os operadores, embora compartilhem uma série de características, apresentam combinações de propriedades singulares.

Mesmo itens que apresentem a mesma configuração em sua frase elementar poderão demonstrar propriedades transformacionais distintas. A título de exemplo, comparemos as frases 2a e 2b que, exceto pelo próprio N_{pred} , apresentam as mesmas características distribucionais. Conforme demonstra o par de frases 6, a primeira delas admite uma construção com o V_{sup} preposicionado "passar por"; para a segunda, essa construção não soa tão natural (6b), salvo se acompanhada de outros elementos, como modificadores (6c).

6. a. O estado passa por reformas

b. ? A economia passa por aberturas

c. A economia passa por aberturas cíclicas (FCs)

Em resumo, a frase de base é aquela que contém apenas a expressão máxima dos argumentos de um predicado. Este é caracterizado por sua propriedade de delimitar os outros elementos da frase. Cada predador seleciona um número e tipo de argumentos, bem como outros elementos gramaticais obrigatórios e transformações que lhe são lícitas ou não. O Léxico-Gramática se dedica a estabelecer as propriedades de cada um dos predadores, tendo a frase de base como sua unidade mínima de análise sintática. Essas unidades sofrem transformações que as combinam em frases complexas, as quais são nosso objeto de análise.

2.2. A frase complexa e as transformações elementares

De acordo com Harris (1968), uma transformação é uma relação de paráfrase entre dois conjuntos de frase que divergem apenas na ordenação de alguns morfemas, sendo que as frases de ambos os conjuntos são igualmente aceitáveis. Um conjunto de frases de base e alguma frase complexa (isto é, uma frase derivada) mantêm uma relação de transformação. Dessa forma, como consideramos que há paráfrase entre as frases do conjunto 2 e a frase única do conjunto 1, diremos que o processo que leva do conjunto à frase é uma transformação. Sendo 2 um conjunto de frases de base, não redutíveis a frases mais simples, a frase 1, por incluí-las numa mesma frase, caracteriza uma frase complexa.

Propõe-se que toda transformação, em qualquer língua, pode ser reduzida a uma sucessão de transformações elementares, cuja aplicação em conjunto estabelece transformações mais específicas (HARRIS, 1981, p. 212). Esses procedimentos básicos são: adição, elisão, permuta e concatenação sobre uma frase de base ou que resulte desses mesmos procedimentos. Dada a mencionada formulação de FB como $N_0 \text{ Pred } w$ (sujeito, predador, complementos), as transformações elementares atuarão sobre alguma dessas partes ou sobre toda a sequência, gerando uma quantidade de transformações sobrepostas a alguma frase de base. Dessa forma, uma transformação complexa pode ser caracterizada por transformações elementares aplicadas conjuntamente. Damos adiante uma breve descrição das transformações elementares que compõem as transformações complexas, as quais descrevemos extensivamente no capítulo 4.

As transformações de adição, incrementais, atuarão sobre argumentos ou predadores, dando-lhes um elemento não derivável a partir de uma frase de base. Exemplos comuns de transformações incrementais sobre verbos são os auxiliares, os quais não estabelecem nenhum elemento da frase, cumprindo funções não predicativas relacionadas a tempo, aspecto, modalidade e outros. Transformações desse tipo não afetam a relação predicado-argumento e estão, portanto, fora do

escopo deste trabalho. As transformações aqui descritas que justapõem elementos, embora possam parecer "aditivas", partem, na verdade, de mais de uma frase de base. Trata-se, assim, de transformações conjuntivas.

As transformações conjuntivas unem frases de base em uma única frase complexa. A cadeia de sintagmas nominais em 1, resultante das formas básicas em 2, ilustra a conjunção mais clássica, baseadas na coordenação "e" e vírgulas. Nesta, a relação entre as frases de base é meramente concatenativa. Entretanto, de maneira menos explícita, há outros elementos conjuntivos participando da formação da frase 1, dentre os quais está a própria formação dos grupos nominais (isto é, as sequências $N_{pred} Prep N_x$). A subseção 4.2. se dedica exclusivamente a descrever tais transformações na linearização do N_{pred} ; nesta, adotamos o termo de Gross (1990), caracterizando-as como "transformações binárias".

A permuta inverte dois elementos da frase: na fala, é marcada por entonação; na escrita, é comumente marcada por vírgula. No *corpus* analisado, essa transformação é bastante rara em estado isolado; entretanto, ela é um componente de algumas transformações unárias recorrentes, como a apassivação e a conversão (ver capítulo 4.1.).

Por fim, elisões atuam eliminando palavras ou sequências: é o que ocorre, por exemplo, quando se evita repetir um verbo que acaba de ser mencionado, ou quando se omite um argumento que não é relevante para a informação a ser veiculada. No processo de formação da frase 1, por exemplo, verificamos a elisão de vários dos sujeitos das frases em 2. Ela comumente coocorre com transformações conjuntivas, eliminando argumentos redundantes entre duas frases de base.

Tendo em vista o número limitado de transformações elementares, as relações entre duas palavras contíguas também são circunscritas, e podem ser apenas de três tipos: ser parte de uma mesma sequência (isto é, uma mesma frase de base), estabelecer uma relação de adjunção uma com a outra ou estabelecer relação de adjunção com um terceiro segmento (HARRIS, 1968, p. 40-41). Se, partindo de outra abordagem, compreendermos as transformações como componentes de uma frase complexa, torna-se possível entender as relações à distância por meio das relações entre elementos contíguos e, assim, explicar as frases complexas sem abandonar uma visão linear de sintaxe. Assim, entendemos as frases analisadas como composição entre frases de base e transformações.

Por essa razão, uma frase pode ser explicada também por seus estágios anteriores no processo transformacional, no qual todas as relações entre as palavras estão explicitadas. A reconstrução das frases anteriores proporciona a desambiguação de frases que, passando por percursos transformacionais distintos, chegam à mesma forma de superfície. Além disso, esta ajuda a separar

argumentos de adjuntos, uma vez que um argumento verdadeiro não poderá ser separado em uma frase distinta, mas deverá pertencer à mesma frase de base.

Para ilustrar como se pode perceber tais relações entre os elementos da frase observando seu percurso transformacional, analisemos os pares de frase em 7.

7. a. 'Astronautas' fazem autópsia nos EUA

b. Astronautas fazem autópsia nos cadáveres (FC)

Embora as duas frases em 7 sejam linearmente quase idênticas, seu processo de composição é distinto. Enquanto a frase construída 7b corresponde a uma frase de base, a autêntica 7a depende de operações de elisão e conjunção, podendo ser decomposta em duas frases de base (8a e 8b). Ela remete ainda a um estágio anterior em que os argumentos e conjunção elididos se encontram visíveis (8c). Constata-se que a tentativa de formar tais paráfrases a partir da frase 7b leva a frases inaceitáveis. Disso, decorre que o elemento preposicionado em 7b é um objeto, enquanto o de 7a é um adjunto.

8. a. Astronautas fazem autópsia em alguém

b. Esses mesmos astronautas estavam nos (EUA + *cadáveres)

c. Os astronautas fazem autópsia em alguém e esses mesmos astronautas estavam nos (EUA + *cadáveres).

Em conclusão, na visão que adotamos, as estruturas sintáticas podem ser descritas por um conjunto de frases de base e um conjunto de transformações. Todas as relações sintáticas são lineares: uma frase de base se junta a outra ou tem suas características alteradas por meio da ação das transformações que, ainda que nem sempre se manifestem morfologicamente, também têm seu lugar fixo na frase. Todas as frases complexas de uma língua, propõe Harris (1968), decorrem de uma ordem específica de aplicação das transformações elementares a determinadas frases de base. Um conjunto de transformações elementares forma uma transformação complexa. São esses processos de mapeamento da frase complexa à frase de base que utilizaremos para compreender o fenômeno em análise, fornecendo uma descrição das transformações complexas e suas cadeias resultantes no capítulo 4.

2.3. Substantivos predicativos e suas frases de base

A noção de N_{pred} aqui adotada é, essencialmente, a de Gross (1981). O autor o caracteriza como o substantivo que, funcionando como núcleo da predicação, seleciona seus argumentos, as

preposições que os introduzem e o V_{sup} que os acompanha. Trata-se, portanto, do substantivo que define as demais palavras em uma determinada frase simples.

Embora sufixos como "-ção", "-mento" e "-ez" possam ser aplicados para gerar substantivos deverbais e deadjetivais (em geral, predicativos), a classe "substantivo predicativo" não se define por sua morfologia e tampouco por ser consequência de um processo derivacional. Como veremos, definir essa propriedade em dado elemento envolve, por si só, uma série de testes transformacionais que envolvem a frase completa, não apenas a constituição da palavra. Para provar que um substantivo determina os demais elementos de uma frase ou segmento, é necessário demonstrar que algum segmento da frase, existente ou reconstituível por introspecção, só pode surgir e manter seu sentido se especificamente aquele substantivo estiver presente.

Também não se adotam critérios semânticos para definir essa classe. Nossa definição de N_{pred} não coincide com o que nas gramáticas tradicionais – como Cunha & Cintra (2017) ou Bechara (2009) – ou mesmo trabalhos baseados em outras abordagens da linguística, tais como Neves (1999) e Bonial (2014) é compreendido como "substantivo abstrato", ainda que muitos dos substantivos de que tratamos pertençam a ambas as categorias. Independentemente de suas características semânticas, o N_{pred} deve possuir argumentos que, por meio de testes, sejam demonstráveis como tal, critério ao qual alguns substantivos ditos abstratos não atendem.

"Ventania", por exemplo, denota um evento, do ponto de vista semântico: ele possui duração e se desenvolve em um espaço específico. No entanto, não é possível demonstrar que essa palavra aceita complementos. Fatores que podem estar relacionados ao conceito de ventania (como a origem dos ventos, o local em que ocorre ou os seres que são atingidos por ela) não se manifestam por marcas gramaticais inerentes a "ventania": para expressá-los, necessitamos de outros operadores autônomos ("causar", "atingir") ou marcas de circunstanciais aplicáveis a outros eventos quaisquer ("em"). A palavra correlata "ventilação", por outro lado, depende de complemento: a preposição "de" marca, para esse predicado específico, aquilo que é ventilado. Podemos, assim, identificar sua frase elementar como " N_0 tem ventilação".

A frase de base dos N_{pred} deve necessariamente incluir um V_{sup} , que trará as marcas de modo, tempo e aspecto, as quais são incompatíveis com o substantivo (GROSS, 1981). O V_{sup} liga o sujeito de uma frase ao N_{pred} , o que o diferencia dos verbos plenos, isto é, os que realmente constituem predicado autônomo e selecionam seus próprios argumentos. Os argumentos sintáticos das construções com V_{sup} são um N_{pred} e um argumento desse substantivo. Dessa forma, o V_{sup} não tem a capacidade de estabelecer os outros elementos da sentença. Sua presença, ausência ou mesmo qual

verbo pode ou não ser utilizado é definido pelo N_{pred} . O V_{sup} também não se confunde com um elemento de uma construção fixa do tipo VN , uma vez que seu substantivo apresenta grande liberdade sintática.

Os V_{sup} elementares ("ter", "fazer" e "dar") são aqueles que figuram na frase de base estabelecida pelo N_{pred} . São verbos de uso bastante geral, pois quase todos os N_{pred} aceitam algum dentre esses verbos², havendo alguns padrões semânticos em sua escolha, mas também alguma arbitrariedade. Todos eles podem ser substituídos por determinadas variantes ou extensões, de natureza estilística e aspectual, por exemplo, além de transformações, como a conversão, sem que se altere a informação veiculada pela frase.

Assim, na sintaxe transformacional, N_{pred} e V_{sup} não são tratados como fenômenos à parte. Eles formam uma única frase elementar e, mesmo quando um não surge superficialmente, fica implícito na presença do outro. Os testes que os caracterizam são, assim, compartilhados.

Em princípio, o único critério para que se caracterize um substantivo como predicativo no Léxico-Gramática é a existência de uma frase de base nucleada por esse substantivo, a qual conterà necessariamente um V_{sup} (GROSS, 1981). O V_{sup} , por sua vez, é também uma classe de comportamento transformacional e o pertencimento de um verbo a essa subcategoria deve ser demonstrado por meio de testes transformacionais. Portanto, a identificação do N_{pred} depende fundamentalmente da identificação de uma construção com V_{sup} que possa ser atestada experimental ou empiricamente e seja parafrástica a uma dada ocorrência isolada do N_{pred} .

Trabalhos recentes que lidam com o fenômeno em Léxico-Gramática – como Baptista (2000), Santos (2014), Barros (2014), entre outros - adotam como critérios para definição do V_{sup} : a relação particular entre N_0 e N_{pred} , a restrição sobre os determinantes, a descida do advérbio, a dupla análise dos complementos preposicionais, a possibilidade de redução do V_{sup} e formação de grupo nominal e a variação dos verbos suporte. Essa lista de critérios tem origem em Giry-Schneider (1987). Em cada subseção, definimos e comentamos essas propriedades.

No âmbito da sintaxe transformacional, em que não se vê necessidade de distinguir os níveis sintático e semântico (GROSS, 1981, p. 21), a relação entre o sujeito e o N_{pred} deve ser demonstrada por meio de testes de transformação sintática. Quando lidamos com substantivos deverbais e deadjetivais, essa relação pode ser facilmente estabelecida ao se verificar a equivalência entre uma

² Um exemplo de exceção é o substantivo "crime", que forma um par bastante forte com o verbo-suporte "cometer", não tendo grande aceitabilidade para nenhum dos três verbos suporte elementares.

frase com verbo pleno ou cópula + adjetivo e uma combinação verbo + substantivo. Observemos, por exemplo, a frase complexa em 9a.

9. a. A banda brasileira nasceu em 1990 para fazer uma homenagem a Zappa.

O autor da frase 9a poderia, sem implicar nenhuma mudança de informação, ter optado pela frase hipotética equivalente em 9b:

9. b. A banda brasileira nasceu em 1990 para homenagear Zappa (FC)

Temos assim que "fazer (uma) homenagem a" e "homenagear" são segmentos que possuem distribuição equivalente. A relação que se estabelece entre "A banda brasileira" e "fazer uma homenagem" é a mesma que o primeiro segmento estabelece, em 9b, com "homenagear". Em 9a, o sujeito se relaciona diretamente com o substantivo. Assim, há uma relação particular entre o sujeito da construção e o N_{pred} , relação equivalente à de um predicado verbal.

Claro está que o teste apresentado se aplica apenas a substantivos derivados. A ideia de restrição sobre os determinantes é, no entanto, uma maneira mais geral de observar tal relação entre sujeito e N_{pred} .

Para verificar se há correferência necessária entre argumento do verbo e do substantivo, checa-se a possibilidade de elaborar um argumento não correferente ao do verbo por meio de outro recurso gramatical (em geral, preposição ou pronome possessivo). Ilustramos esse teste com o grupo transformacional 10.

10. a. Gostamos de gente que cala a boca e faz seu trabalho, como Ronaldo.

b. Tem gente que faz seu (= dessa mesma gente) trabalho (FC)

c. * Tem gente que faz o trabalho dessa mesma gente (FC)

d. Tem gente que faz o trabalho de Ronaldo \neq Ronaldo faz seu trabalho (FCs)

Isolamos na frase 10b o predicado formado por "trabalho" em 10a. Aqui, o pronome "seu" se refere necessariamente ao sujeito do predicado. Se tentarmos transformar esse pronome em um sintagma preposicional (10c), encontramos uma frase redundante e de pouca aceitabilidade. Se tentamos manifestar por meio da preposição um outro argumento (10d), o sentido desse argumento preposicionado não equivale ao do sujeito. Nesse caso, fica implicado que o argumento preposicionado não realiza a ação e que o sujeito a realiza em seu lugar. Para outros predicados, a implicação pode divergir. Por vezes, a presença de um sintagma preposicional "de" pode implicar que há similaridade entre a ação de um e outro ou que ambos compartilham uma mesma propriedade. No entanto, sua presença nunca indicará que tanto sujeito quanto sintagma preposicional têm a mesma

função sintática na mesma frase elementar³. Frases como 10d, embora raras, são atestáveis pelo *corpus* utilizado, como se verifica em 11.

11. "A Guarda Nacional da Venezuela passou a conversar com os índios e a convencê-los de fazer o papel dela, ou seja, reprimir os garimpeiros", diz Altino.

Exploramos agora as propriedades da construção com V_{sup} que têm a ver com possibilidades transformacionais que lhe são exclusivas. No Léxico-Gramática, há três critérios fundamentais ligados a transformações sintáticas: descida do advérbio, dupla análise da preposição e formação de grupo nominal.

A descida do advérbio diz respeito ao fato de que determinados modificadores do predicado podem surgir tanto como advérbios (isto é, ligados ao V_{sup}) como adjetivos (ligados ao substantivo) sem que a frase sofra mudança de informação. Vemos esse fenômeno ocorrendo na dupla de frases em 12, na passagem de "realmente" para "real".

12. a. Ou seja, se tal procedimento não for ocasional e tiver realmente a convivência das transportadoras aéreas, estas estão expressamente contribuindo para a concorrência desleal

b. [O] governo é todo ruim, todos sem exceção são ladrões, vagabundos, safados, e tem nossa real convivência (frase da web)

A construção com V_{sup} permite a clivagem (ou extração) tanto do complemento sozinho quanto do par substantivo + complemento. Essa característica é chamada "dupla análise da preposição". Esse teste demonstra que o complemento pode ser compreendido tanto como dependente do verbo quanto do substantivo. A frase 13a, por exemplo (excluindo o verbo "afirmar"), pode ser clivada tanto para 13b quanto 13c. Não apresentamos aqui uma frase autêntica clivada, pois a frequência dessas frases é muito baixa; quando surge no *corpus* analisado, a clivagem incide sobre elementos não pertinentes a esse teste.

13. a. Luna afirmou que é cedo para fazer uma avaliação completa do impacto das novas medidas.

b. É do impacto que Luna vai fazer uma avaliação completa

c. É uma avaliação completa do impacto que Luna vai fazer. (FCs)

A formação de grupo nominal (GROSS, 1981) consiste em omitir o V_{sup} , gerando um sintagma nominal em que todos os argumentos explícitos são marcados por preposições, determinantes ou adjetivos. Trata-se da forma de apresentação mais corrente do N_{pred} , conforme Laporte et al (2008) e

³ Outra maneira corrente (a exemplo de NEVES, 1996) de conceber esse teste é caracterizá-lo como uma checagem de saturação de papel semântico. Desse ponto de vista, cada papel semântico deve ser atribuído a um único elemento e, tendo sido atribuído ao sujeito, não pode ser repetido no sintagma preposicional.

como este trabalho demonstra mais adiante. Entre a frase com V_{sup} e o grupo nominal, ocorre um processo de relativização, que licencia a redução do V_{sup} . Observa-se que a oração relativa que modifica "entrevista" no exemplo 14a aceita que seu sujeito passe a ser introduzido por preposição e seu V_{sup} seja elidido, tornando-se um grupo nominal (14b).

14. a. A ideia para o livro surgiu após uma entrevista que Andréa fez em meados de 93 para o "Tokyo Journal" com o jogador Zico, à época atuando no Kashima.

b. A ideia para o livro surgiu após uma entrevista de Andréa com o jogador Zico, à época atuando no Kashima, para o "Tokyo Journal" em meados de 93 (FC)

Demonstramos em 15 como uma frase linearmente similar a uma construção com V_{sup} foi descartada com base nesse teste, demonstrando que o par "dar corda" corresponde a uma construção fixa.

15. a. "Nós não vamos dar corda ao debate rasteiro"

b. * <Nossa corda ao debate rasteiro> prejudicou o diálogo (FC)

Portanto, a construção com V_{sup} aceita algumas transformações que lhe são características, além de aceitar operações mais gerais que as aproximam das construções com verbos plenos. Os testes descritos aqui podem ser utilizados tanto para diferenciar um V_{sup} de um verbo pleno quanto para descartar frases cristalizadas e pares não composicionais do tipo VN .

Verbos-suporte aceitam substituição por outras opções. Tais substituições são licenciadas pelo predicador (isto é, o substantivo). Por essa razão, a descrição dos N_{pred} no Léxico-Gramática envolve o estabelecimento das variantes de V_{sup} para cada predicador. Apresentamos em 16 paráfrases da frase 9 que consistem na substituição de V_{sup} .

16. a. A banda brasileira nasceu em 1990 para prestar uma homenagem a Zappa.

b. A banda brasileira nasceu em 1990 para realizar uma homenagem a Zappa.

(frases construídas)

O que encontramos nas frases exemplo em 16 são variantes do V_{sup} *standard*, que não fazem qualquer tipo de modificação à estrutura da frase ou ao aspecto do predicado. Há ainda variantes que interferem nesses fatores, como as conversas, que invertem os papéis semânticos, e as aspectuais. Neste trabalho, a existência de mais de um verbo para manter a relação entre um substantivo e outros elementos é tomada como evidência de que se está diante de um V_{sup} e, portanto, um N_{pred} .

2.4. Descrição dos substantivos predicativos sob o Léxico-Gramática

Baseados nos conceitos teóricos e constatações delineadas anteriormente, trabalhos de descrição dos N_{pred} do português se iniciam pela descrição da variante europeia com o trabalho de Ranchhod (1983) sobre uso de "ser" e "estar *Prep*" como V_{sup} , em que traça paralelos dessas construções com verbos suporte elementares e construções adjetivais. Baptista (2000) lida com a construção "ser de" também na variante lusitana.

Quanto à construção de matrizes léxico-gramaticais com verbos suporte elementares, descrições do português europeu se encontram na análise de Arruda (1987) dos predicados com "ter", de Vaza (1988) do verbo "dar" e Chacoto (2005), do verbo "fazer". Cada um desses estudos foi recriado para o português brasileiro, respectivamente, em Santos (2015), Rassi (2015) e Barros (2014). Por fim, Baptista (1997) descreve as construções conversas do português europeu, e Calcia (2016) as descreve para o português brasileiro.

Esses trabalhos, sendo desenvolvidos no mesmo quadro teórico, tiveram como resultados matrizes léxico-gramaticais que listam as mesmas propriedades para diferentes itens lexicais: o V_{sup} e suas variações, o número de argumentos previsto pelo substantivo, características semânticas (humano, não-humano, parte do corpo ou locativa) e sintáticas (tipo de oração tomada como argumento, determinantes e preposições possíveis, possibilidade de formação de grupo nominal) de cada argumento, assim como os verbos e adjetivos correspondentes a cada entrada, quando há correspondências. Em Rassi (2015) e Calcia (2016), são também marcadas sugestões de papéis semânticos baseados em Talhadas (2014) para alguns dos predicados.

Vemos, assim, que as frases elementares das construções que nos propomos a estudar encontram trabalhos sistemáticos de descrição das frases elementares e algumas transformações tanto para o português brasileiro quanto lusitano. A maior parte das categorias de análise aqui utilizadas deriva desses trabalhos.

2.5. Outras abordagens teóricas sobre o fenômeno

Salientamos que algumas dessas definições de N_{pred} e V_{sup} são também endossadas por outras visões, a despeito do arsenal teórico distinto. Mel'čuk (1998), na teoria Sentido-Texto, também sublinha que o N_{pred} define os verbos suporte que podem acompanhá-lo, classificando o par como um tipo de *collocation*. Assim como este trabalho, Langer (2005) apresenta testes de liberdade sintática para definição de verbos suporte, bem como Sag et al (2002) que, pensando no processamento

computacional de expressões multi-palavra, também constata que as construções com "verbo leve" se distinguem das demais por apresentar grande flexibilidade. Meyers (2007), por sua vez, também tem a correferência entre o argumento do verbo e do substantivo como central na caracterização do V_{sup} . O conceito de V_{sup} surge também em outras teorias, com algumas variações, bem como o conceito correlato "verbo leve". Apresentamos nesta subseção semelhanças e diferenças da proposta do Léxico-Gramática com outras visões.

A identificação entre os argumentos do verbo e os argumentos do N_{pred} é um critério bastante difundido para a identificação e caracterização do V_{sup} na linguística, como visto, por exemplo, em Neves (1999), Meyers (2004) e Langer (2004)⁴. Mesmo para caracterizar o "verbo leve", como em Jackendoff (1974), Kearns (2002), Bonial (2014), Savary et al (2017), entre outros, essa propriedade se mantém fundamental, mesmo que não seja definitiva para todas as perspectivas⁵. Considerando argumentos sintáticos e argumentos semânticos como elementos distintos, esses autores entendem que o verbo leve faz parte de um "predicado complexo"⁶, ligando sintaticamente o substantivo a alguns de seus argumentos. Alguns, como Jackendoff (1974) e Kearns (2002) ainda consideram que o V_{sup} é responsável por atribuir os papéis semânticos, visão que se justifica pela existência dos verbos que aqui chamaremos conversos, uma vez que seu uso implica a inversão do par agente/paciente.

Por outro lado, uma conceituação de V_{sup} que tem a correferência como acidental é Petruck & Ellsworth (2016), na qual se encontra "controle" como um fenômeno à parte, ao passo que a noção "suporte" é definida como identificadora de "palavras que não significariam a mesma coisa sem seu dependente sintático" (p. 75, nossa tradução), havendo assim maior ênfase na idiomatidade do par, ideia expressamente derivada de Mel'čuk (1998).

Na Teoria Sentido-texto, Mel'čuk (1998) considera a construção com V_{sup} como um "semi-frasema", isto é, um conjunto de lexemas interdependentes, sendo que um dos elementos (nesse caso, o substantivo) impõe restrições ao outro. Elas são contrapostas às expressões idiomáticas e semi-idiomáticas em termos de composicionalidade. Assim, lançando mão de outros pressupostos, a

⁴ Não se trata de recriação acidental do mesmo critério: mesmo fazendo parte de outros paradigmas de pesquisa, os autores se baseiam em parte, respectivamente, em Gross & Vivès (1986), Gross (1981) e Giry-Schneider (1987). Por outro lado, também não estamos diante de uma adoção literal do conteúdo desses textos. Meyers (2004), por exemplo, estende o conceito de "suporte" a adjetivos e substantivos que possuem propriedade de correferência entre sujeito e oração completiva.

⁵ Tal afirmação não corrobora a ideia de que os critérios para estabelecer correferência entre os elementos sejam os mesmos para todas essas abordagens. As possíveis diferenças devem ser consultadas nas fontes.

⁶ Isto é, um predicado formado por mais de uma palavra ou, nas palavras de Butt (2010), palavras que correspondem a uma única oração (no original em inglês, "*monoclausal*", p.2). "Complexo", aqui, não se refere ao resultado de uma transformação.

relação de dependência entre o paradigma de seleção do V_{sup} e o substantivo é também utilizada nessa teoria.

Similarmente, Butt (2010) sugere que predicados complexos e, portanto, os verbos leves, se distinguem de construções de controle por serem constituídas de uma única oração (p. 2); ao longo do trabalho, a autora não elenca a referência como componente fundamental da construção com verbo leve, ainda que esta esteja presente em muitos de seus exemplos.

Trabalhos centrados em expressões multi-palavras, como Sag et al (2002) e Savary et al (2017), propõem critérios semelhantes para distinguir as construções com "verbo leve" de outros tipos de expressão multi-palavra. Por sua vez, Langer (2004) e Bonial (2014) identificam algumas outras possibilidades sintáticas, quando não idênticas, muito próximas às de frases com verbo pleno, as quais justificam, neste último, que se chame as construções com V_{sup} de "semi-composicionais".

Quanto ao termo "verbo leve", Jespersen (1949, p. 117) é apontado como um dos primeiros a utilizá-lo, segundo Butt (2010) e Bonial (2014). Na definição desse trabalho, adaptada para terminologia gramatical corrente, o verbo leve é uma palavra não significativa (isto é, semanticamente vazia) com flexão de tempo e pessoa, que acompanha a "ideia importante" (semanticamente plena) veiculada por um substantivo deverbais, sendo comparado a verbos auxiliares.

A ideia de que o V_{sup} é semanticamente vazio não é inteiramente aceita em Léxico-Gramática: ainda que "em uma primeira aproximação se considere que os verbos suporte são palavras gramaticais (...) vazias de sentido"⁷ (GROSS, 1998, p. 26, nossa tradução), "determinados verbos suporte, caracterizados por suas propriedades sintáticas, são claramente portadores de sentido"⁸ (idem, p. 28, nossa tradução). A esses verbos suporte de semântica própria, o autor denomina "variantes". Trata-se de verbos suporte que trazem informações aspectuais, os quais exploramos em mais detalhes no capítulo 3, e variantes de intensidade, repetição, exteriorização, conjuntivos e outras. Além disso, há verbos que carregam sentidos vagos: é o caso de "cometer", que atribui uma polaridade negativa ao N_{pred} com o qual se combina (GROSS, 1998, p. 39 - 40). Por fim, o V_{sup} acompanha N_{pred} como um todo, e não apenas deverbais. Dessa forma, o verbo leve de Jespersen (1949) se diferencia do V_{sup} de Gross (1998) por dois fatores: a semântica vazia do verbo leve, não obrigatória para o V_{sup} , e o tipo de substantivo que acompanha o verbo.

Procurando uma definição mais moderna de verbo leve, contrapomos nossa abordagem ainda à de Bonial (2014, p. 16), que lida com essas variações de outra maneira ao definir o "verbo leve" a

⁷ Original: "En première approximation, on pourrait considérer que les verbes supports sont des mots grammaticaux (...) vides de sens".

⁸ Original: "(...) certains verbes supports, caractéristiques par leurs propriétés syntaxiques, sont clairement porteurs de sens (...)".

partir de dois fatores: peso semântico e composicionalidade. A autora define o verbo leve como algo próximo de um verbo auxiliar em uma escala de "poder predicativo". Por esse ângulo, o verbo leve é altamente polissêmico, mas ainda mantém algum conteúdo semântico, o que o torna diferente de uma palavra funcional. Ao propor tal escala, a autora cria a categoria de verbos "semi-leves": isto é, verbos que ligam o N_{pred} a um argumento, mas mantêm uma semântica própria. Além disso, propõe uma classe à parte de verbos aspectuais, equivalente às extensões aspectuais de Gross (1998), separando-os da categoria "verbo leve".

Distanciando-se ainda mais da definição de V_{sup} em Gross (1981), Butt (2010) escreve que "(...) a habilidade de carregar informações de tempo/aspecto ou ser flexionado não é uma característica típica dos verbos leves" (p. 5, tradução nossa)⁹. Nessa perspectiva, as características sintáticas e semânticas dos verbos leves variam entre línguas, formando subtipos, e sua única característica fixa é a propriedade de formar uma única oração composta por mais de uma palavra. Deve-se notar que os objetivos translinguísticos de Butt (2010) visam conceituações aplicáveis a línguas com morfologia verbal bastante distinta da que se verifica no português, trazendo questões alheias a este trabalho. Dessa maneira, Butt (2010) diverge das três definições de V_{sup} e verbo leve previamente apresentadas.

"Verbo leve", portanto, definido nesses termos, não coincide com o conceito de V_{sup} de Gross (1998). Se tentássemos conciliar as duas nomenclaturas, levando em conta Jespersen (1949) e Bonial (2014), teríamos os "verbos leves" como uma subcategoria de V_{sup} baseada em um julgamento semântico e restrita a substantivos deverbais. Entretanto, não trabalharemos com a categoria "verbo leve" no restante deste texto, mencionando-a apenas quando for necessário evocar um trabalho que a utilize.

2.6. Papéis semânticos

É comum a algumas teorias propor a existência de uma correlação entre semântica lexical e a distribuição sintática dos argumentos, como o faz Levin (1993) e, para o português, Caçado et al (2013), por meio da noção de classes sintático-semânticas de verbos. Visando a estabelecer uma correlação entre fatores semânticos e as transformações de que tratamos neste trabalho, são estabelecidos papéis semânticos para os argumentos dos substantivos. Discutimos e descrevemos nesta seção, de um ponto de vista teórico, o papel semântico.

⁹ No original: "(...) the ability to carry tense/aspect information is not a typical characteristic of light verbs".

Elaborando uma síntese de definições de papel semântico, Kasper (2008) estabelece como hipótese geral que "papéis temáticos são generalizações entre argumentos de um predicado que visam a capturar regularidades entre representação semântica e a expressão sintática do predicado"¹⁰ (p. 23, tradução nossa). Tal visão se encontra bastante explícita em trabalhos como Gruber (1965) e Fillmore (1968) que, partindo da noção de caso gramatical, buscavam estabelecer um sistema de "casos semânticos" universalmente válido.

Delas, decorreu a noção de "hierarquia temática", segundo a qual determinados papéis semânticos têm precedência sobre outros na distribuição de argumentos. A posição de sujeito será atribuída ao argumento mais alto da hierarquia, enquanto o segundo mais baixo ficará na posição de primeiro objeto e, o mais baixo, na posição de segundo objeto. Em geral, o agente (e variações desse conceito) ocupam o topo da hierarquia, seguidos por experienciadores, pacientes e beneficiários (KASPER, 2008).

Dowty (1991) dá outra forma à ideia de hierarquia ao sugerir que os papéis semânticos são conceitos prototípicos dos quais um argumento se aproxima em maior ou menor grau. Nessa visão, a primazia é dada ao argumento que mais se aproxima do protótipo de agente, enquanto aquele que tem mais características de paciente ocupa as posições mais baixas. Primus (2009) sugere ainda a existência de um protótipo de beneficiário.

Outros usos dos termos "papel semântico" e "papel temático" são identificáveis em vários trabalhos, havendo aqueles em que são apenas índices de marcação de argumento que mantêm o sentido de um predicado entre suas várias manifestações possíveis (MEYERS, 2004). Essa ideia de papel semântico se aproxima dos índices que a sintaxe transformacional utiliza para indicar a equivalência dos argumentos entre suas transformações (N_0 , N_1 , N_2). Etiquetas desse tipo podem ser denominadas semânticas apenas na medida em que há a preservação de sua semântica - a qual permanece inexplorada - entre as manifestações sintáticas possíveis do argumento.

Em Dowty (1988), por outro lado, encontramos a defesa da ideia de que o papel semântico não está necessariamente atrelado a alternâncias sintáticas, correspondendo a conjuntos de acarretamento semântico. Isto é, receber um determinado papel semântico de um predicado implica ao argumento sua participação em uma série de outros predicados, os quais são necessariamente verdadeiros se a frase é verdadeira. Por exemplo: uma construção como N_0 tem medo de N_1 acarretaria

¹⁰ Original: "Thematic roles are generalizations among the arguments of a predicate in order to capture regularities between the semantic representation and the syntactic expression of that predicate".

frases como *N₀ tem consciência*, *N₀ tem sentimentos*, entre outros, acarretamentos que configuram o papel tradicionalmente chamado "experienciador". Trabalhos como Jackendoff (1990) e Cançado et al (2013), em um movimento semelhante, propõem dissecar os papéis semânticos em ainda outros predicados elementares abstratos, abandonando assim o papel semântico como ferramenta de análise.

O conjunto de papéis semânticos que adotamos neste trabalho, o de Talhadas (2014), se aproxima em partes da noção de Dowty (1988), pois busca apenas delimitar o sentido de tais etiquetas sem estabelecer uma correlação precisa com as transformações sintáticas, as quais são posteriormente estabelecidas de maneira empírica. Nossa escolha pelos papéis semânticos de Talhadas (2014) se dá por seu uso prévio em trabalhos recentes sobre o português no Léxico-Gramática, como as descrições de Rassi (2015) e Calcia (2016) para N_{pred} do português brasileiro.

Baseado em uma revisão de propostas de papéis semânticos, o conjunto de Talhadas (2014) divide os papéis associados a argumentos não circunstanciais (os únicos com os quais lidaremos neste trabalho) em cinco grandes tipos de papel semântico: agente, experienciador, paciente e similares, objeto e locativos. Os papéis são atribuídos a dado argumento de acordo com sua similaridade aos conceitos tais como definidos em seu trabalho, isto é, os casos prototípicos. Similarmente, fornecemos aqui alguns casos prototípicos para predicados nominais.

Os agentes são argumentos N_{hum} volicionais em relação ao predicado. A forma não especificada desse papel é marcada pela etiqueta AGENT-GENERIC. Casos específicos são os de predicados de comunicação (AGENT-SPEAKER; N_0 de "dar uma palestra"), de transferência para um recipiente (AGENT-GIVER; N_0 de "fazer doação"), de transferência orientada para o próprio agente (AGENT-TAKER; N_0 de "fazer apropriação") e de criação de um objeto (AGENT-CREATOR; N_0 de "dar origem a"). Quando há causatividade por parte do argumento, mas sem volição (o que inclui N_{nhum}), utiliza-se a etiqueta CAUSE. Por fim, o CO-AGENT é um outro participante que possui a mesma função do agente principal, ou seja, um objeto sintático em um predicado simétrico (N_I de "ter uma conversa").

O experienciador é um N_{hum} que se encontra no estado psicológico do predicado. Ele pode ser um experienciador não especificado (EXPERIENCER-GENERIC; N_0 de "ter medo", por exemplo) ou com volição (EXPERIENCER-VOL; N_0 de "ter desejo").

A classe OBJECT (que não se confunde com a função sintática de mesmo nome) se refere a argumentos que nem são afetados pelo predicado nem possuem participação volitiva ou causativa. A etiqueta mais geral é OBJECT-GENERIC, exemplificada pelo N_0 de uma série de predicados de origem adjetival, como "ter beleza", e aqueles que representam uma avaliação externa a algo ou

alguém, como "ter direito". Pacientes (PATIENT) são argumentos N_{hum} que sofrem algum tipo de alteração pela situação que o predicado denota. Exemplos de paciente são os N_I de "fazer um corte em" e "dar um tiro em".

A etiqueta OBJECT-F, definida por Talhadas (2014) como argumento frasal de predicados psicológicos, é aqui estendido a todo tipo de complemento oracional (inclusive os nominalizados), na falta de uma etiqueta que lhes dê cobertura. O N_I de predicados como "ter desejo", "ter objetivo" e "ter ideia" devem receber essa etiqueta. O papel MESSAGE caracteriza as completivas dos predicados de enunciação ("dar uma declaração", por exemplo).

Os recipientes (RECIPIENT), por sua vez, são os argumentos que não têm causalidade ou participação volitiva em um predicado de transferência. Eles passam a ter a posse do objeto. Exemplo desse papel é o N_2 de "fazer doação". Por fim, a etiqueta ADDRESSEE se aplica ao ouvinte em predicados de comunicação (N_I de "dar um telefonema"), e TOPIC categoriza o assunto desses predicados (N_I de "dar aula de"). O INSTRUMENT é algo manipulado por um agente para atingir um determinado fim (N_I de "fazer uso de"). Via de regra, ele surge como circunstancial, marcado por "com" ou "por meio de", ou mesmo sendo deslocado para a posição de sujeito quando esta não está ocupada ou, em habituais, pela construção "ser de". Assim, é argumento de um pequeno número de predicados. Finalmente, o dono de um objeto em um predicado de posse (como o N_0 de "ter posse") é marcado por POSSESSOR.

Os locativos, muito produtivos como circunstanciais, podem ser vistos como argumento de alguns predicados. A etiqueta LOCATIVE-SOURCE marca o ponto de origem em um predicado de movimento, ao passo que LOCATIVE-DESTINATION marca o ponto de chegada. Ambos se manifestam, respectivamente, como N_I e N_2 de "ter saída".

Há, portanto, vinte etiquetas de papel semântico que são efetivamente utilizadas neste trabalho. Sintetizamos os papéis no Quadro 1, inseridos em grandes classes, apresentando uma definição teórica de cada um deles e um exemplo prototípico.

| Classe | Papel semântico | Definição | Exemplo prototípico |
|------------------|----------------------|---|---|
| Agentes | AGENT-CREATOR | N_{hum} volicional que dá origem a um objeto | N_0 fazer a construção |
| | AGENT-GENERIC | N_{hum} volicional que realiza uma ação | N_0 fazer uma análise |
| | AGENT-GIVER | N_{hum} volicional que transfere um objeto | N_0 fazer uma transferência |
| | AGENT-SPEAKER | N_{hum} volicional que comunica uma proposição | N_0 ter uma conversa |
| | AGENT-TAKER | N_{hum} volicional que toma um objeto para si | N_0 fazer um roubo |
| | CAUSE | Causa não volicional de uma ação ou processo, N_{nhum} | N_0 ter um impacto |
| | CO-AGENT | Segundo agente em predicado simétrico, realiza a mesma ação que o primeiro agente | ter uma conversa com N_1 |
| Experienciadores | EXPERIENCER-GEN | N_{hum} que sente um determinado estado psicológico | N_0 ter medo |
| | EXPERIENCER-VOL | N_{hum} que deseja algo | N_0 ter um desejo |
| Objetos | ADDRESSEE | N_{hum} interlocutor de uma comunicação | fazer um discurso para N_1 |
| | INSTRUMENT | N_{nhum} manipulado por um N_{hum} | fazer uso de N_1 |
| | MESSAGE | Proposição externalizada por um N_{hum} | fazer a afirmação de que N_1 |
| | OBJECT-F | Orações completivas não externalizadas | ter o direito de N_1 |
| | OBJECT-GEN | N_{nhum} ou N_{hum} que passa por um processo ou possui alguma característica | N_0 ter charme |
| | PATIENT | N_{hum} que sofre uma alteração | N_0 ter uma morte (desagradável + dolorosa + ...) |
| | POSSESSOR | N_{hum} detentor de um objeto | N_0 ter a posse |
| | RECIPIENT | N_{hum} ou N_{nhum} que adquire um objeto | fazer uma doação para N_2 |
| | TOPIC | Assunto de uma comunicação | dar uma aula de N_1 |
| Locativos | LOCATIVE-DESTINATION | Local de chegada de N_{hum} ou N_{nhum} | fazer uma viagem a N_1 |
| | LOCATIVE-SOURCE | Local de partida de N_{hum} ou N_{nhum} | fazer saída de N_1 |

Quadro 1: Papéis semânticos (Fonte: elaborado pelo autor)

Como visto ao longo deste capítulo, o trabalho que elaboramos consistiu em identificar substantivos que aceitam uma série de testes transformacionais e relacioná-los a uma frase de base - isto é, uma frase composta por um único predicado, com todos os seus argumentos preenchidos (GROSS, 1981). Com isso, estabelecemos onde se encontram o sujeito e os objetos da frase de base naquela manifestação do substantivo em particular, bem como qual é o seu V_{sup} elementar e os papéis semânticos (TALHADAS, 2014) de cada um dos argumentos, o que permitirá cruzar os padrões

sintáticos com a semântica lexical, verificando hipóteses de correlação entre estas. O estabelecimento das relações predicado-argumento contou com experimentos de construção de frases (e, em caso de dúvida, checagem empírica) cuja conclusão obteve validação interindividual. Essa relação entre o segmento tal como se manifesta no *corpus* e a frase de base é chamada uma relação de transformação. Quantificamos as resultantes dessas transformações, relacionando-as também a características da frase de base e papéis semânticos.

3. Metodologia

Utilizando os pressupostos delineados ao longo do capítulo anterior, identificamos os N_{pred} de 4.213 frases do *corpus* Bosque, seus argumentos e as transformações que, partindo da frase de base, levam à configuração em que se manifestam. Este capítulo se divide em duas subseções: a primeira discute os métodos que empregamos para reconstruir a frase de base a partir da frase complexa, comentando como foram estabelecidos os julgamentos de aceitabilidade com base em introspecção e empirismo. Apresentamos então um teste de validação desses procedimentos metodológicos, comparando duas análises paralelas.

3.1. Introspecção e empirismo

É visível, quando se discute o estabelecimento das frases de base, a importância do conceito de aceitabilidade para a formulação das categorias em sintaxe transformacional. Todas as etapas que se propõem como parte do percurso transformacional de um segmento devem ter amparo em testes de aceitabilidade. De acordo com Harris (1968), a aceitabilidade de uma frase é um julgamento de grau, estabelecido por um falante para determinada frase inserida em um contexto, do quanto uma determinada frase é aceitável em dada língua.

Há dois procedimentos que vêm sendo utilizados no Léxico-Gramática para estabelecer a aceitabilidade: o julgamento individual, por meio de experimentos de construção de frase (introspecção), e a validação empírica, em que se atesta num *corpus* que uma determinada sequência está em uso (LAPORTE, 2007). Ambas as abordagens apresentam vantagens e desvantagens, o que torna seu uso complementar.

A construção de frases por meio de julgamento individual é dotada de uma grande flexibilidade, pois pode se aplicar a qualquer frase, mesmo aquelas para as quais não há registro. Por outro lado, o julgamento individual de aceitabilidade é vulnerável a distorções decorrentes da subjetividade do analista, tais como as características da fala de seu grupo social ou individuais, que podem enfatizar algumas formas em detrimento de outras, ou sua capacidade de imaginar contextos de uso para uma determinada forma.

A validação empírica apresenta as características inversas: é dotada de grande confiabilidade pois, considerando que se dê sobre textos de falantes nativos, representa uma manifestação autêntica da capacidade de formulação de frases de um falante do idioma. Ao mesmo tempo, as frases que podem ser assim observadas estão circunscritas a um *corpus* finito, do qual muitas formas aceitáveis

estão ausentes. Além disso, por vezes, atestar uma determinada sequência envolve pensar estratégias de busca que deem conta das possíveis variações do fenômeno-alvo, tais como preenchimento de argumento, variação irrelevante de classes funcionais (principalmente flexão, V_{sup} , preposições e artigo) e interposição de modificadores. Ainda que alguns desses problemas possam ser eliminados pela consulta a corpora com anotação morfossintática, sua extensão ainda esteja longe de ser comparável à da busca por textos em estado bruto. Dessa forma, ao contrário do julgamento individual, a validação empírica não é capaz de abranger um número ilimitado de frases.

Neste trabalho, recorreremos primordialmente à construção de frases equivalentes a partir das frases autênticas encontradas no *corpus* Bosque, seguindo a visão teórica apresentada no capítulo 2. Tal construção de frases tem como objetivo identificar as relações parafrásticas admitidas por dado substantivo, permitindo identificá-lo como predicativo ou não e, caso o seja, quais outros elementos da frase autêntica figuram como seus argumentos em uma frase de base. Exemplificamos esse processo novamente a partir da frase autêntica 17a:

17. a. "Com tanta violência, sinto uma angústia muito grande", afirmou.

Todos os substantivos da frase são testados de maneira a observar sua participação nos grupos parafrásticos especificados no capítulo 2. Assim, construímos, para os dois substantivos dessa frase ("violência", "angústia"), uma paráfrase que corresponderia a uma frase de base (com V_{sup} elementar) e outra que corresponderia a um grupo nominal. No caso de 17c, vemos que o verbo original "sentir" é comutável com o padrão "ter", estabelecendo seu sujeito como N_0 do substantivo; ele é, portanto, um V_{sup} .

17. b. Alguém faz uma violência contra alguém

c. <A violência de alguém contra alguém> causou lesões

d. Eu tenho uma angústia

e. <Minha angústia> se deve à violência

No caso em que a aceitabilidade da frase construída é incerta, buscamos sua validação empírica por meio de sistemas de pesquisa na web ou a interface de acesso a *corpora* AC/DC, da Linguatca¹¹, que tem como principal vantagem as estratégias de busca baseadas em anotação morfossintática. Suponhamos 17b e c como frases de aceitabilidade menos clara. Assim, buscando

¹¹ Disponível em <https://www.linguateca.pt/ACDC/>

confirmar a aceitabilidade dessas formas construídas, buscamos ocorrências similares em outros textos, encontrando, por exemplo, as seguintes confirmações:

18. a. São exemplos de justificativas que foram categorizadas neste item que trata dos sentimentos: 'porque ama demais seu pai e não aguentaria qualquer coisa que fosse feita contra ele' e 'porque sentiria ódio de quem fizesse uma violência sexual contra um filho ou a esposa' (Corpus Brasileiro)

b. A violência de pais contra filhos: procuram-se vítimas (Corpus Brasileiro)

Adicionalmente, mensuramos a confiabilidade das análises aqui propostas por meio de um teste de concordância, o qual é descrito na subseção seguinte.

3.2. Validação da metodologia

Duzentas frases do *corpus* foram selecionadas aleatoriamente para receber análise adicional por parte de uma linguista conhecedora do Léxico-Gramática. Pediu-se a tal analista que identificasse: os N_{pred} , seus potenciais verbos suporte, verbos operadores causativos, N_0 , N_1 e N_2) utilizando os critérios do Léxico-Gramática, os quais envolvem a convergência desses elementos a uma frase de base; a análise, entretanto, traz apenas a identificação desses elementos, ignorando-se o processo. Em seguida, comparamos essa análise à nossa, tendo como critérios: a coincidência de identificação do N_{pred} em relação aos outros substantivos da frase¹² e, para os substantivos para os quais há concordância, a coincidência dos demais elementos (V_{sup} , V_{opc} , N_0 , N_1 , N_2), incluindo sua identificação ou não identificação.

A concordância Kappa foi calculada por meio da biblioteca SciKit-Learn, para Python, utilizando-se a função `cohen_kappa_score`. Todos os 776 substantivos das 200 frases foram contados como candidatos a N_{pred} . Para os N_{pred} , aplicou-se a função sobre listas em que "1" corresponde a um elemento que foi considerado como pertencente à classe-alvo, enquanto "0" corresponde ao oposto. Dessa forma, a análise principal identificou 231 N_{pred} , enquanto a de validação estabelece 230 N_{pred} .

Para os fatores dependentes do N_{pred} (N_{0-2} , V_{sup} , V_{opc}), a concordância foi calculada levando-se em conta apenas os substantivos para os quais houve concordância. Quando a análise coincide, considera-se que há apenas um candidato à classe-alvo, marcado com "0" ou "1"; se a análise é divergente, considera-se que há dois candidatos e cada analista escolheu uma opção distinta. Dessa

¹² Por "substantivo da frase" entenda-se toda palavra que está marcada pela etiqueta "N" pela anotação morfosintática do Bosque.

forma, a análise principal contava com 1.931 unidades de análise, enquanto a de validação se deu sobre 1.926 unidades. Os resultados obtidos estão registrados na Tabela 1. Na linha "todos", que inclui todos os fatores levando em conta sua interdependência. Na linha denominada "todos (sem interdependência)", calcula-se a concordância de todos os fatores sem levar em conta que N_0 , N_1 , N_2 , V_{opc} e V_{sup} são dependentes de N_{pred} ; isto é, verifica-se a concordância desses fatores para os 776 substantivos das frases (776×6 fatores = 4.656 unidades de análise).

| Elemento identificado | Número de ocorrências na análise principal | Número de ocorrências na análise de validação | Concordância Kappa |
|------------------------------|--|---|--------------------|
| N_{pred} | 231 | 230 | 0,713 |
| V_{sup} | 46 | 84 | 0,495 |
| V_{opc} | 3 | 2 | -0,013 |
| N_0 | 48 | 59 | 0,693 |
| N_1 | 51 | 52 | 0,640 |
| N_2 | 7 | 8 | 0,405 |
| Todos | 386 | 435 | 0,678 |
| Todos (sem interdependência) | 386 | 435 | 0,702 |

Tabela 1: Concordância para uma amostra de 200 frases aleatórias (Fonte: elaborado pelo autor)

Os resultados da análise completa demonstram concordância substancial entre as duas análises, a qual foi particularmente alta para a tarefa de identificação dos N_{pred} , seguido pela concordância para argumentos N_0 e N_1 . O V_{sup} e o argumento N_2 (este último com poucos exemplares de análise) tiveram concordância razoável. Por fim, o verbo operador causativo obteve valor negativo de concordância, o que potencialmente se deve ao número de representantes muito escasso característico não apenas dessa amostra, mas do *corpus* como um todo.

Em conclusão, estabelecemos como metodologia para este trabalho a busca por frases que se caracterizem como estágios anteriores dos substantivos na frase complexa, culminando na frase de base. Tal busca conta com a elaboração de frases construídas e verificação de sua aceitabilidade por dois métodos: julgamento introspectivo e busca empírica de sua manifestação em *corpora*. Argumentamos que tais abordagens se complementam, pois fornecem resultados que não podem ser cobertos pela outra: a introspecção pode lidar com qualquer frase, mas está sujeita à subjetividade do analista; a validação empírica esbarra em um número de frases limitado, mas que configuram manifestações espontâneas em dado idioma.

A análise que realizamos por essa metodologia recebeu ainda validação por uma segunda análise que, guiada pelos pressupostos do Léxico-Gramática, obteve concordância considerável para a tarefa como um todo. Tais resultados indicam que a metodologia utilizada é, em larga medida, passível de reprodução por outros analistas.

4. Resultados: transformações e cadeias

Como visto, diante de um *corpus* de frases complexas, a metodologia de trabalho utilizada para sua descrição consiste em, por meio de introspecção e confirmação empírica, isolar os elementos fundamentais da frase e, comparando as formas resultantes com a original, definir os processos pelos quais essas formas estabelecidas por intuição - as frases elementares - se tornam o discurso. Seguindo a terminologia do Léxico-Gramática, chamamos esses processos de transformações. Ainda que, ao longo da análise, transformações novas possam ser observadas, a literatura já tem registrado um número de categorias, nas quais se incluem grande parte dos predicados que analisamos. Nesta seção, com base na bibliografia e observação do *corpus*, são definidos os tipos de transformação e suas resultantes encontradas ao longo da análise.

Ao contrário de trabalhos que buscam estabelecer os predicados que aceitam ou não dadas transformações (RASSI, 2015) ou descrever diferentes possibilidades de uma transformação para todos os predicados que a aceitam (CALCIA, 2016), nos limitamos a definir sequências lineares que caracterizam essas transformações, de maneira a observar seus padrões de ocorrência no *corpus*.

Propomos, com base em Harris (1968) e Gross (1990), a existência de dois tipos de transformação: as unárias e as binárias. O primeiro termo denota as transformações possíveis para uma única frase elementar. São citadas por Gross (1990): apassivação, pronominalização, extraposição e a derivação, sendo cada uma delas compostas de um número de subcategorias. Adicionamos a essa lista também a elisão, com discussão em Harris (1968), e a variação dos verbos suporte (GROSS, 1998), sendo a última restrita ao fenômeno aqui tratado. Por fim, a adjetivação de segmentos preposicionados é algo também aplicável aos argumentos do N_{pred} , ao lado de suas várias formas de pronominalização. Trata-se de um tipo específico de derivação licenciado para sequências *Prep N*.

Quanto às transformações binárias, Gross (1990) assim categoriza as coordenações, as relativizações, as subordinações circunstanciais e as subordinações completivas. Os três últimos tipos de transformação têm um papel de destaque na descrição dos N_{pred} : as relativizações, por serem uma etapa fundamental na formação dos grupos nominais (GROSS, 1981); as subordinações completivas, por operarem de maneira singular em interação com os verbos suporte; e as circunstanciais, pela definição da preposição que as introduz, circunscrita ao substantivo e aos verbos suporte por ele admitidos, e às possibilidades múltiplas de tomar como argumento semântico os elementos constitutivos da oração principal.

Tanto as transformações unárias quanto binárias podem incidir sobre uma frase de base ou o produto de outro processo transformacional. Assim, a caracterização de uma transformação é a descrição dos processos que levam a uma determinada forma no discurso. Para restringi-la ao fenômeno do V_{sup} , redefinimos a frase de base FB, que dará origem às demais, pelo seguinte esquema:

$$FB = N_0 V_{sup} N_{pred} (Prep N_1) (Prep N_2)$$

A forma FB, além de ser o ponto de partida para as transformações delineadas ao longo deste capítulo, é também encontrada no *corpus*, seja sem qualquer tipo de adição (como em 19a) ou com outros modificadores que não interferem na ordem dos elementos centrais a este trabalho (isto é, argumentos, N_{pred} e V_{sup} ; exemplo em 19b).

19. a. Eles estão fazendo uma "guerra" contra o tráfico.

b. Segundo ele, os traficantes também teriam interesse em negociar uma redução em suas penas.

A seguir, cada uma dessas categorias transformacionais é apresentada por meio de exemplos do *corpus* e subespecificações, sendo definidas formalmente.

4.1. Transformações unárias

São consideradas transformações unárias aquelas que não envolvem mais de uma frase elementar, mantendo um único predicado. Essas transformações incidem de maneira mais radical sobre o V_{sup} , seja mudando sua manifestação lexical (como em construções conversas, verbos suporte aspectuais) ou morfologia (passivas) ou alterando a disposição dos elementos da frase (passivação, conversão). Podem incidir também sobre os argumentos, alterando sua forma (como no caso da adjetivação e pronominalização) ou ordem (permutação, pronominalização). Uma transformação unária pode estabelecer restrições a outras: enquanto uma frase conversa pode dar origem a uma passiva, o elemento adjetivado não aceita ser movido, por exemplo, para posição anterior ao sujeito.

4.1.1. Transformações do verbo-suporte elementar

Os V_{sup} tidos como elementares descritos no capítulo anterior ("ter", "fazer", "dar") aceitam uma série de variantes, conforme descrito em Gross (1998). Identificamos nesta seção variantes que alteram a semântica dos predicados (variação aspectual, negativa, simétrica, entre outras), a ordem de linearização dos argumentos (verbos suporte conversos) ou possibilidades transformacionais posteriores (verbos suporte preposicionados).

O V_{sup} converso altera a disposição dos argumentos da frase elementar original. O argumento N_0 passa à posição de objeto, enquanto N_1 passa a ser sujeito (GROSS, 1993). Em português, os dois

verbos conversos mais produtivos são "receber" e "levar"; "ter" possui um papel ambíguo, pois pode surgir tanto como verbo elementar quanto converso, sendo sua distinção estabelecida pelas preposições e uso dos determinantes (CALCIA, 2016).

Apesar de sua semelhança com a voz passiva, as duas estruturas apresentam padrões gramaticais distintos: não há aqui necessidade de verbo auxiliar, nem possibilidade de utilizar "por" para indicar N_0 . A passiva pode, inclusive, com algumas restrições, se sobrepor à conversão.

A identificação de um V_{sup} converso consiste em recriar sua forma de base, invertendo os argumentos e encontrando um V_{sup} *standard* aceitável. Vejamos, a título de exemplo, como se dá sua identificação na frase 20.

20. a. Segundo o detetive Paulo Araújo, a delegacia recebeu um telefonema de homens que se identificaram como traficantes do morro Azul (no Flamengo).

b. Os homens (fizeram+deram) um telefonema para a delegacia (FC)

No exemplo 20a, temos a construção "receber telefonema". Restringindo os argumentos a seu núcleo, invertamos sua ordem de entrada na frase substituindo "receber" pelos verbos suporte *standard* "fazer" e "dar"¹³. Tendo a mesma informação registrada nessas duas frases, elas estabelecem uma relação transformacional.

Assim, a conversão se aplica a frases elementares de, no mínimo, dois argumentos que tenham sido alteradas por modificadores do predicado. Outras transformações verificáveis em estruturas conversas (como explicitadas ao longo das seções seguintes) se sobrepõem ao processo de conversão. Portanto, há uma única transformação possível que corresponde ao processo de conversão:

$$[Conv] = FB \rightarrow (N1 + N2) V_{sup}Conv N_{Pred} Prep N_0 (Prep N1 + N2)$$

Há verbos suporte, em geral estativos, que demandam uma preposição. Trata-se, mais comumente, de uma variante do V_{sup} "ter", embora algumas outras construções aceitem essa alternância, de acordo com Ranchhod (1989). Estabelecer os preposicionados estativos como uma classe à parte é necessário por conta de suas propriedades transformacionais singulares. Procuramos aqui estabelecer as sequências mais produtivas de V_{sup} + preposição, descrevendo suas características.

Os membros mais comuns dessa classe se constroem com o verbo "estar". Sua utilização torna o predicado estativo e momentâneo. Analisemos uma construção com a combinação "estar sob":

21. a. Além de Serpa e Teixeira, já estavam sob investigação judicial eleitoral os candidatos Márcia Cibilis Viana (federal, PDT), Paulo de Almeida (federal, PSD) e Aluizio de Castro (estadual, PPR).

¹³ O substantivo predicativo "telefonema" está presente tanto na lista de Barros (2014) quanto na de Rassi (2015). De fato, ele pode ser acompanhado pelos dois verbos-suporte.

b. Alguém faz a investigação dos candidatos (FC)

Outras combinações de "estar" previamente atestadas na literatura (RANCHHOD, 1989) são "a", "com", "sem" e "em". Além dessas, surge no *corpus* a variante "contar com".

O V_{sup} preposicionado "ser de" foi estudado em Baptista (2000), e conta com poucas ocorrências, uma das quais é exemplificada em 22.

22. Em “Um Mundo Perfeito”, o tema e seu desenvolvimento são de uma clareza exemplar.

Tais transformações se mostraram mais produtivas, no entanto, seguidas da transformação de eliminação do V_{sup} em oração adjunta, tal como descrito na seção 4.2.5.

A formação dos verbos suporte preposicionados estativos pode ser representada, assim, pelo seguinte esquema:

$$[V_{sup} Prep] = FB \rightarrow N_x (Ser + Estar) Prep N_{pred} (Prep N_y) (Prep N_z)$$

Há um número de verbos que, podendo ligar o N_{pred} a um de seus argumentos, modifica o valor aspectual da construção em relação à frase elementar. Esses V_{sup} são descritos mais detidamente em Gross (1998). Na seção 4.2, exploramos determinados pares que se formam a partir da junção de operadores autônomos, em que a construção com V_{sup} surge como argumento. Para além desses casos, há variantes aspectuais que não possuem a autonomia sintática de um operador, estando restritas ao paradigma de seleção imposto pelo substantivo. Observemos as características das variações aspectuais de V_{sup} que decorrem de transformações unárias.

23. a. Alkimin achou que também era hora de firmar namoro e pediu a JK que o apresentasse às amigas da namorada.

b. Alkimin firma namoro com alguém (FC)

A frase reconstruída em 23b, eliminando operadores intermediários, é uma versão incoativa da frase elementar 23c. Isto é, a partir do momento em que 23b ocorre, 23c passa a ser verdade; 23c só pode ser verdade depois que 23b tiver ocorrido.

23. c. Alkimin tem um namoro com alguém (FC)

Além do incoativo, encontra-se no *corpus* utilizado variantes de continuidade (24a) e terminativas (24c). Na primeira, a frase de base (exemplificada em 24b) é verdadeira em um momento anterior à frase complexa e continua sendo verdadeira no momento de sua produção. Na segunda, a frase de base (exemplo em 24d) era verdadeira até algum momento anterior à produção da frase complexa.

24. a. Durante seis voltas, os pilotos tiveram que manter suas posições por razões de segurança e aproveitavam para aquecer os pneus enquanto os carros envolvidos no acidente eram retirados.

b. Os pilotos tinham uma posição (FC)

c. Ele dirigia sozinho um Santana 90 em alta velocidade na avenida do Estado, no Cambuci (região central), quando, provavelmente, perdeu o controle do carro e bateu em um poste.

d. Ele tinha o controle do carro (FC)

O fato de que os N_{pred} impõem restrições também a esses verbos, sendo eles parte de seu paradigma seletional, pode ser constatado quando se tenta substituí-los uns pelos outros. Por meio desse procedimento, verifica-se que determinados pares não têm aceitabilidade.

25. a. Alkimin (manteve + ? perdeu) o namoro

b. Os pilotos (mantiveram + perderam) a posição

c. Ele (*firmou + manteve) o controle do carro (FCs)

Para 25a, o par terminativo preferencial é "terminar o namoro", enquanto em 25c uma opção mais idiomática seria "adquirir o controle". Por outro lado, "adquirir o namoro" e "terminar o controle" parecem construções pouco prováveis.

Há ainda variantes aspectuais preposicionadas, similarmente ao que ocorre às variantes estativas. Mas, ao contrário destas, as incoativas, durativas e terminativas não sofrem os processos de redução do V_{sup} descritos mais adiante em 4.2, conforme demonstrado em 26b. Por essa razão, não as classificamos junto com os verbos preposicionados, mas sim com as variantes aspectuais.

26. a. O pior, porém, é que nesse processo o próprio Estado caí em descrédito e acaba cedendo mais espaço às forças do caos.

b. O estado, em descrédito, não aprovou as medidas \neq o estado, enquanto caía em descrédito, não aprovou as medidas (FCs).

Além do aspecto incoativo, foram encontradas também variantes preposicionadas terminativas, como "sair de" na frase 27.

27. Divulgado na semana passada, o fraco resultado em novembro da produção industrial e das novas encomendas às indústrias acabou com as esperanças de que a Alemanha tivesse saído da pior recessão do pós-guerra no último trimestre do ano.

Verifica-se ainda a variante substitutiva, que nada mais é do que uma composição de uma frase terminativa com outra incoativa. Podemos desmembrar a construção com V_{sup} em 28a na sequência de variantes aspectuais em 28b.

28. a. Apesar de haver anunciado que o treino da Bulgária seria aberto ao público, os dirigentes mudaram de ideia pouco antes do início do treinamento e proibiram a presença de torcedores no campo da Southern Methodist University, em Dallas.

b. Os dirigentes abandonaram a ideia de fazer algo. Os dirigentes tiveram a ideia de fazer alguma outra coisa¹⁴ (FCs).

Para o francês, Gross (1996, p. 70-72) demonstra que tais aspectos podem também ser marcados por adjetivos. A frase continuativa em 24a, por exemplo, poderia ser linearizada no sintagma nominal "a posição contínua dos pilotos". Não nos aprofundaremos nessa discussão por considerar que o fenômeno foge às transformações da relação predicado-argumento, uma vez que esses adjetivos não fazem qualquer tipo de mediação entre esses elementos da frase.

O mesmo se pode dizer de frases como 29 (trecho em destaque), em que o grupo nominal surge como argumento de um verbo aspectual. Como o exemplo demonstra, esse próprio grupo nominal pode ser modificado por outro V_{sup} aspectual, marcando assim diferentes etapas de um mesmo evento.

29. Iniciado em 1958, o estudo de "O Capital" por jovens intelectuais da USP só terminaria cinco anos mais tarde.

Assim, há quatro transformações que correspondem a variantes aspectuais, sendo sua única diferença linear o paradigma de verbos que cada transformação aceita. Em caso de substituição dos verbos suporte elementares pelos aspectuais, a disposição dos elementos na sentença permanece igual. Como indicado nas formalizações a seguir, a transformação pode corresponder a qualquer um dos valores aspectuais apresentados neste capítulo, isto é, Inc(oativo), cont(inuativo), ter(minativo) e sub(stitutivo).

$$[V_{sup} \text{ Inc}] = \text{FB} \rightarrow N_0 V_{sup\text{Inc}} N_{pred} (\text{Prep } N_1) (\text{Prep } N_2)$$

$$[V_{sup} \text{ Cont}] = \text{FB} \rightarrow N_0 V_{sup\text{Cont}} N_{pred} (\text{Prep } N_1) (\text{Prep } N_2)$$

$$[V_{sup} \text{ Tr}] = \text{FB} \rightarrow N_0 V_{sup\text{Tr}} N_{pred} (\text{Prep } N_1) (\text{Prep } N_2)$$

$$[V_{sup} \text{ Sub}] = \text{FB} \rightarrow N_0 V_{sup\text{Sub}} N_{pred} (\text{Prep } N_1) (\text{Prep } N_2)$$

O V_{sup} simétrico indica reciprocidade entre os membros incluídos como sujeito ou sujeito e objeto do V_{sup} (GROSS, 1998, p. 38-39). No primeiro caso, ele se aplica apenas a sujeitos coletivos, sejam eles marcados por coordenação, plural ou substantivo que designa grupo.

¹⁴ Constata-se que "ter ideia" pode possuir tanto valor estativo quanto incoativo, a depender do aspecto gramatical do verbo (imperfectivo e perfectivo, respectivamente). Assim, sua variante incoativa se constrói com o mesmo verbo que a frase elementar, o que demonstra a idiosincrasia dessas variantes.

30. O Pentágono usa a Internet, que conecta computadores a sistemas telefônicos, para que seus funcionários troquem informações.

O V_{sup} simétrico substitui uma forma elementar (31a). Ele torna a marca reflexiva opcional, como demonstra 31b. A regência é afetada pelo uso desse verbo: o objeto passa a ser marcado por "com" (31c), como tende a ocorrer em predicados naturalmente simétricos.

31. a. Os funcionários dão informações uns para os outros

b. Os funcionários trocam informações (uns com os outros + entre si + entre eles + e)

c. Os funcionários trocam informações com os chefes (FCs)

A aplicação dessa transformação pode ser assim descrita:

$$[V_{sup} Sim] = FB \rightarrow N_0 V_{supSim} N_{pred} com N_1 (Prep N_2)$$

De uso bastante pontual são verbos suporte que formam paráfrases de construções negativas, também descritos por Gross (1998). Sua negação, conseqüentemente, corresponde a uma frase afirmativa. Seguindo esse padrão, 32b se configura como uma versão afirmativa, porém parafrástica, do trecho destacado em 32a.

32. a. Diabolismo não falta ao solista Robert McDuffie: é um violinista de mil dedos, afinadíssimo e sem medo da música.

b. O solista tem diabolismo (FC)

A frase afirmativa com o V_{sup} "faltar", por sua vez, seria uma paráfrase da frase negativa com "ter".

32. c. Falta diabolismo ao solista

d. O solista não tem diabolismo (FCs)

Portanto, o V_{sup} negativo atua sobre uma frase negativa com V_{sup} elementar, trazendo uma frase em que a negação é expressa pelo próprio verbo. Essa frase, por sua vez, também pode receber advérbio de negação.

$$[V_{sup} Neg] = Neg FB \rightarrow N_0 V_{supNeg} N_{pred} (Prep N_1) (Prep N_2)$$

É possível colocar o N_{pred} na posição de sujeito daquilo que denominamos "verbo-suporte agentivo". O sujeito da construção *standard* passa a objeto deste. Sendo assim, a operação se assemelha à formação da passiva, mas sem contar com sua morfologia. Ainda que esse processo não seja tão comum no corpus consultado, a formação desses pares $V_{sup} N_{pred}$ parece ter alguma produtividade.

33. a. A surpresa descrita por Pedro Collor atingiu todos os partidos que integram a chamada "Nova Força" da política local, liderada por Lessa.

b. Os partidos tiveram uma surpresa com algo (FC)

Definimos esse fenômeno pela seguinte transformação:

$$[V_{sup} Agn] = FB \rightarrow N_{pred} (Prep N_1) (Prep N_2) V_{supAgn} (Prep) N_0$$

Verificou-se no *corpus* a existência de verbos-suporte nominalizados. Demonstramos esse processo com o exemplo em 34. "Aplicação" admite o V_{sup} "fazer", ao passo que sua forma verbal, "aplicar", é uma variante estilística no par "dar multa".

34. a. Depois, haverá campanha de fiscalização e aplicação de multas para quem for pego em flagrante.

b. Alguém faz a aplicação de multas para alguém (FC)

c. Alguém (aplica + dá) multas para alguém (FC)

Esse não é propriamente um processo singular, mas sim uma derivação comum. A relevância dessa categoria à parte se deve ao fato de que algumas variantes de V_{sup} aceitam esse processo, ao passo que os verbos-suporte elementares não se nominalizam. Quando ocorre a nominalização de uma variante, o N_0 do predicado se desloca para a posição de sujeito de ainda outro V_{sup} , como visto em 34b.

Esse mesmo processo é mencionado em Gross (1996) para a nominalização "*prise de decision*" do francês, que também conta com um correspondente em língua portuguesa ("tomada de decisão"). Nesse trabalho, é cogitado que a expressão seja um N_{pred} composto. No *corpus* utilizado, entretanto, essa operação se mostra produtiva.

É também possível a nominalização de variantes aspectuais, como no exemplo 35, em que o aspecto terminativo de "capacidade" é expresso pelo substantivo "perda":

35. Muitas vezes as mudanças na vida do recém-aposentado levam a uma sensação de perda de capacidade.

Portanto, a nominalização de um V_{sup} obedece ao seguinte padrão, também sujeito a outras transformações, como formação de grupo nominal, forma em que aparecem os exemplos aqui comentados:

$$[Nom V_{sup}] = FB \rightarrow N_0 V_{sup2} N_{sup} de N_{pred} (Prep N_1) (Prep N_2)$$

4.1.2. Apassivação

Como ocorre com os predicados verbais transitivos, construções com V_{sup} podem ter a propriedade de se tornar passivas. A passiva não se define meramente pela troca de posição entre sujeito e objeto sintáticos: determinadas variantes de V_{sup} (conversão, agentivos) levam ao mesmo efeito por meio de outras configurações sintáticas. Dessa forma, o que singulariza a passiva é o verbo

auxiliar, a forma de particípio e o licenciamento da preposição "por" como marca do argumento N_0 (que, apesar de ser tradicionalmente chamado "agente da passiva", nem sempre é um agente; ver 36).

A apassivação também se aplica potencialmente a todo resultado de transformações unárias e binárias que mantenha um V_{sup} . O exemplo em 36 demonstra a sobreposição da passiva à construção conversa.

36. Os escritores aqui reunidos pretendem alertar a comunidade internacional sobre os ataques sofridos pela liberdade de pensar e de escrever em vários países do mundo.

Portanto, a passiva pode ser definida como uma transformação que toma uma frase completa e a retorna com as funções sintáticas invertidas, utilizando um verbo "ser" auxiliar e uma forma de particípio verbal. Para construções com V_{sup} , ela é descrita pela seguinte fórmula:

$$[Pass] = (FB + [Con] + [Vsup (Inc + Cont + Tr)] + [Nom Vsup]) \rightarrow N_{pred} (Prep N_1) (Prep N_2) Ser V_{sup} Part Por N_0$$

4.1.3. Transformação dos argumentos

Os argumentos, tanto em grupos nominais quanto nas construções com V_{sup} , podem se transformar em diversos tipos de pronome ou adjetivos denominais, além de poderem ser relativizados.

Algumas transformações de argumento selecionam frases já transformadas. É o caso da adjetivação e pronominalização, que podem incidir sobre o N_0 de um grupo nominal. Outras, como a transformação em pronome dativo, precisam se dar ainda sobre a frase elementar, bloqueando outras transformações.

Os pronomes possessivos dos predicados nominais marcam algum de seus argumentos. Propomos que, quando esse argumento é correferencial ao N_0 de um predicado, sua presença é uma possibilidade de linearização dos argumentos na frase de base ou com transformação unária, uma vez que o pronome possessivo equivalente a N_0 pode figurar em uma frase conjuntamente à sua elaboração máxima na posição de sujeito do verbo, conforme sugerem as frases em 10. Essa propriedade correferencial do possessivo com N_0 não é característica da frase elementar, mas sim de frases com V_{sup} em geral. Em 37, vemos sua ocorrência em uma frase conversa.

37. Foi ao final de um ano e três meses que o prefeito teve sua melhor avaliação.

A transformação de N_1 ou N_2 em pronome possessivo é uma transformação restrita, uma vez que nem todo objeto pode se tornar um possessivo. Essas características podem ser mais bem estabelecidas quando observamos 38, em que o pronome possessivo retoma N_1 . A interpretação desse

pronome como N₀ também é possível para o substantivo "prática" (38c), mas parece pouco provável nesse contexto. Para argumentos N₁ e N₂, o pronome possessivo forma uma classe de substituição com os segmentos preposicionados, não sendo possível que figurem na mesma frase (teste em 38d).

38. a. A reprodução assistida está regulamentada no Brasil desde novembro de 1992, embora sua prática tenha sido iniciada oito anos antes.
- b. Alguém faz a sua (= de alguém) prática da reprodução assistida (FC)
- c. Alguém faz a sua (= de reprodução assistida) prática (FC)
- d. * Alguém faz a sua (= de reprodução assistida) prática de reprodução assistida (FC)

No entanto, a mesma possibilidade não se verifica para o predicado "posição" em 39.

39. a. Gostei da sua posição sobre a religião.
- b. Alguém tem a posição de que F (FC).
- c. * Gostei da sua (= de que F) posição do Jerson sobre a religião (FC)

A transformação do argumento em pronome possessivo se aplica, portanto, a frases com V_{sup} em geral. Ela tem funcionamento distinto para N₀ e os demais argumentos, seguindo o padrão:

$$[\text{ProPoss } N_0] = (FB + [Con] + [V_{sup} (Inc + Cont + Tr)] + [Nom V_{sup}]) \rightarrow$$

$$N_0 V_{sup} \text{Poss}N_0 N_{pred} (\text{Prep } N_1) (\text{Prep } N_2)$$

$$[\text{ProPoss } N_{X \neq 0}] = (FB + [Con] + [V_{sup} (Inc + Cont + Tr)] + [Nom V_{sup}]) \rightarrow$$

$$N_0 V_{sup} \text{Poss}N_x N_{pred} (\text{Prep } N_1 \neq N_x) (\text{Prep } N_2 \neq N_x)$$

No *Léxico-Gramática*, Gross (1996, p. 70) demonstra, para o francês, os passos transformacionais de instanciação dos argumentos preposicionados como adjetivos. A constatação da existência desse fenômeno, com outros aparatos teóricos, também se verifica em Neves (1999) e Meyers (2004). Embora não a reconheça como uma relação de predicado e argumento, afirmando que o adjetivo somente exerce as funções de adjunto nominal ou predicativo (CUNHA & CINTRA, 2017, p. 275), Cunha & Cintra (2017) também constata a equivalência entre essas construções e outras compostas por verbo + substantivo, as quais são aqui consideradas construções com V_{sup}:

"Movimento estudantil (=movimento feito por estudantes)" (exemplo de CUNHA&CINTRA, 2017, p. 259)

Observa-se que, ao mesmo tempo em que eles não configuram um grupo fechado, sua formação é, de alguma maneira, restrita. Demonstramos aqui, por meio da frase 40, uma análise similar à que Gross (1996) elabora para a língua francesa.

40. a. Na sua administração, executou um plano viário com largas avenidas interligando os bairros, que provocaram um boom imobiliário.

A oração relativa em 40a parte da sequência de transformações entre 40b e 40e. A transformação de 40b para 40a é a passagem de um argumento preposicionado para uma forma de adjetivo. As formas 40d e 40e recuperam a frase de base que dá origem a essa construção causativa.

- 40. b. As avenidas provocaram um boom imobiliário.
- c. As avenidas provocaram um boom no setor imobiliário.
- d. As avenidas provocaram o boom que o setor imobiliário teve.
- e. As avenidas provocaram # o setor imobiliário teve um boom. (FCs)

Como esclarece Borillo (2004), esse não é um processo inerente aos argumentos dos grupos nominais. Trata-se de um processo derivacional aplicável a sequências preposição + substantivo, sejam elas argumentos ou não. Casteleiro (1981) distingue entre adjetivos predicativos e não predicativos com base em seu percurso transformacional: adjetivos predicativos se juntam ao substantivo por meio de uma oração relativa com cópula. De acordo com esse raciocínio, se "imobiliário" fosse predicador de "boom", a frase inaceitável 40f seria parte do percurso transformacional de 40a.

- 40. f. * As avenidas provocaram um boom, que é imobiliário (FC)

Verifica-se que alguns desses adjetivos denominais partem de N_{pred} , mantendo uma relação de correferência do sujeito com algum outro elemento.

- 41. a. Ele teve importante papel ao manter a política externa e muitos assuntos internos fora da esfera decisória da UE, ganhando a simpatia britânica
- b. A UE tem uma esfera de decisões (FC)
- c. A UE toma decisões (FC)

Por fim, verifica-se em 42 a possibilidade de um adjetivo de relação ligado a um N_{pred} funcionar como argumento ao lado de um sintagma preposicional.

- 42. a. A primeira missão lunar dos EUA em 21 anos teve início ontem, quando um foguete Titã 2 colocou no espaço a astronave não tripulada Clementine 1, que vai passar dois meses em duas órbitas da Lua para realizar completo mapeamento mineralógico e topográfico do satélite da Terra.
- b. A nave realizará um mapeamento dos minerais e da topografia da lua \neq A nave realizará um mapeamento da lua (FCs)

Definimos a adjetivação dos argumentos como segue, em que $AdjN_x$ representa uma forma adjetival aceitável para o substantivo N_x (caso não haja algum, a transformação é cerceada):

$$[Adj N_x] = Prep N_x \rightarrow AdjN_x$$

Determinadas construções, notadamente com o verbo "dar" e suas variantes, aceitam a substituição de um de seus argumentos preposicionados por pronome dativo. A linearização dos clíticos no português, presa às posições pré e pós-verbal, seguem um padrão distinto daquele que encontramos em segmentos preposicionados, conforme ilustrado em 43. Havendo um sujeito explicitado, o argumento preposicionado não pode ocupar a posição pré-verbal (43b); o pronome dativo, por sua vez, não aceita a posição pós-nominal (43c). Pelos motivos expostos, também é cerceada à frase com clítico dativo a formação de grupo nominal (43d).

43. a. Apesar da veracidade ainda hoje comprovável, na ocasião Fernando Henrique me fez graves acusações.

b. * Fernando Henrique para mim fez graves acusações (FC)

c. * Fernando Henrique fez graves acusações me (FC)

d. * <As graves acusações de Fernando Henrique me> saíram no jornal (FC)

Assim, a transformação de um argumento em pronome dativo força um outro esquema de linearização da frase simples e cerceia possibilidades de transformação. Abaixo, $V_{sup}DatN_x$ representa tanto a disposição proclítica quanto enclítica do argumento dativo.

$$[Dat Prep N_x] = (FB + [Con] + [V_{sup} (Inc + Cont + Tr)] + [Nom V_{sup}]) \rightarrow N_0 V_{sup}DatN_x N_{pred} (Prep N_y)$$

Ao contrário do que ocorre com verbos plenos, não há possibilidade de transformar o argumento de um N_{pred} em pronome acusativo.

Nos grupos nominais, o argumento plural marcado pela preposição "entre" recupera simultaneamente o sujeito e (um dos) objeto(s) da construção com V_{sup} original. Essa relação indica que tais argumentos recebem exatamente os mesmos papéis semânticos e podem ser substituídos uns pelos outros sem que haja alteração de sentido.

44. a. A excursão está sendo organizada pelo clube More Fun, que promove a troca de correspondências entre gays que não querem expor publicamente suas preferências sexuais.

Podemos reconstituir o grupo nominal nucleado por "troca" às formas 44b e 44c:

44. b. A troca de correspondência que gays fazem com outros gays

c. Gays fazem troca de correspondência com outros gays. (FCs)

A simetria pode ser observada na possibilidade de construir tais frases, mas não reside no uso das preposições "entre" ou "com". Vemos na frase 45, por exemplo, um argumento simétrico marcado simplesmente com "de". Nesse caso, o argumento é tanto N_0 quanto N_1 do N_{pred} , permitindo as formas alternativas que vemos nas frases construídas.

45. a. A alteração deve ser feita de acordo com a hora local, respeitando portanto as diferenças normais de fusos horários.

b. As alterações devem ser feitas respeitando as diferenças normais entre fusos horários (FC)

Verificam-se também algumas construções de ocorrência minoritária que são formas parafrásticas do predicado "entre", como nas frases em 46. Diremos que essas são instanciações da mesma transformação ou, no caso de 46b, são sua adjetivação.

46. a. Já bastante difundidos nos EUA, os conselhos têm atenuado problemas e melhorado o tradicionalmente difícil relacionamento franqueado X franqueador

b. Eleito presidente e primeiro-ministro, ele cuidou pessoalmente das operações militares durante as guerras grego-turcas (1920-22).

Assim, os argumentos simétricos formam classes parafrásticas em que dois argumentos podem ser estabelecidos em um único segmento. Trata-se de propriedade restrita a alguns itens lexicais. O símbolo $N_x \& N_y$ representa qualquer coordenação ou substantivo coletivo que inclua em si dois argumentos do predicador. A frase F^{Sim} é aquela que apresenta simetria, seja essa uma propriedade de uma frase elementar ou decorrente do uso de um V_{sup} simétrico.

$$[N_x \& N_y] = F^{Sim} \rightarrow N_x \& N_y V_{sup} N_{pred} (Prep N_z) (entre ProRefl = N_x \& N_y)$$

$$[Entre N_x \& N_y] = de N_x \& N_y \rightarrow entre N_x \& N_y$$

O que aqui denominamos transformação média (GROSS, 1975, p. 134) é a passagem de N_1 para a posição de sujeito e a eliminação da possibilidade de expressar N_0 . Apesar de compartilharem a primeira operação, a média se distingue da construção conversa por essa última propriedade e pelo fato de não forçar a substituição do V_{sup} . Em outras abordagens, essa transformação é chamada de "alternância inacusativa", fazendo referência à perda do caso acusativo. Fala-se ainda em "verbos neutros" (MACHONIS, 2004). Ainda que essa denominação seja comumente empregada para predicadores verbais, pode-se observar esse fenômeno também nas construções com V_{sup} . Para o inglês, Machonis (2004) testa a possibilidade de nominalização de 537 verbos neutros, concluindo que há alguma idiosincrasia dos itens na resistência dessa propriedade à derivação, sendo que apenas 241 desses verbos aceitavam ser nominalizados.

Elucidamos os critérios para identificação dessa alternância no *corpus* pela frase e o conjunto de experimentos a seguir: 47b mostra que o sujeito de 47a pode ser deslocado para a posição de complemento, enquanto 47c comprova a formação de grupo nominal e, por consequência, que o sujeito em 47b é de fato argumento do N_{pred} .

47. a. A crise da saúde tem solução, basta vaciná-la contra as ingerências político-partidárias, as omissões e desacertos dos responsáveis pelo setor.

b. Alguém tem uma solução para a crise da saúde (FC)

c. A solução de alguém para a crise da saúde é vaciná-la contra ingerências(FC)

Assim, a transformação média é caracterizada como segue:

$$[Méd] = FB \rightarrow N_I V_{sup} N_{pred}$$

Por sua vez, a passagem de instrumentos e circunstanciais de meio para a posição de N_0 é frequentemente lembrada na literatura que lida com o papel semântico atribuído pelos verbos plenos, como em Fillmore (1968) e Palmer et al (2010), mas pouco relevante para construções com V_{sup} . Ela surge ocasionalmente, como na frase 48a:

48. a. Na semana passada, a Secretaria Nacional de Direito Econômico baixou uma portaria, que aplica uma multa de 250 Ufirs (R\$ 170) aos seis colégios por cada matrícula recusada.

b. Alguém aplica multa aos colégios com base na nova portaria (FC)

Ela pode ser identificada pela seguinte formalização:

$$[Instrumento N_0] = FB + com N_{inst}|N_{meio} \rightarrow N_{inst}|N_{meio} V_{sup} N_{pred} (Prep N_1) (Prep N_2)$$

Menos comum do que a passiva convencional, mas também possível para as construções com V_{sup} , é a passiva sintética.

49. A sensação que se tem quando se está andando em um trenó puxado por cães é semelhante à do esqui aquático.

Definiremos essa transformação rara pelo seguinte esquema, em que $se+V_{sup}$ representa simultaneamente as formas proclítica e enclítica desse segmento.

$$[Pass se] = FB | [Con] \rightarrow se+V_{sup} N_{pred} (Prep N^1) (Prep N^2)$$

Descrevemos agora casos em que se omite algum elemento da frase de base sem que outros processos se acumulem. Em outras palavras, reduções (como a do V_{sup}) são caracterizadas em classes à parte, ainda que essas transformações complexas incluam elisões. Além disso, tratamos dos processos de elisão vinculados a coordenações na seção 4.2, uma vez que, nesse caso, o processo de elisão não é livre, mas sim licenciado pela coordenação.

Sobre a elisão (em seus termos, *zeroing*) Harris (1968) escreve que "em geral, morfemas que podem ser determinados com base no resto da frase e que ocupam a posição de adjuntos (...) podem

ter sua composição fonêmica reduzida a zero" (p. 78, nossa tradução)¹⁵. Essa elisão por redundância no processo transformacional explica a maioria dos casos. Para outros, o mecanismo de validação desse processo é discursivo - isto é, depende de frases contextuais elididas ou não, seguindo a proposta de Harris (1968) - e, no caso de argumentos indeterminados, semântico.

Vemos, no exemplo 50, uma omissão do V_{sup} por redundância intrafrasal:

50. Na minha primeira tentativa, fiz exatamente a mesma coisa que na primeira vez que pratiquei esqui aquático: caí e me soltei.

Quando ocorre a elisão do substantivo, deve ficar, como indicativo do sintagma nominal, um determinante e, pelo menos, um argumento ou modificador.

51. Ferrara põe o excelente Harvey Keitel para interpretar o seu papel: o do diretor que faz da falsa loira uma verdadeira atriz.

A elisão dos argumentos do N_{pred} , embora também possa se dar por redundância intrafrasal, é em geral delimitada por fatores outros, nomeadamente redundância discursiva ou não especificação. No exemplo em 52, o grupo nominal omite N_1 e N_2 . A título de explicação, um estágio anterior hipotético desse grupo nominal é reconstituído em 52b.

52. a. Normalmente nós utilizamos dados históricos sobre a produtividade em cada região, além de informações de agricultores.

b. Agricultores nos dão a informação de todos os fatos relativos à sua produção (FC).

Temos, no mesmo grupo nominal, elisões de motivações diferentes. Salvo se interpretação distinta for licenciada por outro trecho do texto, a inferência mais natural é que o ouvinte N_2 seja correferente ao pronome "nós", que ocorre anteriormente na frase. Tratar-se-ia, portanto, de elisão por redundância intrafrasal.

A completiva N_1 não faz referência a alguma informação já previamente mencionada, mas a um conjunto de informações variável e não muito bem definido, mas que necessariamente diz respeito à produção dos agricultores. Essas informações nunca serão exatamente as mesmas. Esse argumento forma, portanto, uma disjunção de completivas possíveis. Diremos que se trata de uma elisão por indeterminação.

53. Agricultores nos deram a informação de que (choveu muito + a safra foi boa + insetos destruíram o laranjal + o milho tem muita demanda + ...) (FC)

¹⁵ Original: "In general, morphemes which can be determined on the basis of the remainder of the sentence and which occupy the position of adjuncts (...) can have their phonemic composition reduced to zero".

Ainda mais comum é a elisão de todos os argumentos, como ocorre com o N_{pred} "produtividade" em 52a¹⁶. Esse padrão foi constatado para o português anteriormente em Neves (1996) e foi observado também para o francês em Laporte et al (2008).

Há registro de frases que preservam um mesmo argumento implícito em um encadeamento de predicados:

54. A aposentadoria é, em tese, o tempo de realizar planos antes abandonados pela necessidade de trabalhar, mas nem sempre é isso que acontece.

Na frase 54, o indivíduo genérico que tem aposentadoria é o mesmo que ocuparia a posição de sujeito de "realizar planos", o agente da passiva de "abandonado", o sujeito de "ter necessidade" e "trabalhar". Como em 52, são todas elisões por indeterminação.

Apesar de a elisão completa dos argumentos ser mais comum em grupos nominais, a construção com V_{sup} explícito, sob certas circunstâncias, também permite essa operação, conforme demonstrado em 55.

55. Independente da idade, tem que dar uma punição séria.

Assim, a elisão atua sobre um elemento qualquer. Ela pode surgir para eliminar uma palavra que já figura na mesma frase, em alguma outra parte do texto ou para indicar indeterminação da entidade que ocupa uma dada posição argumental, formando uma disjunção de argumentos. Representaremos o elemento elidido por "e".

$$[E X] = X \rightarrow e$$

Além da elisão, outra maneira por meio da qual se omite N_{pred} é sua pronominalização, como ocorre a outros substantivos quaisquer. Em geral, a pronominalização, como a elisão, ocorre por redundância. No português culto, o pronome acusativo tem distribuição mais livre do que nominativos e dativos, pois pode ocorrer com V_{sup} e, em sua presença, com argumentos preposicionados, conforme demonstrado em 56.

56. a. O técnico irritou-se com uma pergunta e não a respondeu.

b. O técnico não respondeu a uma pergunta que (recebeu de + *fez para) alguém(FC)

c. O técnico (recebeu uma pergunta + a recebeu) de alguém (FC)

d. Alguém (fez uma pergunta + a fez) para o técnico (FC)

A construção 56a decorre dos processos do grupo transformacional em sequência. Em 56b, identifica-se um verbo que seleciona uma relativa cujo sujeito é omitido por redundância com o

¹⁶ O grupo nominal "produtividade de cada região", igualmente aceitável, decorreria de uma construção derivada em que "região" é tomado como um substantivo coletivo que denota seus trabalhadores.

sujeito da oração principal. Como a relativa com o verbo padrão ("fazer") tem pouca aceitabilidade dentro desse paradigma, interpreta-se que essa relativa se constitui obrigatoriamente com um verbo converso ("receber", 56c) que, por sua vez, é transformação unária da frase em 56d.

Constata-se também a ocorrência de pronome nominativo, cujas restrições são maiores, uma vez que não aceita argumentos preposicionados em posição alguma:

57. a. A lei do Estado da Califórnia dá ao juiz de cada caso autoridade para impedir a presença de câmaras no tribunal se achar que ela prejudica a Justiça.

b. * Ela de câmaras prejudica a justiça (FC)

Considerando as características distribucionais mencionadas, consideramos que há dois processos de pronominalização: um que incide sobre o substantivo acompanhado de seu V_{sup} e outro que se aplica a um grupo nominal GN. O primeiro pode ter argumentos preposicionados; o segundo, não. A pronominalização de N_{pred} cerceia a redução do V_{sup} . A sequência $V_{sup}Pro$ representa todas as possibilidades de colocação do clítico.

$$[Pro N_{pred}] = (FB + Con + V_{sup} (Inc + Cont + Tr)) \rightarrow N_0 V_{sup}Pro (Prep N_1)$$

(Prep N_2)

$$[Pro GN] = [Red V_{sup}] \rightarrow Pro$$

4.1.4. Permuta

A ideia de que há uma ordem básica para as frases é algo consolidado no pensamento sobre a linguagem, sendo encontrada em gramáticas tradicionais (CUNHA & CINTRA, 2017). O Léxico-Gramática dá centralidade a essa ideia. Entende-se que, para as frases em questão, no português, tal ordem é: sujeito, V_{sup} , N_{pred} , objeto(s). Há alguns exemplos do *corpus* que, sem recorrer a maiores alterações gramaticais (como o emprego do pronome clítico, que altera as ordens possíveis), optam por outra disposição dos elementos.

58. Tancredo tivera com o governo conflitos impeditivos, aqueles que o levaram a dissolver o PP de então.

Em 58, N_1 antecede o N_{pred} . Operações como essa não são livremente aplicáveis. Além disso, não se aplicam apenas a frases elementares, mas podem também se acumular a outras transformações, conforme demonstra o trecho destacado do exemplo 59. A ordem padrão para a passiva dessas construções mantém N_1 após o N_{pred} ; nesse caso, ele surge após o agente da passiva.

59. A sensação de insegurança e a debilidade do poder público eram sem dúvida características dos Estados Unidos do final do século 18, quando (segundo a versão

mais aceita) a palavra teria sido inventada a partir da prática adotada por um juiz Lynch, de condenar e executar seus adversários sem o devido processo legal.

Adjuntos também podem ser movidos de sua posição preferencial em português (após a frase de base ou decorrente de transformação unária) para uma posição no interior da frase de um só predicado. Em 60a, vemos um outro N_{pred} com verbo preposicionado elidido ("com alegria", ver subseção 4.2) inserido entre um verbo converso e seu substantivo ("receberam a notícia"). A ordem padrão para esse procedimento é reconstruída em 60b.

60. a. Os integrantes dos movimentos Pinheiros Vivo e Vila Olímpia Viva receberam com alegria a notícia.

b. Os integrantes receberam a notícia com alegria (FC)

Harris (1968, p. 77) considera que permutas não ocorrem nas frases elementares, sendo provocadas por algum operador implícito. Essa constatação se deve ao fato de que algumas permutas trazem nuances de sentido. Como estamos lidando com a relação predicado-argumento, os possíveis sentidos das permutas não serão explorados. Lembramos, no entanto, que a clivagem (frase 61), tendo funções mais claras e morfologia explícita, realiza um tipo de permuta.

61. Foi nesse papel que, encarnada por outra Jacqueline (Bisset), Jackie O. debutou na tela, 15 anos depois de ter se transformado na mais pranteada e sedutora viúva deste século.

Consideramos que a permuta potencialmente se aplica a qualquer segmento, elementar ou transformado, correspondendo a ordens de dois segmentos X quaisquer que não estejam previstos nos esquemas descritos neste capítulo. Portanto, uma permuta é uma sequência que contém os mesmos elementos de uma sequência mais fundamental, mas em ordem distinta. Definimos à parte, para efeitos de comparação, a clivagem, que envolve o elemento permutado no operador descontínuo "ser ... que".

$$[Perm X, Y] = C_1 X Y C_2 \rightarrow C_1 Y X C_2$$

$$[Clivagem X] = C_1 X C_2 \rightarrow Ser X (o) que C_1 C_2$$

4.2. Transformações binárias

As transformações binárias unem duas ou mais frases de base ou transformadas. Há quatro processos que permitem sintetizar predicados múltiplos em uma única frase (GROSS, 1990): a relativização e suas formas derivadas (como o grupo nominal), que permitem encaixar um N_{pred} (ou um de seus argumentos) como argumento de algum outro predicado; a subordinação completiva, requerida por alguns operadores; as subordinações adverbiais que, quando contam com N_{pred} , se

formam tanto por preposições autônomas quanto processos de redução dos verbos suporte preposicionados, além de orações gerundivas com V_{sup} . Por fim, a coordenação junta operadores quaisquer sem que um tome o outro como argumento. Exploramos nesta seção as variações desses quatro tipos de transformação.

4.2.1. Relativização, subordinação e suas reduções

Dado elemento é relativizado para que possa ocupar uma determinada posição argumental (sujeito ou objeto) em um predicado para além da frase de base em que está inserido. Em relação à sua própria frase de base, trata-se de uma transformação unária, uma vez que não lhe adiciona qualquer informação. Em relação à frase complexa, trata-se de uma transformação binária, uma vez que ocorre para incluir uma frase de base dentro de outra. Em outras palavras, a relativização ocorre para satisfazer as restrições seletivas de um operador de segunda ordem. Todos os substantivos da frase com V_{sup} , elementar ou resultante de qualquer uma das transformações unárias e binárias, podem aceitar ser relativizados.

De acordo com Harris (1968, p. 162), relativizar é reduzir duas frases coordenadas, estabelecendo que algum elemento dessas frases (aquele que precede o pronome relativo) ocorre em ambas as frases; há, assim, uma meta-frase elidida que indica essa equivalência¹⁷. Portanto, toda sequência relativizada corresponde a uma frase de base e a caracterização da relativa, em contraposição a outros fenômenos de linearização similar (relativa completiva, por exemplo) consiste em estabelecê-la.

Em relação às construções com V_{sup} , as relativas podem evidenciar qualquer um dos elementos livres, isto é, N_0 , N_1 , N_2 e N_{pred} . No caso dos argumentos preposicionados, ocorre inversão das palavras. Vemos tal comportamento no exemplo 62a, derivado a partir de 62b.

62. a. Centrado no slogan "Fome e desemprego. Agricultura é a solução",
Munhoz vai falar durante o tempo a que tem direito sobre a necessidade de
aprimoramento do setor.

b. Munhoz vai falar durante <o tempo a que Munhoz tem direito>

c. Munhoz tem direito a um tempo

O pronome relativo "cujo" é uma transformação possível para sequências introduzidas por "de", sendo a única restrição à sua aplicação aos grupos nominais, em princípio, a necessidade de haver ao menos um argumento expresso.

¹⁷ Não discutiremos aqui as possíveis diferenças transformacionais entre relativas restritivas e explicativas.

63. a. O relatório dedica 42 páginas ao Japão, "cujas barreiras à importação de produtos e serviços são muito maiores do que as dos demais membros do Grupo dos Sete (países mais industrializados) e representam um entrave inaceitável ao sistema de comércio global".

b. O Japão tem barreiras à importação de produtos e serviços (FC)

A relativização é caracterizada pela transformação abaixo, em que os elementos C representam o contexto de dado elemento.

$$[Rel N_x] = C_1 (Prep) N_x C_2 \rightarrow N_x (Prep) ProRel C_1 C_2$$

Via de regra, os circunstanciais das construções com V_{sup} podem ser relativizados e reduzidos, mantendo com o N_{pred} uma relação mediada por preposição. Essas construções são similares a outras que se constroem com infinitivos verbais: "lugar de V_{inf} ", "meio de V_{inf} ", "hora de V_{inf} ", etc. No exemplo 64, com circunstancial locativo, demonstramos essas etapas para os N_{pred} .

64. a. Os novos proprietários serão integrados à rede de franquia da Pakalolo, que conta atualmente com 76 pontos de venda.

b. A franquia conta com 76 pontos em que se faz venda de seus produtos(FC)

c. Os funcionários fazem a venda dos produtos da loja em 76 pontos (FC)

Ocorre que a relativa circunstancial reduzida passa a se comportar como um grupo nominal e, por isso, optamos por incluir essa transformação neste capítulo. Sem distinguir os tipos de circunstancial ou dar atenção à etapa medial em 64b (que continua sendo classificada como construção *standard*), propomos a transformação genérica abaixo.

$$[Red Circ] \rightarrow FB \rightarrow N_{Circ} Prep N_{pred} (Prep N_0) (Prep N_1) (Prep N_2)$$

Após relativização, as passivas geralmente aceitam a elisão do verbo auxiliar e pronome relativo, como na frase 65a, processo similar àquele descrito para as sequências *N Adj* em Casteleiro (1981). A prova da relação entre tais estruturas é o fato de que se pode reconstituí-las sem alterar a relação predicado-argumento, conforme demonstrado em 65b (pela relativa passiva em sua forma plena) e 65c (pela pronominalização do N_{pred} em outra frase).

65. a. Para o ministro, disse Simon, as mudanças feitas são assimiláveis pelo plano.

b. Para o ministro, disse Simon, as mudanças que foram feitas são assimiláveis pelo plano (FC).

c. As mudanças foram feitas. Para o ministro, disse Simon, elas são assimiláveis pelo plano (FCs).

A redução das relativas passivas tem, assim, características distintas das que se encontra nas ativas, das quais tratamos na seção seguinte. Podemos caracterizá-las da seguinte maneira:

$$[Red\ RelPass] = N_{pred}\ Que\ Ser\ V_{sup}Part\ (Prep\ N_1)\ (Prep\ N_2)\ (Por\ N_0) \rightarrow \\ N_{pred}\ (Prep\ N_1)\ (Prep\ N_2)\ V_{sup}Part\ (por\ N_0)$$

Denominamos "grupos nominais" (GROSS, 1981) os segmentos que consistem em um N_{pred} (explícito ou não) e apenas seus argumentos expressos por meio de recursos gramaticais típicos dos substantivos (a saber: determinantes, preposições e adjetivos). Em nossa visão, o grupo nominal é uma forma de redução de uma frase elementar com V_{sup} .

Em determinadas abordagens sintáticas baseadas em constituintes, como Chomsky (1957), Bick (2000), entre outros, esses segmentos coincidem com sintagmas nominais modificados por sintagmas preposicionais, não havendo distinção superficial entre sintagmas nucleados por N_{pred} e outros quaisquer. Há ainda desdobramentos posteriores de alguns modelos de análise de constituintes, a exemplo de Chomsky (1968) e, mais recentemente, Alexiadou (2001), que buscam compreender os substantivos deverbiais e/ou deadjetivais como decorrentes de transformações a partir de estruturas análogas às do sintagma verbal.

Neves (1999) estuda o fenômeno em questão sob o conceito de "nome valencial", isto é, nomes dotados de estrutura argumental e regência. Os subtipos encontrados em sua análise da atribuição dos argumentos dos "nomes valenciais" coincide em larga medida com os que propomos a seguir, a despeito de Neves (1999) não apresentar uma visão transformacional ou relacionar essas estruturas às construções com V_{sup} , as quais surgem em capítulo separado de sua gramática.

Na visão adotada por este trabalho, esses segmentos são entendidos como decorrentes de uma operação de redução do V_{sup} subsequente à relativização do N_{pred} (GROSS, 1981, p. 43 - 45) ou, em alguns casos, de redução de uma oração completiva. A relação entre N_{pred} e o sujeito, na ausência de um verbo, passa a ser estabelecida por uma preposição, que substitui o pronome relativo. Consequentemente, informações de tempo, modo e aspecto deixam de ser marcadas morfologicamente no predicado. Trata-se de uma perda exclusivamente morfológica, pois tais características do predicado tendem a permanecer contextualmente recuperáveis.

Para melhor ilustrar esses processos, examinemos a frase complexa 66a.

66. a. É mais ou menos o que está acontecendo na discussão de quem tem imóvel com quem paga aluguel, por exemplo.

Temos como candidato a grupo nominal a sequência "a discussão de quem tem imóvel com quem paga aluguel", em que figura um N_{pred} ("discussão") e seus argumentos. Para demonstrar que

se trata efetivamente de um grupo nominal, devemos tentar reconstituir a frase simples de que o trecho deriva.

Como estabelecido no início da seção, o grupo nominal se forma a partir do par N_{pred} e oração relativa com V_{sup} . A reconstituição desse par leva à frase construída 66b, semanticamente equivalente a 66a.

66. b. É mais ou menos o que está acontecendo na discussão que quem tem imóvel faz com quem paga aluguel, por exemplo (FC).

Desfazendo a relativização, podemos extrair uma frase autônoma com V_{sup} (66c). Essa frase, por restrições sintáticas, não pode substituir o segmento da frase original. Ela equivale à frase 66d, que utiliza a versão verbal do mesmo predicado.

66. c. Quem tem imóvel faz uma discussão com quem paga aluguel (FC).

d. Quem tem imóvel discute com quem paga aluguel (FC).

No entanto, em um texto, um pronome demonstrativo utilizado como determinante do N_{pred} pode estabelecer relação anafórica tanto com 66c quanto 66d, sem provocar nenhuma mudança de sentido. Essa possibilidade demonstra que as frases 66a e 66b trazem a mesma informação dos segmentos nos demais exemplos.

66. e. É mais ou menos o que está acontecendo nessa discussão, por exemplo(FC).

Assim, temos nos exemplos 66 um conjunto de paráfrases. Os segmentos substituídos nesses conjuntos correspondem às frases 66c e 66d. Fica assim demonstrado que o segmento destacado em 66a é um grupo nominal, pois aceita, sem sofrer alteração semântica, as seguintes transformações: substantivo + oração relativa, frase de base e substituição por elemento anafórico com a frase de base. Todo segmento que passe por essas transformações mantendo seu sentido será considerado um grupo nominal.

Grupos nominais podem ser derivados de uma passiva relativizada (67a e b). A marca desse processo é a utilização da preposição "por" para marcar o sujeito. Essa transformação é ainda outra redução aplicada sobre [Red RelPass], descrita na seção anterior. Tal configuração não deve ser confundida com a marcação de objetos estabelecida com "por", comum a predicados que denotam sentimentos em relação a algo ("amor", "ódio", "gosto", "repulsa", etc), e só se justifica como decorrente dessa redução se houver uma construção com V_{sup} passiva correspondente.

67. a. Pelo acordo, são reduzidas de imediato todas as barreiras tributárias e alfandegárias relacionadas à importação por qualquer país do acordo, de veículos automotores, autopeças e acessórios fabricados nos demais países membros.

b. A importação de veículos é feita por qualquer país do acordo (FC)

A transformação em grupo nominal será aqui caracterizada pela transformação [RedVsup], originalmente proposta em Gross (1981). Ela se sobrepõe necessariamente à relativização e, possivelmente, à elisão de argumentos, permutação e passivação anteriores à relativização, gerando assim uma série de segmentos distintos das frases complexas.

$$[\text{RedVsup}] = [\text{Rel } N_{\text{pred}}] \rightarrow N_{\text{pred}} (\text{de } N_0) (\text{Prep } N_1) (\text{Prep } N_2)$$

Um tipo de grupo nominal bastante restrito é aquele em que o N_0 surge na forma de aposto especificativo. Na frase 68, o segmento em destaque pode ser reconstituído a uma frase de base.

68. a. "Ele já estava abraçando a candidatura Quércia", disse Itamar Borges (PMDB) de Santa Fé do Sul.

b. A candidatura de Quércia (FC)

c. A candidatura que Quércia tem (FC)

d. Quércia tem candidatura a algo (FC)

Consideraremos que essa é ainda outra transformação, incidindo sobre o grupo nominal e eliminando a preposição "de".

$$[E \text{ de}] = \text{de } N_0 \rightarrow N_0$$

4.2.2. Transformações da oração completiva

Os argumentos de tipo frástico possuem seus próprios padrões de restrição transformacional, que variam de acordo com o predicado. Esta seção é dedicada a descrever algumas características gerais e transformações de importância menor que surgem no *corpus*. Não pretendemos aqui estabelecer quais restrições são válidas ou não para cada predicado, mas sim tipificá-las. Algumas dessas características, como a própria possibilidade de tomar completiva, sua nominalização, seu caráter finito ou infinitivo, já foram explorados em outros trabalhos de descrição das frases de base (SANTOS, 2014).

Frequentemente, a oração completiva motiva a elisão dos argumentos do operador de primeira ordem. Ilustramos esse processo em 69. A composição 69c, em que não há redundância de argumento, é tão possível quanto 69b, podendo ser linearizada tanto como 69d quanto 69e, desde que o contexto torne explícito o referente do pronome.

69. a. Tenho certeza de que se pudesse concorrer a algum cargo, me elegeria.

b. Eu tenho certeza de # Eu me elegeria (frases decompostas)

c. Eu tenho certeza de # Meu irmão se elegeria (frases decompostas)

d. Tenho certeza de que meu irmão se elegeria (FC)

e. Tenho certeza de que se elegeria (FC)

A possibilidade de composição em 69c é proibida para alguns predicados, que admitem apenas uma completiva cujo sujeito seja também o do operador secundário (70a - c). A existência dessa propriedade já havia sido verificada para o francês em Gross (1975, p. 74) e, para o português, em Ranchhod (2004). O papel de alguns desses substantivos é análogo ao de verbos auxiliares modais (70d).

70. a. Em algumas cidades, onde os pais têm poder de decisão no sistema educacional, os projetos de novas escolas incorporam computadores, CD-ROM, modem e linhas telefônicas para permitir que os estudantes se comuniquem on-line.

b. Os pais têm (poder + direito + dever) de # os pais tomar decisões (frase decomposta)

c. * Os pais têm (poder + direito + dever) de # os filhos tomar decisões (frase decomposta)

d. Os pais (podem + devem) tomar decisões no sistema educacional (FC)

Como no exemplo 71, algumas completivas sofrem nominalizações. Desfazemos a nominalização de 71a na frase simples 71b. Verifica-se que, quando sofrem nominalização, as completivas dos substantivos deixam de ser introduzidas por pronome relativo.

71. a. Por que não publicar que o PT fez um seminário no Nordeste sobre ela e concluiu pela necessidade de sua construção?

b. Que alguém construa algo tem (grande + *e) necessidade (FC)

c. * O PT concluiu pela necessidade da construção que alguém (fez+ fará+teria feito) dela (FC)

d. O PT concluiu que sua construção tem (grande + *e) necessidade (FC)

No exemplo 71, a conversão do grupo nominal a uma relativa do N_{pred} não tem aceitabilidade, como demonstra 71c; o objeto gramatical que a tem é a relativa completiva subjuntiva, imposta pelo item "necessidade" (71d). Portanto, não se trata do processo por meio do qual se reduz uma oração relativa adjetiva, mas sim a nominalização de uma oração relativa completiva. Essa transformação traz implicações morfológicas: o padrão de concordância da completiva sujeito (feminino, singular) já não se verifica, como demonstrado em 72.

72. a. E anuncia, no momento mesmo da criação do indexador, que a partir de determinada data a conversão será obrigatória, conforme regras predeterminadas.

b. Será (obrigatório + *obrigatória) que alguém faça a conversão de algo(FC)

A nominalização da oração completiva pode, assim, ser caracterizada pelo seguinte esquema:

$$[Nom F] = [que F] \rightarrow N_{pred} (Prep N_0) (Prep N_1) (Prep N_2)$$

Por vezes, a preposição é omitida antes de oração completiva. Embora tenha poucas ocorrências no *corpus* devido à sua natureza escrita, tal omissão não é rara em algumas variantes faladas do português brasileiro. Gross (1975, p.69) comenta essa possibilidade para predicados verbais do francês. Trataremos esse fenômeno como uma elisão possível, isto é, uma transformação do tipo [E Prep].

73. Pepe ainda tem esperança que o centroavante Guga renove o seu contrato, vencido em 31 de dezembro.

Em 74, vemos que a estrutura argumental da oração completiva pode ser satisfeita por argumentos dos modificadores do N_{pred} . O argumento do adjetivo "bom", introduzido por "para" (relação ilustrada em 74b), é também o sujeito da completiva de "ideia" (74c).

74. a. Uma parada no Boathouse Cafe (East 72 com a Park Drive North) pode ser uma boa ideia para quem está indo ao Metropolitan pelo Central Park.

b. Essa ideia é boa para quem está indo ao Metropolitan (FC)

c. Alguém tem a ideia de que quem está indo ao Metropolitan faça uma parada no Boathouse (FC)

A frase pode ser reformulada para evidenciar melhor esse fato, como em 74d, ao se transferir esse argumento de volta para o âmbito da completiva.

74. d. É boa a ideia de que quem está indo ao Metropolitan faça uma parada no Boathouse (FC)

Há itens lexicais que permitem a extração do sujeito da completiva como seu próprio sujeito, caso seu sujeito verdadeiro (isto é, o que figura na frase elementar) não esteja explicitado. Disso, podem decorrer outras transformações, como a elisão do V_{sup} preposicionado que vemos em 75a. Nela, o argumento de "doença" é "paciente". O par forma, assim, uma completiva de "suspeita". Por sua vez, o experienciador da suspeita não está explicitado. Assim, a forma pode ser reconstituída à frase com V_{sup} preposicionado 75b e, finalmente, à frase elementar 75c.

75. a. De 205 pacientes com suspeitas da doença, 47 revelaram-se positivas neste ano.

b. Os pacientes estão com suspeitas da doença (FC)

c. Alguém tem a suspeita de que os pacientes tenham a doença (FC)

Chamemos esse processo de "extração de argumento da completiva". Ele segue o padrão a seguir: $[Xtr NO(F2)] = F1 \# que F2 \rightarrow NO(F2) V_{sup} N_{pred} (F1) Prep V_{sup} N_{pred} (F2)$

4.2.3. Controle e redução de verbo-suporte

Como mencionado na seção anterior, a relação predicado-argumento dos N_{pred} pode ser estabelecida à distância quando a frase com V_{sup} se encontra em subordinação. O N_0 da frase com V_{sup} pode ser tanto sujeito quanto objeto da oração principal, seja ela ativa ou passiva. Completivas que apresentam essa propriedade têm duas transformações características que, por sua produtividade no *corpus*, discutimos à parte nesta seção. Em 76a, temos um exemplo desse padrão.

76. a. Apesar da declaração dos separatistas, o governo britânico continua disposto a iniciar as negociações com o Sinn Fein, braço político do IRA, antes do Natal.

b. * O governo britânico continua disposto a que (seu embaixador + o governo britânico) inicie negociações com Finn (FC)

O exemplo 76b demonstra que existe aqui uma obrigatoriedade de correferência entre o sujeito da oração principal (N_0) e o sujeito da completiva (N^0) e, portanto, a obrigatoriedade de que N^0 seja eliminado. Temos, assim, que o seguinte percurso transformacional é obrigatório para frases em que, necessariamente, $N_x = N^x$:

$$[E \text{ Corr}N^x] = FI \# FB / [Con] \rightarrow Pred(N_x) V_{sup} N_{pred} (Prep N^y) (Prep N^z)$$

Esse processo tende ainda a sofrer uma redução. Propomos que alguns itens chamados "suporte" por suas propriedades de controle surgem, na verdade, do apagamento do V_{sup} elementar em uma oração subordinada completiva, algo cerceado a verbos plenos. Observemos o exemplo 77.

77. Ana Moser declara paixão por futebol

Nessa frase, a interpretação é necessariamente que Ana Moser é também a experienciadora da paixão, além de sua enunciadora. É possível reconstituir essa frase de dois predicados a uma forma em que o V_{sup} elementar figura no infinitivo, conforme o processo mais produtivo (78a) e, subsequentemente, a divisão mais clara desses dois predicados, ao separá-los em duas frases diferentes (78b). Assim, essas frases não atendem ao princípio da indivisibilidade, nem tampouco tem seu verbo estabelecido pelo substantivo. Por isso, seu verbo não se encaixa na definição de "suporte" que estabelecemos aqui.

78. a. Ana Moser declara ter paixão por futebol.

b. Ana Moser tem paixão por futebol. Ela declarou isso. (FCs)

Similarmente, a frase a seguir utiliza um verbo comum, pleno, para relacionar seu sujeito à posição de objeto na estrutura argumental do N_{pred} . Note que, na verdade, se trata da omissão de um V_{sup} converso, uma vez que a frase construída em 79b é equivalente a 79a.

79. a. Não sei se ele vai querer meu apoio, mas farei tudo que puder por ele.

b. Não sei se ele vai querer receber meu apoio, mas farei tudo por ele (FC).

Trata-se do mesmo comportamento identificado em determinadas extensões aspectuais que, em geral, têm a forma de verbos auxiliares aspectuais. No caso de 80a, temos uma locução verbal nessa posição, que é intercambiável com a forma contendo V_{sup} explícito 80b, bem como formas que utilizam um auxiliar aspectual unilexical (80b).

80. a. Os empresários abriram mão de posições históricas, eventualmente visando sua proteção, para construir e defender ideias exclusivamente de interesse coletivo para o desenvolvimento global.

b. Os empresários (abriram mão + abdicaram) de (ter + e) posições históricas (FC)

Assim, tal propriedade é comum a alguns verbos que selecionam oração completiva infinitiva ou gerundiva, incluindo auxiliares. Trata-se de um processo de redução do V_{sup} em orações subordinadas.

O comportamento dessa variante aspectual difere da que verificamos no trecho em destaque da frase 81a, que não permite trocar o substantivo por uma oração com V_{sup} (teste em 81b). No entanto, o trecho pode ser parafraseado por outro verbo que o pode (81c):

81. a. A única alternativa que resta a Sarney de fato é que o Superior Tribunal de Justiça acate a denúncia de estelionato apresentada pelo Ministério Público Federal contra Orestes Quércia e que, neste caso, o ex- governador de São Paulo renuncie à candidatura do PMDB.

b. * Tem (a + uma) única alternativa resta a Sarney + * A Sarney resta ter (a + uma) única alternativa (FCs)

c. Sarney continua tendo uma única alternativa (FC)

Isso demonstra também que a variação aspectual nas construções com verbos suporte pode se dar de dois modos: pela escolha de um V_{sup} que traga em si tal informação aspectual ou pela escolha de um verbo auxiliar aspectual que faça a intermediação da relação entre o sujeito e o V_{sup} , situação na qual o V_{sup} pode ou não ser elidido, transferindo sua propriedade de suporte ao verbo auxiliar.

Tal propriedade, como se pode ver em 82, não é compartilhada por auxiliares modais, apesar da similaridade entre as classes. Os modais não admitem que o V_{sup} sob o qual têm escopo seja elidido.

82. a. Depois será a vez dos financiamentos rurais e, no início de junho, acenará os rumos que poderão tomar os pontos fundamentais do plano [sic] a política monetária e a política cambial.

b. Os pontos fundamentais poderão (* e + tomar) rumos (FCs)

Em outra perspectiva, Meyers (2007) chama esses elementos de "suporte" por conta de sua propriedade de correferência: "adjetivos suporte comuns incluem: *confiante* (*Ela estava confiante na vitória*) e *sujeito* (*as regras estavam sujeitas a mudança*)¹⁸" (p. 69 - 71, nota de rodapé, nossa tradução). Por outro lado, esse tipo de verbo é excluído da categoria "suporte" em Petruck & Ellsworth (2016), onde são tratados como "controle", e em abordagens que utilizam o termo "verbo leve", como Bonial (2014), Kearns (2002), Jackendoff & Cullicover (2005), entre outros, uma vez que, via de regra, esses operadores têm algum peso semântico.

Há, portanto, um outro processo de elisão do V_{sup} que atua não em contextos em que o item lexical é redundante, mas sim orações infinitivas e gerundivas. Ele depende da transformação [$E CorrN^X$] e é formalizado como segue.

$$[E CompV_{sup}] = F \# [E CorrN^X] \rightarrow Pred(N_x) N_{pred} (Prep N^y) (Prep N^z)$$

Há também operadores de segunda ordem que tomam N_{pred} como seu objeto e, como um V_{sup} , os ligam a seu argumento. Não se trata de itens meramente gramaticais ou dependentes do substantivo, mas sim de itens autônomos. Com base nos testes em 83, propomos que esses verbos, por definição, simplesmente descartam o argumento redundante no grupo nominal, uma vez que sempre será o mesmo.

83. a. Agricultor acerta dívida

b. * Agricultor acerta (ter + que tem) dívida (FC)

c. Agricultor acerta a dívida que tinha (FC)

d. Agricultor acerta dívida de seu filho (FC)

A frase em 83d, que rompe com o critério da relação entre N_0 e substantivo, é também possível. Porém, essa interpretação depende da marcação explícita desse argumento ou de algum contexto em que já se saiba quem contraiu a dívida. Sem tal informação, a interpretação saliente é de que a dívida é do próprio agricultor.

Apesar de os exemplos em 83 apresentarem um padrão semântico específico - o de alterações na modalidade das construções - algumas das possibilidades de construção de relações gramaticais desse tipo se dão com verbos de outros sentidos.

84. Tentava, a custo, firmar a voz, sob flashes dos fotógrafos.

¹⁸ Original: "Common support adjectives include: *confident* (*She was confident of victory*) and *subject* (*The rules were subject to change*)".

A voz em questão é necessariamente a da pessoa que a firma; portanto, há relação particular entre N_0 e N_{pred} . Apesar de homônimo, o verbo não tem os sentidos incoativos encontrados na frase 23a.

Encontramos, portanto, um padrão em operadores que selecionam grupos nominais. Se o sujeito do operador é correferente ao do grupo nominal, ele não se repetirá como argumento preposicionado no âmbito do grupo nominal. A ausência de especificação de um argumento N^x no grupo nominal pressupõe (para alguns operadores) que o N^x é o mesmo do predicado principal. Formalizamos essa descrição da seguinte maneira.

$$[\text{Red GNPred}N^x] = \text{Pred}(N_x) N_{pred} \text{ Prep } N^x \rightarrow \text{Pred}(N_x) N_{pred}$$

4.2.4. Coordenações

Para Harris (1968), as coordenações se dão entre frases. Quando ocorre uma coordenação entre dois segmentos que trazem elementos em comum, os elementos redundantes costumam sofrer elisão. A construção com V_{sup} e os grupos nominais permitem, em estruturas coordenadas, o apagamento de todos os seus componentes, o que leva a diferentes linearizações da conjunção coordenativa. A elisão das preposições dos argumentos preposicionados varia livremente (85a e 85b), bem como pronomes possessivos (85c). Também não é impossível que verbos suporte e plenos se coordenem (85d).

85. a. Depois da Portuguesa, esta tarde no Canindé, o Palmeiras fará três jogos seguidos em seu estádio: contra o Bragantino, terça-feira, a Ferroviária, quinta-feira, e o América, domingo.

b. Ostentavam um patamar aparentemente sólido, que evidenciava a radicalidade dos estratos médios e dos intelectuais envolvidos na rejeição do "status quo".

c. "Não acho que seja câncer, pode ser algo relacionado aos meus medos e angústias", afirmou.

d. Um grupo de torcedores arremessou ovos podres e insultos contra o time, na volta para a Cidade do México na noite de domingo passado.

Dada a análise, consideramos que a coordenação em si é apenas a junção de duas frases por meio de um operador funcional:

$$[\text{Coord}] = F1 + F2 \rightarrow F1 \text{ CCord } F2$$

Entretanto, ela comumente é aplicada a frases que se organizam de maneira similar, o que permite que se possa elidir uma série de elementos por redundância. Os elementos que são efetivamente elididos por meio desse processo, em princípio, não são restritos.

4.2.5. Substantivos predicativos em adjunção

Apresentamos aqui fenômenos que trazem o N_{pred} em adjunção adverbial ou adnominal a uma frase contendo um de seus argumentos. O funcionamento dos adnominais é simples: o substantivo que os recebe é, dependendo da preposição utilizada, um ou outro de seus argumentos. Os argumentos selecionados pelo substantivo em adjunção adverbial, como é normal para essa função sintática, têm variabilidade maior: por vezes, teremos o sujeito da oração principal como argumento do substantivo; em outros casos, poderá sê-lo o objeto, ou ambos; em caso de substantivos que aceitam completiva, a oração principal inteira pode ser seu argumento. Assim, as locuções formadas pelos N_{pred} nessas funções formam classes de substituição com adjetivos e advérbios.

Há dois percursos transformacionais possíveis para esses adjuntos: 1- a partir da redução de V_{sup} preposicionado; 2- pela redução de um V_{sup} em oração subordinada adverbial, quando há redundância entre seu sujeito e o da oração principal. As duas seções a seguir analisam esses casos separadamente.

Em Gross (1981), determinados adjuntos são entendidos como reduções de construções com V_{sup} preposicionadas, o que dá conta de explicar boa parte dos casos de substantivo em adjunção. Em outras perspectivas, Meyers (2004) e Petruck & Ellsworth (2016) descrevem esses itens como "preposições suporte", sem estabelecê-las como dependentes dos verbos.

Para demonstrar esses fenômenos segundo a abordagem de Gross (1981), tomemos como exemplo os elementos destacados da frase em 86.

86. Na condição de senhor de idade com ideias adolescentes, Tio Dave vem observando com bastante inquietação que seu sentido do paladar parece estar se esvaindo pelo ralo

O adjunto adnominal "com ideias" pode ser reconstruído a uma frase anterior no processo transformacional (87a). Essa frase traz as mesmas informações do sintagma nominal completo e sua versão relativa pode ocupar o mesmo contexto sintático da sequência N_0 Prep N_{pred} (87b).

87. a. Alguns senhores de idade estão com ideias adolescentes.

b. Na condição de senhor de idade que está com ideias adolescentes, tio Dave vem observando com bastante inquietação que seu sentido do paladar parece estar se esvaindo pelo ralo. (FCs)

Apesar da função adverbial, os outros dois trechos em destaque permitem reconstrução idêntica:

88. a. Tio Dave está na condição de senhor de idade com ideias adolescentes.
 b. Tio Dave está com bastante inquietação. (FCs)

Todas as formas subjacentes podem ser expostas por meio de orações relativas e, tomando o mesmo argumento, podem ser coordenadas, o que nos levaria às quase paráfrases em 89. A existência dessa possibilidade reitera a relação das formas em 88 com os segmentos da frase original 87, além de sugerir que esse tipo de adjunto aceita tanto as posições adnominais quanto adverbiais sem qualquer alteração de forma. Isso se deve ao fato de que, embora se relacione sintaticamente à oração, sua relação semântica de predicado-argumento se estabelece com o sujeito. Nesse caso, a relação do substantivo com a oração principal pode ser dita de concomitância, correlação ou causalidade, mas não argumental.

89. a. Tio Dave, que está com bastante inquietação e na condição de senhor de idade com ideias adolescentes, vem observando que seu sentido do paladar parece estar se esvaindo pelo ralo.

b. Tio Dave vem observando com ideias adolescentes que seu sentido do paladar parece estar se esvaindo pelo ralo. (FCs)

Para determinadas construções, também é possível que o N_0 do substantivo seja uma oração, como no exemplo 90a, que podemos reconstruir para a relativa em 90b, a uma frase com verbo converso em 90c e, finalmente, à forma de base em 90d.

90. a. Os brancos fizeram tudo em seu poder para invalidar ou menosprezar cada sinal de talento, virtude ou superioridade entre os negros.
 b. Os brancos fizeram tudo o que estava em seu poder (FC)
 c. Fazer determinadas coisas estava no poder dos brancos (FC)
 d. Os brancos tinham o poder de fazer determinadas coisas (FC)

Por apresentarem tais características, propomos o seguinte esquema transformacional para esses fenômenos:

$$[\text{Red } V_{\text{sup}}\text{Prep}] = F1 \# [V_{\text{sup}} \text{Prep}] \rightarrow \text{Pred}(N_x) \text{Prep } N_{\text{pred}} (\text{Prep } N_1) (\text{Prep } N_2)$$

O mesmo processo de redução do V_{sup} encontrado nos predicados que aceitam oração completiva se verifica em algumas subordinadas adverbiais. Em 91a, temos duas orações unidas por "após", em que a interpretação preferencial é a de que o sujeito da principal é também parte da estrutura argumental do substantivo subordinado. Por meio de introspecção, vê-se que a forma é

parafrástica de 91b, composição feita a partir das frases em 91c por um processo de eliminação de sujeito redundante.

91. a. Nos últimos cinco anos, só na Argentina, a Coca-Cola investiu US\$ 800 milhões na aquisição de novos equipamentos e desenvolvimento de novas tecnologias, lembrou Ivester após encontro com o presidente argentino Carlos Menem.

b. Ivester lembrou disso após ter um encontro com o presidente (FC)

c. Ivester lembrou disso# após # Ivester teve um encontro com o presidente (frase decomposta)

Como se pode ver em 92, o agente da passiva (inclusive implícito) também pode ser selecionado como argumento desses substantivos em adjunção (92a), fato que se torna mais claro quando se passa a frase para a voz ativa (92b). Apesar de a preposição "sem" introduzir aqui a subordinada, não se trata de redução de V_{sup} preposicionado, mas sim de uma forma coincidente, uma vez que a forma 92c não existe.

92. a. Pensavam que meu livro "Três Tristes Tigres" seria recebido sem grande estardalhaço.

b. Alguém recebeu o livro sem (*e* + fazer) estardalhaço (FCs)

c. * Alguém está (com + sem) estardalhaço (FCs)

d. Alguém fez estardalhaço (FC)

As frases descritas na subseção anterior, por sua vez, não aceitam a recuperação do V_{sup} elementar feita em 91b e c. A inaceitabilidade do grupo 93 demonstra sua natureza distinta.

93. a. * Tio Dave está em ter a condição de senhor de idade

b. * Os brancos fizeram tudo o que estava em ter seu poder (FCs)

Definimos, respectivamente, a elisão do seu sujeito e do V_{sup} como segue:

$$[E AdvN^0] = F \# [Sta | Con | AspX] \rightarrow Pred(N_x) V_{sup} N_{pred} (Prep N^1) (Prep N^2)$$

$$[E AdvV_{sup}] = F \# [E AdvN^0] \rightarrow Pred(N_x) N_{pred} (Prep N^1) (Prep N^2)$$

Um outro tipo de N_{pred} em adjunção adverbial é aquele cujo argumento é a própria oração principal, conforme exemplificado pela frase 94.

94. Em junho, Christensen esteve no Brasil a convite da Fundação Dom Cabral de Belo Horizonte, para acompanhar a segunda etapa do curso STC-Executivo.

A relação marcada pela preposição "a" no trecho em destaque pode ser reconstruída às transformações em 95b, que culminam no grupo nominal 95c:

95. a. A Fundação fez um convite a Christensen para vir ao Brasil.

b. <O convite para vir ao Brasil que a Fundação fez a Christensen> foi atendido

c. <O convite da Fundação a Christensen para vir ao Brasil> foi atendido(FCs)

Essas frases, que em geral também apresentam alternância na marcação da oração completiva, obedecem ao seguinte esquema:

$$[Adjnc F] = N_0 V_{sup} N_{pred} Prep F (Prep N_2) \rightarrow F Prep N_{pred} Prep N_0 (Prep N_2)$$

4.2.6. Verbo operador causativo

No Léxico-Gramática, o operador causativo é entendido como um verbo que adiciona um outro argumento a um predicado (GROSS, 1981, p. 24), submetendo a frase elementar a uma transformação. No português, os verbos causativos tendem a ser bitransitivos em que figura na posição de complemento direto o N_{pred} e, como complemento indireto, um argumento do N_{pred} . Outra possibilidade é o causativo que seleciona grupo nominal como objeto direto. Além disso, comumente trazem valores aspectuais (majoritariamente incoativo, sendo continuativo e terminativo também possíveis) ao predicado (GROSS, 1998, p. 30 - 33). Como visto em 96, nesse processo, o argumento pode virar um clítico dativo (96a). A frase 96b explicita a frase elementar subjacente à construção com operador causativo em 96a.

96. a. Aquele pensamento provocou-me um arrepio estranho e delicioso.

b. Aquele pensamento provocou # Eu tive um arrepio (frase decomposta)

Em 97a, vemos o verbo operador causativo sendo aplicado ao predicado "ter direito". O V_{sup} é eliminado e o argumento se torna objeto indireto. Conforme demonstra 97b, nesse caso, a sequência acusativo-dativo é substituível por uma completiva finita em que figura o V_{sup} .

97. a. "A Justiça foi aplicada porque o Estatuto da Criança e do Adolescente garante o direito de escolas a todas as crianças", disse Márcia Mendes, presidente da Associação dos Pais de Alunos do Pitágoras, um dos seis colégios acusados de recusar as matrículas.

b. O estatuto garante que todas as crianças têm direito a escola (FC)

Para alguns verbos, como "por" e "colocar", o substantivo deve vir na forma de V_{sup} preposicionado reduzido, o que é mencionado em Ranchhod (1983), conforme exemplo.

98. a. A IRLF só aprova o aborto quando a gravidez coloca em risco a vida da mãe.

b. A gravidez coloca # a vida da mãe está em risco (frase decomposta)

Verifica-se nos exemplos em 99 a existência de causativos continuativos (99a) e terminativos (99c). Embora 99a possa passar despercebida como construção causativa por conta do pronome reflexivo, a possibilidade de substituir tal pronome por outro substantivo qualquer (99b) demonstra essa propriedade mais claramente, além de mostrar que ela contém construções com V_{sup} preposicionado. As frases 99c e 99d mostram a possibilidade de adicionar uma relativa com V_{sup} ao N_{pred} sob escopo do operador causativo, além de sua equivalência a uma frase negativa.

99. a. Na ocasião, Fidel Castro permitiu a saída de milhares de pessoas insatisfeitas com seu regime e abriu um novo espaço para se manter no poder.
- b. Fidel manteve Raul no poder = Raul continua no poder = Raul está no poder (FCs)
- c. Também vamos distribuir 1 milhão de cestas básicas para matar a fome da população até a transição para a democracia.
- d. Nós matamos a fome que a população tem = A população não tem fome(FC).

Assim, o verbo operador causativo atua sobre uma frase elementar, por vezes deslocando seu argumento para a posição de complemento indireto e, em outros casos, transformando-o em grupo nominal. O primeiro deles aceita a cliticização do argumento. A depender do verbo, o substantivo pode surgir diretamente ou em sua forma preposicionada: esse último tipo de operador causativo se aplica, claramente, ao V_{sup} preposicionado, e não à construção *standard*. Por fim, todo causativo envolve também um aspecto. Por essas razões, identificamos três tipos de construção causativa, como descritos abaixo.

$$[Caus\ GN\ AspX] = FB \rightarrow N^x V_{opcAspX} GN$$

$$[Caus\ Dat\ AspX] = FB \rightarrow N^x V_{opcAspX} N_{pred} (Prep\ N_1) (Prep\ N_2) Prep\ N_0$$

$$[Caus\ Prep\ AspX] = [Vsup\ Prep] \rightarrow N^x V_{opcAspX} N_0 Prep\ N_{pred} (Prep\ N_1) (Prep\ N_2)$$

4.2.7. Elisão por redundância entre orações não relacionadas

Por vezes, o estabelecimento da relação predicado-argumento entre os elementos visíveis da sentença não decorre de processos de transformação sintática lineares entre as duas frases, mas sim por correferência entre elementos de duas estruturas paralelas. Harris (1968) sugere que essa equivalência se estabelece por uma metafrase implícita, a qual permite que uma das manifestações de um segmento seja elidida mantendo recuperável a relação predicado-argumento. Esse tipo de caso se diferencia da mera elisão de argumentos, pois há, na mesma frase, elaboração do argumento em alguma outra posição.

100. Patologistas de hospital de Riverside (Califórnia) tiveram que vestir roupas especiais para autopsiar corpo de uma mulher que teria químicos tóxicos no sangue, porque o cheiro os fez desmaiar.

Diante de 100, sabemos que as frases construídas em 101 são verdadeiras e, portanto, o objeto de uma das orações adjuntas ("o corpo de uma mulher...") também é argumento do N_{pred} .

101. a. O cheiro do corpo os fez desmaiar

b. O corpo tem um cheiro(FCs)

Essa interpretação surge por uma relação de sentido que estabelecemos entre os elementos. Note que o cheiro em questão poderia advir de outra fonte; o que sugere a interpretação em 101a é o fato de o argumento de "cheiro" ter sido elidido em tal contexto. Seu preenchimento licenciaria interpretações distintas, como na frase construída 101c.

101. c. Patologistas tiveram que vestir roupas especiais para autopsiar corpo de uma mulher que teria químicos tóxicos no sangue, porque o cheiro de uma substância acidentalmente despejada no chão os fez desmaiar. (FC)

A única coisa que licencia a interpretação mais natural da frase 100 é, portanto, a elisão de um elemento correferente. Caracterizamos esse tipo de frase pela transformação abaixo, que nada mais é do que uma versão da elisão comum que especifica a falta de continuidade entre as transformações que compõem duas orações com um mesmo elemento em comum.

$$[E X \text{ redund}] = C1 X C2 X \rightarrow (C1 C2 X + C1 X C2)$$

Ao longo deste capítulo, estabelecemos as transformações das quais participa o predicado que tem um substantivo como núcleo. Seguindo a terminologia de Harris (1968) e Gross (1993), estas foram divididas em transformações unárias e binárias. As primeiras se aplicam a uma única frase de base, enquanto as segundas relacionam elementos de dois predicados distintos. Acreditamos, assim, ter apresentado uma descrição exaustiva das transformações que se aplicam ao N_{pred} no *corpus* utilizado. Sintetizamos essa descrição no Quadro 2, em que são apresentadas as cadeias de entrada e saída para cada uma das transformações descritas.

| Transformação | Cadeia de entrada | Cadeia de saída |
|---|--|--|
| [Conv] | FB | (N ₁ + N ₂) V _{supConv} N _{pred} Prep N ₀ (Prep N ₁ + N ₂) |
| [V _{sup} Prep] | FB | N _x (Ser + Estar) Prep N _{pred} (Prep N _y) (Prep N _z) |
| [V _{sup} Inc] | FB | N ₀ V _{supInc} N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [V _{sup} Cont] | FB | N ₀ V _{supCont} N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [V _{sup} Tr] | FB | N ₀ V _{supTr} N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [V _{sup} Sub] | FB | N ₀ V _{supSub} N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [V _{sup} Sim] | FB | N ₀ V _{supSim} N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [V _{sup} Neg] | Neg FB | N ₀ V _{supNeg} N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [V _{sup} Agn] | FB | N ₀ V _{supAgn} N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [Nom V _{sup}] | FB + [Con] | N ₀ V _{sup2} N _{sup} de N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [Pass] | FB + [Con] + [V _{sup} (Inc + Cont + Tr)] + [Nom V _{sup}] | N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) Ser V _{supPart} Por N ₀ |
| [ProPoss N ₀] | FB + [Con] + [V _{sup} (Inc + Cont + Tr)] + [Nom V _{sup}] | N ₀ V _{sup} PossN ₀ N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [ProPoss N _{x≠0}] | FB + [Con] + [V _{sup} (Inc + Cont + Tr)] + [Nom V _{sup}] | N ₀ V _{sup} PossN _x N _{pred} (Prep N ₁ ≠N _x) (Prep N ₂ ≠N _x) |
| [Adj N _x] | Prep N _x | AdjN _x |
| [Dat Prep N _x] | FB + [Con] + [V _{sup} (Inc + Cont + Tr)] + [Nom V _{sup}] | N ₀ V _{sup} DatN _{x≠0} N _{pred} (Prep N _{y≠0}) |
| [N _x &N _y] | FB _{sim} + [V _{sup} Sim] | N _x &N _y V _{sup} N _{pred} (Prep N _z) (entre ProRefl = N _x &N _y) |
| [Entre N _x &N _y] | de N _x &N _y | entre N _x &N _y |
| [Méd] | FB | N ₁ V _{sup} N _{pred} |
| [Instrumento N ₀] | FB com N _{inst} | N _{inst} V _{sup} N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [Pass se] | FB + [Con] + [V _{sup} (Inc + Cont + Tr)] + [Nom V _{sup}] | se+V _{sup} N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [E X] | X | E |
| [Pro N _{pred}] | FB + [Con] + [V _{sup} (Inc + Cont + Tr)] + [Nom V _{sup}] | N ₀ V _{sup} Pro (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [Pro GN] | [Red V _{sup}] | Pro |
| [Perm X, Y] | C ₁ X Y C ₂ | C ₁ Y X C ₂ |
| [Clivagem X] | C ₁ X C ₂ | Ser X (o) que C ₁ C ₂ |
| [Rel N _x] | C ₁ (Prep) N _x C ₂ | N _x (Prep) ProRel C ₁ C ₂ |
| [Red Circ] | FB | N _{Circ} Prep N _{pred} Prep N ₀ (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [Red RelPass] | [Pass] -> [Rel N _{pred}] | N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) V _{supPart} (por N ₀) |
| [Red V _{sup}] | [Rel N _{pred}] | N _{pred} (de N ₀) (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [E de] | de N ₀ | N ₀ |
| [Nom F] | que FB | N _{pred} (Prep N ₀) (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [Xtr N ₀ (F ₂)] | F ₁ # que F ₂ | N ₀ (F ₂) V _{sup} N _{pred} (F ₁) Prep V _{sup} N _{pred} (F ₂) |
| [E CorrN _x] | F ₁ # (FB + [Con] + [V _{sup} (Inc + Cont + Tr)] + [Nom V _{sup}]) | Pred(N _x) V _{sup} N _{pred} (Prep N _y) (Prep N _z) |
| [E CompV _{sup}] | F # [E CorrN _x] | Pred(N _x) N _{pred} (Prep N _y) (Prep N _z) |
| [Red GNPrepN _x] | Pred(N _x) N _{pred} Prep N _x | Pred(N _x) N _{pred} |
| [Red V _{sup} Prep] | F ₁ # [V _{sup} Prep] | Pred(N _x) Prep N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [E AdvN ₀] | F ₁ # (FB + [Con] + [V _{sup} (Inc + Cont + Tr)] + [Nom V _{sup}]) | Pred(N _x) V _{sup} N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [E AdvV _{sup}] | F # [E AdvN ₀] | Pred(N _x) N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [Adjnc F] | N ₀ V _{sup} N _{pred} Prep F (Prep N ₂) | F Prep N _{pred} Prep N ₀ (Prep N ₂) |
| [Coord] | F ₁ + F ₂ | F ₁ CCord F ₂ |
| [Caus GN] | FB | N _x VopcAspX GN |
| [Caus Dat] | FB | N _x Vopc N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) Prep N ₀ |
| [Caus Prep] | [V _{sup} Prep] | N _x Vopc N ₀ Prep N _{pred} (Prep N ₁) (Prep N ₂) |
| [E X redund] | C ₁ X C ₂ X | (C ₁ C ₂ X + C ₁ X C ₂) |

Quadro 2: Transformações aplicáveis às frases com verbo-suporte (Fonte: elaborado pelo autor)

A linearização dos elementos da frase (isto é, as cadeias) não estabelece uma relação de 1:1 com as transformações exploradas ao longo deste capítulo. Uma mesma sequência pode ter sido gerada por mais de uma transformação (ou sequência de transformações) diferente, ainda que toda transformação remeta a uma única cadeia. Mais notadamente, sequências $N_{pred} Prep N_x$ podem ser geradas tanto por meio da relativização de um N_{pred} [Rel N_{pred}] quanto pela redução de uma oração completiva finita [Que F] ou a eliminação de V_{sup} em oração completiva infinitiva V_{inf} . Argumentos deslocados da construção com V_{sup} ou grupo nominal podem ser uma elisão por uma redundância intrafrasal [E N_x redund], que ocorre ao acaso, ou eliminação de argumento correferente a argumento do predicado principal em oração completiva infinitiva [E Comp N_x], esse sim um fenômeno previsível e obrigatório. Assim, a análise aqui apresentada tem como finalidade demonstrar as

possíveis vias pelos quais uma cadeia é gerada. Na análise dos dados obtidos, detemo-nos especificamente sobre as cadeias.

5. Resultados: cadeias e seus padrões sintático-semânticos

Utilizando a metodologia delineada no capítulo 3 e mapeando as frases complexas a frases de base por meio da identificação das transformações descritas no capítulo 4, estabelecemos os N_{pred} e seus respectivos argumentos nas 4.213 frases da porção brasileira do corpus Bosque, validando tal análise por meio de cálculo de concordância com uma análise paralela. Avaliamos aqui a correlação entre os fatores definidos nos capítulos anteriores, nomeadamente: cadeias geradas por processos transformacionais, características da frase elementar e papéis semânticos. Tal análise tem por objetivo: (I) apontar tendências gerais para a manifestação do substantivo e seus complementos no português brasileiro; (II) observar limitações ou padrões nas transformações do N_{pred} em relação às características da frase de base a que remete; (III) discutir possíveis interferências dos papéis semânticos nesses padrões.

Este capítulo se estrutura em quatro subseções, sendo que as três primeiras apresentam e discutem dados relevantes para cada um desses objetivos, enquanto a quarta apresenta uma síntese das discussões. Cada uma das subseções é composta por uma breve introdução ao aspecto analisado, as tabelas referentes a esse aspecto e uma discussão dos padrões que se pode observar em tais dados.

5.1. Tendências gerais de recorrência dos substantivos predicativos

Discutimos aqui os fenômenos relativos à utilização de N_{pred} como um todo, separando-os por V_{sup} elementar e número de argumentos possíveis, bem como número de argumentos efetivamente instanciados. Os dados apresentados a seguir visam a estabelecer as tendências do N_{pred} como classe morfossintática e dos diferentes tipos de frase elementar.

Primeiramente, apresentamos na Tabela 2 o total de instanciações de N_{pred} (*tokens*) e de N_{pred} diferentes (*types*) encontrados relativamente ao total de frases do *corpus*, bem como a média dessas categorias em relação umas às outras. É considerado um tipo de N_{pred} toda ocorrência de um mesmo lema que remete a uma mesma frase elementar, isto é, possui o mesmo V_{sup} elementar e número de argumentos. Assim, "ter amor por" e "fazer amor com", por exemplo, embora tragam a mesma forma de substantivo, são tipos distintos. Por outro lado, "fazer um discurso" e "dar um discurso" são variantes do mesmo tipo.

| Unidade | Proporção por <i>Tokens</i> | Proporção por <i>Types</i> | Proporção por Frases | TOTAL |
|---------------|-----------------------------|----------------------------|----------------------|-------|
| <i>Tokens</i> | 1 | 2,772 | 1,06 | 4467 |
| <i>Types</i> | 0,36 | 1 | 0,382 | 1611 |

Tabela 2: Proporção entre *tokens*, *types* e frases (Fonte: elaborado pelo autor)

Na Tabela 2, verificamos uma média de pouco mais de um *token* de N_{pred} por frase. Isso demonstra a alta difusão e a relevância do fenômeno aqui estudado, pois o número indica que ocorre, em um texto, uma quantidade de N_{pred} similar ao número de frases. Cada *type* ocorre 0,382 vezes por frase, o que representa uma média de 2,772 *tokens* para cada *type*. Visando constatar a concentração desses *tokens*, elencamos na Tabela 3 os oito *types* mais frequentes do *corpus*, com suas respectivas frequências e porcentagem em relação ao total de *tokens*. O número oito foi escolhido pois até essa posição há apenas um ou dois *types* com a mesma frequência, número que se torna demasiado extenso a partir da nona posição.

| <i>Type</i> | Número de ocorrências | Porcentagem em relação ao total de <i>tokens</i> |
|---|-----------------------|--|
| N_0 ter preço | 57 | 1,27% |
| N_0 fazer campanha de N_1 | 36 | 0,80% |
| N_0 ter inflação | 33 | 0,73% |
| N_0 ter projeto de N_1 | 31 | 0,69% |
| N_0 fazer trabalho de N_1 | 31 | 0,69% |
| N_0 fazer um jogo com N_1 | 30 | 0,67% |
| N_0 fazer uma pesquisa (de + sobre) N_1 | 29 | 0,64% |
| N_0 ter valor | 29 | 0,64% |
| TOTAL | 276 | 6,17% |

Tabela 3: Os oito *types* de N_{pred} mais frequentes no *corpus* (Fonte: elaborado pelo autor)

Juntas, a Tabela 2 e a Tabela 3 demonstram que há grande dispersão de N_{pred} no *corpus*, tendo cada um deles uma frequência bastante baixa. A soma de seus oito representantes mais numerosos cobre apenas 6,17% dos exemplos do *corpus*, ao passo que o *type* mais frequente corresponde a pouco

mais de 1% das ocorrências de N_{pred} . Em segundo lugar, vemos que a frequência de uso dos N_{pred} é marcada majoritariamente por termos que dizem respeito à natureza do *corpus* jornalístico utilizado, figurando assim palavras comuns às diferentes seções de um jornal, como economia ("preço", "inflação", "valor"), política ("campanha", "projeto", "pesquisa") e esportes ("jogo"). Isso demonstra prevalência não de substantivos de uso geral, mas sim de palavras representativas dos conteúdos abordados. A título de comparação, "(X+F) ter possibilidade" conta apenas com apenas 14 ocorrências; "X ter hipótese de F" ocorre apenas 6 vezes; "X ter direito a F" ocorre 14 vezes.

A seguir, apresentamos a quantidade de *types* e *tokens* por tipo de frase de base. Os tipos de frase elementar que utilizamos são compostos por um V_{sup} elementar "dar" (D), "fazer" (F) ou "ter" (T) e um número de argumentos entre 1 e 3. Elas são, portanto, uma versão simplificada das classes estabelecidas em trabalhos em Léxico-Gramática, eliminando diferenças relativas ao tipo de argumento (humano, não humano, frástico, etc). Deve-se levar em consideração que alguns substantivos formam seus *types* com mais de um V_{sup} elementar, o que faz com que a somatória dos membros de cada classe seja superior à quantidade de tipos e *tokens* informada nas tabelas anteriores, uma vez que alguns desses itens pertencem a mais de uma classe simultaneamente.

| Tipo de frase elementar | <i>Types</i> | <i>Tokens</i> | <i>Tokens / type</i> | <i>Tokens / Frases</i> |
|--------------------------------|--------------|---------------|----------------------|------------------------|
| T1 | 485 | 1146 | 2,362 | 0,272 |
| T2 | 274 | 865 | 3,150 | 0,205 |
| T3 | 8 | 12 | 1,500 | 0,002 |
| F1 | 142 | 261 | 1,838 | 0,061 |
| F2 | 572 | 1660 | 2,902 | 0,394 |
| F3 | 99 | 286 | 2,888 | 0,067 |
| D1 | 18 | 29 | 1,611 | 0,006 |
| D2 | 107 | 236 | 2,205 | 0,056 |
| D3 | 31 | 76 | 2,451 | 0,018 |

Tabela 4: Frequência de *types* e *tokens* por V_{sup} elementar e número de argumentos (Fonte: elaborado pelo autor)

Os resultados mostrados na Tabela 4 indicam que há forte concentração de N_{pred} com frases elementares Fazer 2, Ter 1 e Ter 2, da classe mais frequente para a menos frequente. Somadas, essas

classes cobrem 82,18% dos *tokens* encontrados no *corpus* e 82,61% dos *types*. Dessa forma, os outros tipos de N_{pred} se configuram como bastante minoritários, uma vez que a quarta classe mais frequente por *tokens*, Fazer 3, corresponde a menos de 1/3 dos *tokens* da terceira classe mais frequente, Ter 2. Os N_{pred} que se constituem com "dar", juntamente com a classe Ter 3, são minoritários no *corpus* analisado, tendo as médias de *token* / tipo e *token* / frase mais baixas da tabela. Os números mais altos de instanciação por N_{pred} são também os dessas quatro classes, com a adição da Dar 3 que, apesar de pouco numerosa, tem a terceira maior proporção de uso por representante.

Assim, temos uma classe constituída de itens lexicais bastante variados que ocorrem, em média, 2,772 vezes ao longo do *corpus*. Trata-se de itens que, semanticamente, refletem o conteúdo dos textos de origem, e não alguma tendência geral da língua portuguesa. A maior parte desses itens lexicais forma frases elementares dos tipos Fazer 2, Ter 2 e Ter 1. Definidas essas características de ocorrência dos N_{pred} e suas subespecificações, passemos aos padrões de formação de cadeia.

5.2. Tipos de cadeia por frase elementar

A seguir, apresentamos a frequência da maneira de expressão dos argumentos de acordo com o tipo de frase elementar a que pertencem. Organizamos esses dados em quatro grandes tipos de cadeia: frases com verbo-suporte (V_{sup}), grupos nominais (GN), verbos operadores causativos (V_{opc}) e reduções de verbo-suporte preposicionado (Red $V_{sup}Prep$). Cada um desses tipos de cadeia corresponde a diversos tipos de linearização, os quais totalizam 255 e têm seus representantes mais expressivos quantificados mais adiante. Optamos por agrupá-los dessa maneira por esses conjuntos encontrarem-se relacionados por similaridades nas regras de linearização e por serem conseqüências de processos transformacionais idênticos ou análogos, conforme delineados no capítulo 4.

Na Tabela 5, os grupos de cadeia são quantificados de acordo com o tipo de frase elementar a que remetem. Lembramos novamente que alguns substantivos apresentam mais de um tipo de V_{sup} elementar e, por essa razão, sua somatória **não** corresponde perfeitamente à coluna "Total", que diz respeito ao número total de predicados que apresenta tal linearização.

| Tipo de cadeia | T1 | T2 | T3 | F1 | F2 | F3 | D1 | D2 | D3 | Total |
|---------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|--------------|
| V _{sup} | 118 | 168 | 2 | 57 | 188 | 32 | 14 | 76 | 26 | 659 |
| V _{opc} | 26 | 37 | 0 | 1 | 11 | 1 | 0 | 3 | 1 | 80 |
| GN | 941 | 608 | 9 | 199 | 1421 | 251 | 15 | 149 | 49 | 3568 |
| Red V _{sup} Prep | 61 | 52 | 1 | 4 | 40 | 2 | 0 | 8 | 0 | 160 |
| TOTAL | 1146 | 865 | 12 | 261 | 1660 | 286 | 29 | 236 | 76 | 4467 |

Tabela 5: Frequência de tipos de cadeia por tipos de frase de base (Fonte: elaborado pelo autor)

Vê-se na Tabela 5 que os N_{pred} surgem majoritariamente na forma de GN (valor correspondente a 79,87% das ocorrências), havendo também uma porcentagem considerável de construções com V_{sup} (14,75%). Essas duas formas de linearização formam os polos principais de variação por classe: alguns tipos de frase elementar terão maior inclinação às construções com V_{sup} , tendo uma quantidade ligeiramente menor de GN. Para outras, ocorrerá o inverso. Assim, uma tendência maior à manifestação explícita do V_{sup} se verifica entre os predicados com "dar", cujas porcentagens de ocorrência (48,28%, 32,20% e 34,21%) correspondem a mais do que o dobro - e, no caso de D1, mais do que o triplo - da porcentagem geral (14,75%). Isso se traduz em porcentagens de GN (51,72%, 63,13%, 64,47%) abaixo da porcentagem geral (79,87 %) para as classes D1, D2 e D3. Algo similar, porém menos acentuado, se verifica para a classe T2. Para esta, o cenário sofre ainda interferência das cadeias minoritárias, que somam 10,28 % de suas ocorrências, o que contribui em uma redução, principalmente, da média de GN. As classes T1 e F3 encontram-se no outro extremo, com uma frequência de V_{sup} (10,29% e 11,18%, respectivamente) bastante abaixo do que se verifica para as demais, valor que implica uma quantidade de GN (82,11 % e 87,76 %) acima do que se verifica para o conjunto, mesmo que o valor para T1 seja ligeiramente reduzido por sua porcentagem alta nas cadeias minoritárias. A classe F2 apresenta padrão similar, ainda que menos acentuado.

Os demais tipos de cadeia ocorrem em número demasiado reduzido, tendo pouco impacto no quadro geral. Quanto à ocorrência de verbo operador causativo, verifica-se sua tendência a selecionar predicados de verbo elementar "ter", sem grande variação relativa ao número de argumentos. Por sua vez, a redução dos verbos suporte preposicionados tende a ocorrer para predicados com V_{sup} elementar "ter" de 1 e 2 argumentos. O verbo "dar" e, principalmente, o verbo "fazer" também geram

cadeias desse tipo, ainda que de maneira mais esparsa, sendo da classe F2 a maior parte dessas cadeias não pertencentes a T1 ou T2.

As cadeias envolvendo V_{sup} decorrem de sobreposições de todas as transformações, exceto [Red V_{sup}], [Red $V_{sup}Prep$] e [Caus]. Assim, essas cadeias decorrem de extensões de V_{sup} , apassivação, relativizações em geral, entre outras. Mostramos, na Tabela 6, a frequência das resultantes mais comuns, haja vista o grande número de cadeias pouco frequentes entre os 108 tipos de cadeia registrados para V_{sup} .

| Cadeia | T1 | T2 | T3 | F1 | F2 | F3 | D1 | D2 | D3 | Total de ocorrências |
|---------------------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------------------------|
| $N_0 V_{sup} N_{pred}$ | 71 | 42 | 1 | 21 | 39 | 5 | 7 | 4 | 2 | 186 |
| $N_0 V_{sup} N_{pred} Prep N_1$ | 0 | 55 | 0 | 0 | 25 | 2 | 0 | 9 | 4 | 90 |
| $V_{sup} N_{pred}$ | 16 | 8 | 0 | 13 | 7 | 1 | 1 | 6 | 1 | 52 |
| $N_1 V_{sup} N_{pred}$ | 0 | 3 | 0 | 0 | 13 | 1 | 0 | 11 | 2 | 30 |
| $V_{sup} N_{pred} Prep N_1$ | 0 | 8 | 0 | 0 | 5 | 0 | 0 | 3 | 2 | 18 |
| $Pred(N_0) V_{sup} N_{pred} Prep N_1$ | 0 | 5 | 0 | 0 | 7 | 0 | 0 | 5 | 0 | 17 |
| $N_{pred} V_{sup} Pass Por N_0$ | 1 | 3 | 0 | 3 | 6 | 3 | 0 | 0 | 0 | 16 |
| $N_{pred} V_{sup} Pass$ | 0 | 1 | 0 | 2 | 11 | 1 | 1 | 0 | 0 | 15 |
| $Pred(N_0) V_{sup} N_{pred}$ | 4 | 1 | 0 | 2 | 6 | 0 | 0 | 0 | 0 | 14 |
| $N_1 V_{sup} N_{pred} Prep N_0$ | 0 | 3 | 0 | 0 | 2 | 1 | 0 | 9 | 0 | 11 |
| $N_{pred} Que N_0 V_{sup}$ | 6 | 2 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 11 |

Tabela 6: Cadeias do tipo V_{sup} com ocorrência > 10 (Fonte: elaborado pelo autor)

Enquanto a ordem linear de expressão máxima demonstra-se preferencial para substantivos mono ($N_0 V_{sup} N_{pred}$) e biargumentais ($N_0 V_{sup} N_{pred} Prep N_1$), as frases elementares de três argumentos ($N_0 V_{sup} N_{pred} Prep N_1 Prep N_2$) não contam com nenhum exemplar no *corpus*, sendo expressas apenas em cadeias nas quais se omite ao menos um de seus argumentos. Assim, as construções com V_{sup} surgem preferencialmente em sua ordem elementar completa ou em sua ordem elementar com argumentos a menos. Quanto maior o número de argumentos, maior a preferência por formas elididas: 52,38% das frases com V_{sup} monoargumental possuem ordem preferencial e expressão máxima; para biargumentais, esse número cai para 20,60%, chegando a zero nos predicados triargumentais. Além disso, quanto mais distante um argumento está de N_0 , maior é sua probabilidade de elisão nas construções com V_{sup} : enquanto as ocorrências de predicados de dois argumentos como $N_0 V_{sup} N_{pred}$

somam 85, sua ocorrência como $N_1 V_{sup} N_{pred}$ e $V_{sup} N_{pred} Prep N_1$ somados é de apenas 43. O argumento N_2 surge de maneira muito esporádica em construções com V_{sup} , surgindo 19 vezes em cadeias bastante variadas, das quais as mais frequentes são $N_0 V_{sup} N_{pred} Prep N_2$ e $N_2 V_{sup} N_{pred}$, ambas com 4 ocorrências.

Por fim, é também notável a ocorrência das construções com V_{sup} sem argumento que, em todas as suas variantes ($V_{sup} N_{pred}$, $N_{pred} V_{sup}$, $N_{pred} Ser V_{sup}Pass$, $N_{pred} V_{sup}Pass$) somam 108 ocorrências, ou 16,38% do total de cadeias com V_{sup} . A diferença dessas cadeias para um grupo nominal com elisão completa de argumentos é unicamente sua capacidade de especificação de tempo, modo e aspecto.

Outra subespecificação relevante da frase com V_{sup} é sua extensão (ou seu caráter elementar), potencialmente relacionados a determinados tipos de predicado ou cadeias. Estabelecemos, na Tabela 7, as extensões de acordo com tipo de frase elementar.

| Extensão / Tipo de frase elementar | T1 | T2 | T3 | F1 | F2 | F3 | D1 | D2 | D3 | Total |
|---|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|--------------|
| Padrão | 57 | 79 | 0 | 20 | 70 | 17 | 5 | 22 | 7 | 277 |
| Estilística | 38 | 42 | 0 | 33 | 79 | 8 | 8 | 21 | 8 | 218 |
| Conversa | 0 | 3 | 0 | 0 | 19 | 6 | 0 | 28 | 9 | 63 |
| Incoativa | 6 | 29 | 2 | 3 | 14 | 0 | 0 | 3 | 1 | 57 |
| Continuativa | 7 | 3 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 12 |
| Terminativa | 6 | 10 | 0 | 1 | 3 | 1 | 1 | 0 | 0 | 22 |
| Agentiva | 2 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 4 |
| Negativa | 7 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 10 |
| $V_{sup} Prep$ | 8 | 5 | 0 | 1 | 7 | 1 | 1 | 0 | 1 | 23 |
| Simétrica | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | 2 |
| Substitutiva | 1 | 2 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 |

Tabela 7: Número de variantes de V_{sup} por tipo de frase elementar (Fonte: elaborado pelo autor)

Pelos números apresentados, os verbos-suporte padrão estão em uma proporção bastante superior à dos demais, o que demonstra sua especificidade frente às variantes. Mesmo que variantes estilísticas tenham um número similar ao de construções padrão, lembramos que as variações estilísticas incluem um número extenso de verbos diferentes, enquanto as construções padrão

possuem em geral um e, para substantivos excepcionais, no máximo 3 variantes. A mesma afirmação podemos fazer para as construções conversas da classe D2, que supera seu número de construções padrão: há nove verbos conversos que se distribuem entre as 28 ocorrências, enquanto as 22 da construção padrão correspondem a, no máximo, três verbos. Além disso, a construção padrão e a variação estilística são as únicas que não sofrem muita variação entre os tipos de frase elementar, mostrando-se fenômenos produtivos para toda a classe dos N_{pred} .

As outras variações de V_{sup} demonstram fortes preferências de classe. A conversão tem forte preferência pelo verbo "dar" e, em menor grau, "fazer". Em geral, variações aspectuais preferem estruturas com o verbo "ter". Por fim, as variantes preposicionadas com "estar Prep" e "ser de" concentram-se nas classes T1 e F2, surgindo em número pouco relevante e muito menor do que sua versão reduzida, analisada como fenômeno à parte. As variações não comentadas neste parágrafo surgem em número demasiado escasso para demonstrar qualquer padrão, e as registramos aqui apenas para demarcar sua baixa produtividade. Na Tabela 8, vemos a diferença de frequência por variante de V_{sup} .

| Variante/ Cadeia | Padrão | Estilística | Conversa | Incoativa | Continuativa | Terminativa |
|---------------------------------------|--------|-------------|----------|-----------|--------------|-------------|
| $N_0 V_{sup} N_{pred}$ | 86 | 65 | 0 | 24 | 5 | 6 |
| $N_0 V_{sup} N_{pred} Prep N_1$ | 49 | 25 | 0 | 9 | 0 | 8 |
| $V_{sup} N_{pred}$ | 31 | 14 | 4 | 2 | 2 | 1 |
| $N_{pred} V_{sup}$ | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| $N_1 V_{sup} N_{pred}$ | 2 | 2 | 24 | 1 | 0 | 0 |
| $V_{sup} N_{pred} Prep N_1$ | 12 | 5 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| $Pred(N_0) V_{sup} N_{pred} Prep N_1$ | 9 | 5 | 0 | 2 | 1 | 0 |
| $N_{pred} V_{sup} Pass Por N_0$ | 5 | 9 | 0 | 2 | 0 | 0 |
| $N_{pred} V_{sup} Pass$ | 6 | 7 | 0 | 2 | 0 | 0 |
| $Pred(N_0) V_{sup} N_{pred}$ | 6 | 6 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| $N_1 V_{sup} N_{pred} Prep N_0$ | 0 | 0 | 11 | 0 | 0 | 0 |
| $N_{pred} Que N_0 V_{sup}$ | 4 | 7 | 0 | 0 | 0 | 0 |

Tabela 8: Cadeias com ocorrência > 10 por variante de V_{sup} (Fonte: elaborado pelo autor)

Entre os verbos padrão, as variantes aspectuais e estilísticas, não há quase diferença no resultado da linearização, que reflete as tendências mais gerais observadas na tabela 5. O que ocorre com as construções conversas é que seguem exatamente as tendências de linearização inversas das demais: enquanto temos $N_0 V_{sup} N_{pred}$ e $N_0 V_{sup} N_{pred} Prep N_1$ como as sequências mais típicas para outras manifestações, as conversas ocorrem em proporção similar, mas com os argumentos invertidos,

formando $N_1 V_{sup} N_{pred}$ e $N_1 V_{sup} N_{pred} Prep N_0$. Isso sugere que o fator de relevância para essas construções é a distinção sujeito / complemento nominal na frase complexa, e não na frase elementar. O que quer que surja como sujeito terá uma frequência de elisão menor, seguido pelo que ocupa a posição de complemento nominal.

As cadeias com operador causativo, como visto, se concentram fortemente sobre predicados com V_{sup} "ter" com um ou dois argumentos. Mostramos na Tabela 9 as tendências de linearização para as transformações do tipo [Caus].

| Cadeia / Tipo de frase elementar | T1 | T2 | F1 | F2 | F3 | D3 | Total |
|---|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|--------------|
| $V_{opc} N_{pred}$ | 9 | 4 | 0 | 2 | 0 | 0 | 15 |
| $V_{opc} N_{pred} Prep N_1$ | 0 | 5 | 0 | 2 | 1 | 0 | 8 |
| $V_{opc} N_0 N_{pred} Prep N_1$ | 0 | 7 | 0 | 1 | 0 | 0 | 8 |
| $V_{opc} N_{pred} N_0$ | 2 | 5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 7 |
| $V_{opc} N_{pred} Prep N_0$ | 4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 5 |
| $V_{opc} N_0 N_{pred}$ | 3 | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 5 |

Tabela 9: Cadeias de V_{opc} com ocorrência > 2 por tipo de frase elementar (Fonte: elaborado pelo autor)

Como ocorrerá também com os GN, operadores causativos apresentam alguma preferência pela exclusão completa dos argumentos. Quando os argumentos de fato surgem, observa-se que N_1 costuma ser linearizado se disponível, ao contrário do que ocorre com os verbos suporte. Para predicados de dois argumentos, N_1 está mais propenso a ocorrer sozinho do que N_0 , algo que também contraria as tendências do V_{sup} . Para predicados de um argumento com "ter", a expressão de N_0 ainda é tão frequente quanto a exclusão completa.

Por fim, como se trata de um fenômeno comparativamente pouco difundido (embora não desprezível), a extensão do *corpus* acaba levando a uma grande quantidade de ocorrências únicas. De todas as grandes classes aqui analisadas, a dos verbos causativos é a que apresenta segunda maior esparsidade entre as cadeias: as 17 ocorrências de sua cadeia mais produtiva ($V_{opc} N_{pred}$) correspondem a apenas 21,25% de todos os V_{opc} , contra 28,22% da mais frequente para V_{sup} , 46,03% para GN e 12,5% para redução de V_{sup} preposicionado.

A classe dos GN, como visto na tabela 5, é a mais produtiva dentre as possibilidades de uso dos N_{pred} . Na Tabela 10, encontramos dados relativos às diferentes manifestações dos GN, que pode

envolver elisões de argumento, permutações e mudanças de classe dos argumentos preposicionados para adjetivos e pronomes possessivos. Todas essas manifestações têm em comum o fato de terem [Red Vsup] em seu percurso transformacional.

| Cadeia/ Tipo de frase elementar | T1 | T2 | T3 | F1 | F2 | F3 | D1 | D2 | D3 | Total |
|---|-----|-----|----|-----|-----|-----|----|----|----|-------|
| N _{pred} | 432 | 228 | 5 | 121 | 666 | 123 | 19 | 69 | 30 | 1.652 |
| N _{pred} Prep N ₁ | 0 | 121 | 0 | 0 | 425 | 51 | 0 | 31 | 2 | 625 |
| N _{pred} Prep N ₀ | 374 | 74 | 2 | 47 | 109 | 8 | 4 | 9 | 8 | 609 |
| N ₀ Poss N _{pred} | 41 | 35 | 1 | 16 | 35 | 5 | 1 | 2 | 2 | 136 |
| Pred(N ₀) N _{pred} | 50 | 25 | 0 | 8 | 19 | 1 | 0 | 2 | 1 | 103 |
| Pred(N ₀) N _{pred} Prep N ₁ | 0 | 22 | 0 | 0 | 32 | 0 | 0 | 5 | 0 | 57 |
| N _{pred} N ₀ Adj | 22 | 8 | 0 | 1 | 10 | 0 | 0 | 0 | 1 | 42 |
| N _{pred} Prep N ₀ Prep N ₁ | 0 | 18 | 0 | 0 | 20 | 1 | 0 | 0 | 1 | 37 |
| N _{pred} Entre N ₀ /N ₁ | 0 | 11 | 0 | 0 | 13 | 2 | 0 | 1 | 0 | 26 |
| Pred(N ₁) N _{pred} | 0 | 3 | 0 | 0 | 10 | 1 | 0 | 11 | 0 | 25 |
| N _{pred} Pred(N ₀) | 12 | 4 | 0 | 1 | 6 | 1 | 0 | 0 | 0 | 24 |
| N ₀ Poss N _{pred} Prep N ₁ | 0 | 14 | 0 | 0 | 5 | 1 | 0 | 1 | 1 | 21 |
| N _{pred} Prep N ₁ Prep N ₂ | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 17 | 0 | 0 | 0 | 19 |
| N _{pred} N ₀ | 2 | 6 | 0 | 2 | 9 | 0 | 1 | 0 | 0 | 17 |
| N ₁ Poss N _{pred} | 0 | 2 | 0 | 0 | 7 | 1 | 0 | 2 | 1 | 13 |
| N _{pred} N ₁ Adj | 0 | 4 | 0 | 0 | 7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 12 |
| Pred(N ₁) N _{pred} Prep N ₀ | 0 | 1 | 0 | 0 | 5 | 1 | 0 | 5 | 0 | 12 |
| N _{pred} Prep N ₁ Pred(N ₀) | 0 | 5 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 4 | 0 | 11 |
| N _{pred} Prep N ₁ Prep N ₀ | 0 | 7 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 1 | 0 | 10 |
| N _{pred} Prep N ₂ | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 9 | 0 | 0 | 0 | 10 |

Tabela 10: Cadeias do tipo GN com ocorrência > 9 por tipo de frase elementar (Fonte: elaborado pelo autor)

Para as cadeias analisadas na Tabela 10 de maneira geral, não há correlação entre V_{sup} elementar e possibilidade de expressão, uma vez que as proporções são bastante próximas entre todas as classes analisadas.

Verifica-se que 46,30% dos GN sofrem elisão completa de seus argumentos, gerando a cadeia N_{pred} . Em comparação aos outros tipos de cadeia, a elisão completa de argumentos surge como mais típica dos GN.

Em relação à expressão dos argumentos N_0 e N_1 , vemos que o grupo nominal preposicionado com N_1 apenas é mais frequente do que o com N_0 apenas. Entretanto, as cadeias da tabela 10 em que N_1 ocorre isolado ($N_{pred} Prep N_1, Pred(N_1) N_{pred}, N_1Poss N_{pred}, N_{pred} N_1Adj$) correspondem a 27,14 % das ocorrências de predicados com mais de um argumento como grupo nominal (675 de 2487 predicados), enquanto aquelas em que N_0 ocorre isolado ($N_{pred} Prep N_0, N_0Poss N_{pred}, Pred(N_0) N_{pred}, N_{pred} N_0Adj, N_{pred} Pred(N_0) N_{pred} N_0$) correspondem a 37,4 % desses predicados (931 de 2487 predicados). Assim, o argumento N_0 está mais sujeito a ser expresso do que N_1 em GN que aceitam mais de um argumento. Essa tendência condiz com o que foi visto para as construções com V_{sup} não conversos. Em contrapartida, a expressão de N_0 é mais dispersa, enquanto N_1 tende a surgir por meio de uma única forma.

Como para outros tipos de cadeia, o argumento N_2 tem uma frequência de expressão bastante reduzida, surgindo principalmente acompanhado de N_1 . Surge ainda isolado como segmento preposicionado. Há tendência a preferir a ordem elementar (isto é, N_2 ocorre após N_0 ou N_1). A ocorrência dos três argumentos juntos não surgiu no *corpus*. Assim sendo, o padrão de expressão de N_2 para os GN é similar ao de verbos suporte e causativos em sua baixa frequência, mas traz como exclusividade a maior frequência do argumento isolado, algo raro para construções com V_{sup} e causativo, em que N_2 surge preferencialmente acompanhado.

A expressão de N_0 e N_1 juntos tem uma frequência relevante, somando 174 exemplares em todas as suas variações possíveis. Novamente, a ordem elementar (N_0 antes de N_1) é preferencial, somando 115 (66,09%) dos GN com ambos os argumentos. Se desconsiderarmos os GN simétricos ($N_{pred} Entre N_0/N_1$), em que N_0 e N_1 não apresentam uma ordem, pois são simultâneos, esse número sobe para 77,70% (82/148).

Por fim, a forma de expressão preferencial de marcação dos argumentos dos GN é a preposição, que ocorre em 1469 GN, isto é, 41,17% do total. Em segundo lugar, temos o pronome possessivo (178 ocorrências), que tende a se identificar com N_0 (164 cadeias, ou 92% dos argumentos realizados como pronome possessivo), e os adjetivos, que correspondem a uma fatia bastante reduzida na marcação de argumentos (63 ocorrências), também se identificando mais com o argumento N_0 (48 cadeias; 76,19% dos argumentos marcados por adjetivo).

O tipo de cadeia que discutimos a seguir decorre da sequência [$V_{sup} Prep$] -> [$Red V_{sup} Prep$]. Ela pode se encontrar relativizada, situação em que sucede seu próprio argumento (como adjunto

adnominal), ou em coordenação a uma frase, o que a faz se apresentar em seguida (isto é, como adjunto adverbial). O segundo tipo de situação ocorre 58 vezes (36,03%), em oposição às 103 ocorrências na forma de adjunto adnominal (63,97%). Apresentamos a seguir a frequência por sequência de argumento + preposição + substantivo, ignorando a distinção entre adjunto adnominal ou adverbial.

| Cadeia/ Tipo de frase elementar | T1 | T2 | F1 | F2 | F3 | D1 | D2 | D3 | Total |
|--|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|--------------|
| N ₀ com N _{pred} | 17 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 20 |
| N ₀ em N _{pred} | 9 | 6 | 2 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 20 |
| N ₀ de N _{pred} | 11 | 2 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 15 |
| N ₀ sem N _{pred} | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 |
| N ₁ de N _{pred} | 0 | 2 | 0 | 4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 6 |
| N ₁ sem N _{pred} | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 |
| N ₁ sob N _{pred} | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 2 |
| N ₀ com N _{pred} Prep N ₁ | 0 | 9 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 9 |
| N ₀ sem N _{pred} Prep N ₁ | 0 | 5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 |
| N ₀ a N _{pred} Prep N ₁ | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 |
| N ₀ em N _{pred} Prep N ₁ | 0 | 9 | 0 | 11 | 0 | 0 | 0 | 0 | 18 |
| N ₁ sem N _{pred} Prep N ₀ | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 |
| N ₁ com N _{pred} Prep N ₀ | 0 | 4 | 0 | 4 | 0 | 0 | 1 | 0 | 6 |
| N ₁ sob N _{pred} Prep N ₀ | 0 | 3 | 0 | 2 | 0 | 0 | 1 | 0 | 5 |
| Com N _{pred} | 8 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 10 |
| Em N _{pred} | 1 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | 4 |
| Sem N _{pred} | 0 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 |

Tabela 11: Cadeias de tipo Red V_{sup}Prep com ocorrência > 1 por tipo de frase elementar (Fonte: elaborado pelo autor)

Vê-se que a redução de "estar com", independentemente de verbo padrão ou número de argumentos, tem uma frequência superior (36,26% desse tipo de cadeia), seguido pelas reduções de "estar em" (27,9%) e "ser de" (15,52%). Outras preposições tiveram ocorrências bastante pontuais. Tais cadeias têm tendência a ser formadas a partir do verbo padrão "ter" (71,42% do total), sendo

ligeiramente mais comuns em predicados biargumentais (57,76% do total) do que monoargumentais (40,37%), ainda que a classe T1 seja a mais frequente para esse tipo de transformação. Vê-se que a redução de "estar em" também tem uma frequência expressiva com predicados do tipo F2. O minoritário "sob" é a única preposição que surge exclusivamente em predicados de dois argumentos ou mais.

Por meio da discussão desses resultados, verifica-se que algumas das tendências de utilização dos N_{pred} nas frases complexas podem ser correlacionadas a frases elementares. A manifestação de V_{sup} , por exemplo, e principalmente do V_{sup} converso, é ligeiramente mais comum para o verbo "dar", enquanto reduções de verbos-suporte preposicionados e verbos operadores causativos estão fortemente relacionados ao verbo "ter". A transformação do argumento preposicionado incide majoritariamente sobre N_0 . Esses fatos sugerem que o verbo elementar e o número de argumentos não apenas impõem restrições à maneira como os argumentos podem surgir, mas demonstram também tendências próprias. V_{sup} elementar e número de argumentos são, portanto, fatores úteis para predizer algumas tendências da relação argumento-predicado.

No entanto, as correlações que observamos dessa maneira sofrem também a interferência de outras transformações ou ausência delas. A falta de alteração sobre o V_{sup} apresenta correlação com elisão de N_1 , quando esse argumento existe, ao passo que a transformação [*Conv*] inverte completamente essa tendência. A formação de grupo nominal tende a implicar a elisão completa dos argumentos.

Entre tendências gerais, específicas de frases elementares e relacionadas a transformações, percebemos a inter-relação de fatores formais sugeridos em Harris (1962), Gross (1981) e outros trabalhos que incorporam seus pressupostos teórico-metodológicos. Em outras palavras, demonstramos que determinados fatores formais evocados por essa bibliografia não ocorrem apenas de uma maneira determinística a partir da frase elementar, mas tendem a acarretar um ao outro. Afastando-se dessa discussão, a subseção seguinte discutirá possíveis relações desses fatores formais com papéis semânticos.

5.3. Linearização e papéis semânticos

As duas subseções anteriores discutem como a linearização pode ser explicada por características da frase elementar. Exploraremos aqui possíveis correlações entre frase elementar e papel semântico e, em seguida, entre tendências de linearização por papel semântico. Como veremos, há uma interferência entre os dois fatores, pois a tipicidade de papéis semânticos, características da frase de base e transformações possíveis se sobrepõem. Em outras palavras, algumas transformações

são típicas de alguns papéis semânticos porque tanto uma quanto outra são também típicas de uma mesma frase elementar.

Inicialmente, discutimos a relação entre os argumentos da frase elementar, seu V_{sup} e os papéis semânticos propostos em Talhadas (2014). Separamos os tipos de N_{pred} de acordo com seus papéis semânticos. Apresentamos, nas tabelas 13, 14 e 15, os papéis semânticos desses tipos segundo seu número de argumentos, reservando uma coluna para cada um dos três V_{sup} elementares, ao passo que os papéis semânticos surgem nas linhas na ordem dos argumentos; isto é, os papéis são separados por vírgula seguindo a ordem N_0, N_1, N_2 . Optamos por tal configuração devido ao caráter interdependente dos papéis semânticos: raramente se combinando de maneira singulares (isto é, aplicáveis a um único predicado), eles surgem tipicamente em conjuntos.

| N_0 / V_{sup} Elementar | Ter | Fazer | Dar | Total |
|---|--------------|------------|-----------|--------------|
| agent-gen | 40 | 228 | 21 | 267 |
| agent-creator | 0 | 8 | 0 | 8 |
| agent-speaker | 2 | 5 | 0 | 7 |
| cause | 23 | 3 | 4 | 27 |
| experiencer-(gen + vol) | 79 | 1 | 1 | 81 |
| patient | 72 | 0 | 0 | 73 |
| object-gen | 871 | 14 | 3 | 881 |
| object-f | 46 | 1 | 0 | 46 |
| recipient | 13 | 0 | 0 | 13 |
| TOTAL | 1.146 | 260 | 28 | 1.403 |

Tabela 12: Conjuntos de papel semântico por frases elementares com um argumento (Fonte: elaborado pelo autor)

A Tabela 12 demonstra que os N_0 dos substantivos monoargumentais com "ter" são majoritariamente argumentos objetivos, havendo ainda um número considerável de experienciadores. Em comparação, o número de papéis agentivos para os predicados monoargumentais com "fazer" e "dar" é muito maior. Dessa forma, em predicados monoargumentais, sujeitos objetivos e experienciadores (e, minoritariamente, recipientes e locativos) têm preferência pelo verbo "ter",

enquanto os papéis agentivos surgem majoritariamente com "fazer" e "dar". Como é possível observar na tabela, não se trata de uma regra: há, de maneira minoritária, predicados que não seguem essa tendência. Entretanto, é mais comum um predicado com V_{sup} "ter" apresentar argumento agentivo do que "fazer" e "dar" elaborarem os argumentos típicos do verbo "ter". Os casos excepcionais são, portanto, assimétricos.

| $N_0, N_1 / V_{sup}$ Elementar | Ter | Fazer | Dar | Total |
|---|-----|-------|-----|-------|
| agent-gen, co-agent | 26 | 114 | 0 | 133 |
| agent-creator, object-gen | 0 | 77 | 0 | 77 |
| agent-gen, instrument | 0 | 11 | 0 | 11 |
| agent-gen, locative-(place+dest+source) | 5 | 58 | 1 | 73 |
| agent-gen, object-f | 37 | 300 | 22 | 343 |
| agent-gen, object-gen | 59 | 748 | 91 | 882 |
| agent-gen, patient | 4 | 72 | 24 | 100 |
| agent-giver, object-gen | 2 | 10 | 1 | 13 |
| agent-giver, recipiente | 0 | 12 | 21 | 33 |
| agent-speaker, addressee | 0 | 35 | 30 | 61 |
| agent-speaker, co-agent | 17 | 25 | 0 | 36 |
| agent-speaker, message | 3 | 28 | 10 | 33 |
| agent-speaker, topic | 0 | 27 | 9 | 35 |
| agent-taker, object-gen | 0 | 22 | 0 | 22 |
| cause, object-gen | 9 | 11 | 1 | 20 |
| experiencer-gen, object-f | 244 | 36 | 7 | 282 |
| experiencer-gen, object-gen | 42 | 11 | 10 | 61 |
| experiencer-vol, object-f | 25 | 4 | 0 | 29 |
| object-gen, co-object | 19 | 2 | 0 | 21 |
| object-gen, object-f | 260 | 17 | 5 | 274 |
| object-gen, object-gen | 88 | 8 | 1 | 95 |
| TOTAL | 840 | 1.628 | 233 | 2.647 |

Tabela 13: Conjuntos de papel semântico com ocorrência > 10 por frases elementares com dois argumentos (Fonte: elaborado pelo autor)

Como visto na Tabela 13, nos predicados biargumentais, encontramos a maior prolificidade de combinações entre papéis semânticos. Para os substantivos biargumentais com "ter", é mantida a tendência dos sujeitos objetivos e experienciadores. Entretanto, verifica-se uma nova tendência: o objetivo frasal (OBJECT-F) manifesta-se preferencialmente como N_1 . Assim, as combinações mais recorrentes dos biargumentais com "ter" envolvem um N_0 objetivo ou experienciador acrescido de N_1

frástico. O número de agentes aqui, embora comparativamente pequeno, é substancial, principalmente para predicados de comunicação simétricos (AGENT-SPEAKER/CO-AGENT). "Fazer" e "dar", por sua vez, mantêm o N_0 tipicamente agentivo e, em posição N_1 , argumentos objetivos, incluindo frásticos. Permanecem ocasionais N_0 objetivos ou experienciadores, em número mais elevado do que se registra em predicados monoargumentais. Para aqueles, como ocorre para os predicados com "ter", N_1 tende a ser frástico.

| Papéis semânticos / V_{sup} Elementar | Ter | Fazer | Dar | Total |
|---|----------|------------|-----------|------------|
| agent-gen, co-agent, object-f | 3 | 42 | 0 | 45 |
| agent-gen, object-gen, object-f | 1 | 9 | 7 | 18 |
| agent-gen, object-gen, object-gen | 0 | 54 | 3 | 57 |
| agent-giver, object-gen, recipient | 0 | 47 | 0 | 47 |
| agent-speaker, message, addressee | 1 | 86 | 60 | 137 |
| agent-speaker, topic, addressee | 0 | 9 | 3 | 12 |
| TOTAL | 5 | 247 | 73 | 316 |

Tabela 14: Conjuntos de papel semântico com ocorrência > 10 por frases elementares com três argumentos (Fonte: elaborado pelo autor)

Pela Tabela 14, é possível afirmar que predicados triargumentais costumam envolver argumentos frásticos (OBJECT-F, MESSAGE), sendo, portanto, predominantemente operadores de segunda ordem. Para estes, a correlação entre verbo elementar "ter" e N_0 objetivo e experienciador diminui drasticamente: estes, de frequência demasiado baixa, não figuram na tabela. A distribuição dos papéis para a categoria T3 é bastante esparsa, o que sugere que se comportam de maneira idiossincrática, criando uma categoria heterogênea e pouco numerosa. Isso faz com que ela não seja comparável a T1 e T2 em termos de distribuição de papéis. Quanto aos triargumentais com "fazer", predominam os esquemas de comunicação (AGENT-SPEAKER, MESSAGE + TOPIC, ADDRESSEE) transferência (AGENT-GIVER, OBJECT-GEN, RECIPIENT) e simétricos com argumento frástico, que em geral correspondem a predicados de concordância entre partes ("fazer contrato", "fazer pacto", etc). Há ainda alguns predicados de deslocamento envolvendo argumentos locativos. Esses esquemas se assemelham ao que se constata para os mono e biargumentais pelo caráter agentivo, mas apresentam uma especificidade de subtipo não registrada para os anteriores.

Para "dar", vemos como tendência principal os predicados de comunicação; trata-se da única classe sem registro de N_0 objetivo. Apesar do significado de "dar" como verbo pleno, também não figuram para esse V_{sup} predicados de transferência.

Em síntese, as Tabelas 12, 13 e 14 sugerem que os predicados mono e biargumentais com "ter" atribuem a N_0 papéis objetivos e de experienciador, colocando argumentos frásticos na posição N_1 . Para os outros dois verbos elementares, os papéis agentivos (com exceção de CO-AGENT) estão vinculados à posição N_0 , ocupando apenas essa posição da frase elementar. Predicados com três argumentos tendem a ser comunicativos ou de transferência. Quando um papel não agentivo ocupa a posição N_0 , não haverá agente para aquele predicado.

Em comparação com outras propostas, os dados reafirmam as teorias de hierarquia temática desenvolvidas para predicados verbais, nas quais os agentes e causas ocupam as posições mais altas, enquanto experienciadores têm um estatuto intermediário e pacientes e objetivos estão na base. A posição ocupada em uma hierarquia temática determina a ordem de introdução do argumento na frase. Uma comparação de propostas de hierarquia temática é encontrada em Kasper (2005, p. 85-102). Também não há incompatibilidade entre esses resultados e a atribuição dos argumentos por prototipicidade, conforme proposto em Dowty (1991) e teorias subsequentes, em que se prevê traços mais agentivos para a posição de sujeito e o oposto para a posição de objeto. Para além do que propõem tais teorias, os resultados demonstram uma forte correlação entre os argumentos frasais e a última posição disponível, o que lhe daria a posição mais baixa em uma hierarquia ou gradação.

No que se refere a trabalhos empíricos, repete-se aqui em larga medida o padrão identificado para o português europeu por Talhadas et al (2013), que utilizam esse mesmo conjunto de etiquetas para analisar predicados verbais: N_0 tem forte identificação com tipos de agente; N_1 tem forte identificação com tipos de objeto e paciente; ADDRESSEE e RECIPIENT são fortemente vinculados a N_2 . Além disso, a completiva também surge comumente como um N_1 contraparte de EXPERIENCER-GEN em posição N_0 . Com a exceção de AGENT-GEN/OBJECT-CL e CAUSE/EXPERIENCER-GEN¹⁹, as sequências de papéis semânticos mais correntes nesse trabalho são também as mais difundidas para os N_{pred} que analisamos. Entretanto, a frequência de N_0 objetivo é maior em nossos dados do que em Talhadas et al (2013). Assim, se esses dados forem também válidos para a variante brasileira, repete-se para a construção com V_{sup} elementar a tendência da relação argumento - papel semântico típica dos predicados verbais.

¹⁹ Embora haja nos dados construções semelhantes, consideramos que seu sujeito é selecionado por um verbo operador causativo, sendo estranho à frase de base e, portanto, não contabilizado como N_0 .

Ocorre que os N_0 não agentivos têm, aqui, um V_{sup} preferencial ("ter"), sendo mais frequentes do que em frases elementares com verbo pleno. Tal resultado está em consonância com as observações de Santos (2015) sobre os predicados nominais com V_{sup} "ter". Para além do português, Butt (2008) faz uma observação similar ao utilizar dados translinguísticos para sistematizar os verbos leves em três classes: uma agentiva transitiva, uma agentiva de atividade e uma não agentiva. Pelos dados aqui obtidos, as duas primeiras classes tendem a surgir como "dar" e "fazer", enquanto a terceira se manifesta como "ter".

Pelas características da frase elementar com "ter", pode-se supor que essa tendência levará a uma identificação entre papéis semânticos e determinadas transformações: como demonstram os dados da subseção anterior, predicados com "ter" são muito mais suscetíveis a [Caus] e [Red V_{sup} Prep]. Consequentemente, teremos um maior número de N_0 objetivos e experienciadores participando dessas transformações. Nesse caso, a transformação não estará diretamente relacionada ao papel semântico, mas sim ao esquema da frase de base, salvo quando forem observadas tendências adicionais.

Buscando constatar possíveis correlações entre papéis semânticos e transformações - para além daquelas circunscritas às tendências da frase elementar - apresentamos na Tabela 15 dados relativos a sua linearização para os quatro tipos de cadeia previamente propostos, isto é, construções com verbo-suporte (V_{sup}), construções com verbo operador causativo (V_{opc}), grupos nominais (GN) e redução de grupo preposicionado (Red V_{sup} Prep). Para isso, utilizamos todos os conjuntos de papel semântico com ocorrência > 2 , elaborando tabelas distintas por número de argumentos.

| Papéis semânticos / Tipo de cadeia | V_{sup} | V_{opc} | GN | Red V_{sup} Prep | TOTAL |
|---|-----------|-----------|-----|--------------------|-------|
| agent-gen | 61 | 1 | 199 | 6 | 267 |
| agent-creator | 1 | 0 | 7 | 0 | 8 |
| agent-speaker | 1 | 0 | 6 | 0 | 7 |
| Cause | 3 | 0 | 24 | 0 | 27 |
| experiencer-(gen + vol) | 18 | 6 | 52 | 5 | 81 |
| patient | 4 | 4 | 64 | 1 | 73 |
| object-gen | 83 | 16 | 731 | 51 | 881 |
| object-f | 5 | 0 | 40 | 1 | 46 |
| recipient | 1 | 0 | 11 | 1 | 13 |

Tabela 15: Conjunto de papéis semânticos por tipo de cadeia para predicados de um argumento

(Fonte: elaborado pelo autor)

Dentre os argumentos com papel semântico único, constata-se que os objetivos estão comparativamente menos propícios a ocorrer em CVS. Como esperado pela organização das frases de base, o número de predicados que se linearizam como causativos e redução de V_{sup} preposicionado está majoritariamente nessa classe. Adicionalmente, CAUSE e o frasal OBJECT-F não são muito frequentes em CVS. De resto, a proporção entre os tipos de cadeia não é consideravelmente distinta daquela que se observa na quantificação por frase de base.

| Papéis semânticos / Tipo de cadeia | V_{sup} | V_{opc} | GN | Red V_{sup} Prep | TOTAL |
|---|-----------|-----------|-----|--------------------|-------|
| agent-gen, co-agent | 17 | 0 | 114 | 1 | 132 |
| agent-creator, object-gen | 4 | 0 | 69 | 0 | 73 |
| agent-gen, instrument | 0 | 0 | 8 | 0 | 8 |
| agent-gen, locative(place+dest+source) | 1 | 1 | 56 | 0 | 58 |
| agent-gen, object-f | 43 | 3 | 129 | 6 | 181 |
| agent-gen, object-gen | 108 | 6 | 700 | 29 | 843 |
| agent-gen, patient | 24 | 3 | 94 | 2 | 123 |
| agent-speaker, addressee | 20 | 0 | 36 | 1 | 57 |
| agent-speaker, co-agent | 2 | 1 | 29 | 1 | 33 |
| agent-speaker, message | 6 | 0 | 19 | 0 | 25 |
| cause, object-f | 1 | 0 | 1 | 0 | 2 |
| cause, object-gen | 14 | 0 | 13 | 0 | 27 |
| experiencer-gen, object-f | 75 | 9 | 230 | 12 | 326 |
| experiencer-gen, object-gen | 11 | 3 | 44 | 5 | 63 |
| experiencer-vol, object-f | 6 | 0 | 22 | 1 | 29 |
| experiencer-vol, object-gen | 0 | 0 | 2 | 1 | 3 |
| object-gen, object-f | 80 | 21 | 161 | 19 | 281 |
| object-gen, object-gen | 7 | 2 | 63 | 1 | 73 |
| patient, object-f | 8 | 9 | 25 | 2 | 44 |
| patient, object-gen | 3 | 0 | 14 | 2 | 19 |

Tabela 16: Conjunto de papéis semânticos por tipo de cadeia para predicados de dois argumentos

(Fonte: elaborado pelo autor)

Nos resultados para predicados biargumentais, como visto na Tabela 16, percebe-se que predicados AGENT-GEN/OBJECT-GEN são menos dados a ocorrer com V_{sup} do que a média, apresentando forte preferência pelo grupo nominal. Tal não se verifica para outros tipos de agente, minoritários, que mantêm a proporção entre CVS e GN. A ocorrência de EXPERIENCER-GEN/OBJECT-F como GN também está ligeiramente alto em comparação com os demais. Pares menos recorrentes, como CAUSE/OBJECT-GEN, apresentam discrepância quase nula entre CVS e GN.

Como era esperado pelos resultados relativos às frases de base, causativos tem um apelo maior para predicados objetivos e, em menor escala, psicológicos. Adicionalmente, verifica-se preferência da construção com operador causativo por predicados com N_1 frástico: OBJECT-GEN/OBJECT-F, PATIENT/OBJECT-F e EXPERIENCER-GEN/OBJECT-F contabilizam, juntos, a quase totalidade dessas ocorrências.

Em desacordo com os dados anteriores, as reduções de V_{sup} preposicionado ocorrem majoritariamente com predicados agentivos, embora o número de experienciadores e objetivos seja também expressivo. Em comparação com os dados para predicados monoargumentais, isso demonstra que o número de argumentos altera consideravelmente o perfil dessa transformação.

| Papéis semânticos / Tipo de cadeia | V_{sup} | V_{opc} | GN | Red $V_{sup}Prep$ | TOTAL |
|---|-----------|-----------|----|-------------------|-------|
| agent-gen, co-agent, object-f | 7 | 0 | 32 | 0 | 39 |
| agent-gen, object-gen, object-f | 3 | 0 | 11 | 0 | 14 |
| agent-gen, object-gen, object-gen | 0 | 0 | 62 | 0 | 62 |
| agent-giver, object-gen, recipient | 1 | 0 | 47 | 0 | 48 |
| agent-speaker, message, addressee | 34 | 1 | 84 | 1 | 120 |
| agent-speaker, topic, addressee | 2 | 0 | 22 | 0 | 24 |
| object-gen, object-gen, object-f | 2 | 0 | 4 | 0 | 6 |

Tabela 17: Conjunto de papéis semânticos por tipo de cadeia para predicados de três argumentos
(Fonte: elaborado pelo autor)

Há, nos predicados de três argumentos, uma tendência maior (em relação aos demais) de se utilizar verbos suporte em predicados de comunicação com completiva MESSAGE. Os de transferência e com objeto duplo não especificado obedecem à tendência inversa, rejeitando a CVS.

Como visto anteriormente, causativos e reduções de V_{sup} preposicionado são praticamente irrelevantes para predicados de três argumentos. A única ocorrência de ambos se dá em predicados de comunicação com MESSAGE.

Conforme visto ao longo da seção, os conjuntos de papéis semânticos demonstram tendências sutis a surgir em determinados grandes tipos de cadeia: objetivos monoargumentais são menos propensos a conservar o V_{sup} ; para biargumentais, esse padrão passa a ser mais típico das construções agentivas; triargumentais de comunicação têm maior preservação de V_{sup} . A redução do V_{sup} preposicionado é mais típica de objetivos em predicados de um argumento, e mais típica de agentivos nos predicados de dois argumentos.

Nas próximas seções, analisamos essas tendências para os subtipos de cadeia. Omitimos essa análise para verbos operadores causativos e redução de verbo preposicionado pois, considerando o número elevado de cadeias e papéis semânticos e o baixo número de elementos nessa classe, há grande dispersão dos fenômenos analisados, diante da qual seria inútil tentar estabelecer alguma generalização.

Explorando em maior especificidade os padrões de um dos tipos de cadeia, analisamos adiante a ocorrência de conjuntos de papéis semânticos de acordo com as cadeias que incluem V_{sup} . As tabelas 18, 19 e 20 trazem esses predicados separados de acordo com seu número de argumentos; para argumentos ≥ 2 , selecionamos apenas as cadeias que surgem em número suficientemente grande para que se perceba tendências, uma vez que as cadeias para esses predicados têm um número de formas bastante elevado.

| Papéis semânticos / Cadeia | $N_0 V_{sup} N_{pred}$ | $V_{sup} N_{pred}$ |
|----------------------------|------------------------|--------------------|
| agent-gen | 27 | 11 |
| agent-creator | 0 | 0 |
| agent-speaker | 0 | 1 |
| Cause | 2 | 0 |
| experiencer-gen | 9 | 3 |
| Patient | 3 | 0 |
| object-gen | 49 | 11 |
| object-f | 4 | 1 |
| Recipiente | 0 | 1 |
| locative-place | 0 | 0 |

Tabela 18: Conjuntos de papéis semânticos por cadeia contendo V_{sup} em predicados de um argumento (Fonte: elaborado pelo autor)

A Tabela 18, referente às CVS monoargumentais, demonstra, proporcionalmente, uma frequência de elisão superior para argumentos N_0 agentivos. Os dados referentes a ordens não elementares são demasiado escassos para que se possa estabelecer alguma relação entre ordem e papel semântico.

| Cadeias / Papéis semânticos | N_0 V_{sup} N_{pred} | N_0 V_{sup} N_{pred} Prep N_1 | V_{sup} N_{pred} | N_1 V_{sup} N_{pred} |
|---|----------------------------|---------------------------------------|----------------------|----------------------------|
| agent-gen, co-agent | 3 | 4 | 1 | 0 |
| agent-creator, object-gen | 1 | 2 | 0 | 0 |
| agent-gen, instrument | 0 | 0 | 0 | 0 |
| agent-gen, locative-(place+dest+source) | 0 | 1 | 0 | 0 |
| agent-gen, object-f | 8 | 6 | 3 | 2 |
| agent-gen, object-gen | 15 | 16 | 6 | 16 |
| agent-gen, patient | 3 | 0 | 2 | 3 |
| agent-giver, recipiente | 0 | 0 | 0 | 1 |
| agent-speaker, addressee | 6 | 1 | 2 | 2 |
| agent-speaker, co-agent | 1 | 1 | 0 | 0 |
| agent-speaker, message | 1 | 0 | 0 | 0 |
| cause, object-f | 0 | 1 | 0 | 0 |
| cause, object-gen | 3 | 5 | 0 | 0 |
| experiencer-gen, object-f | 11 | 11 | 5 | 1 |
| experiencer-gen,object-gen | 0 | 2 | 1 | 0 |
| experiencer-vol, object-f | 0 | 3 | 0 | 0 |
| experiencer-vol, object-gen | 0 | 0 | 0 | 0 |
| object-gen, object-f | 21 | 26 | 1 | 0 |
| object-gen, object-gen | 3 | 3 | 1 | 1 |
| patient, object-f | 1 | 0 | 0 | 0 |
| patient, object-gen | 0 | 0 | 0 | 0 |

Tabela 19: Conjuntos de papéis semânticos por cadeia contendo V_{sup} em predicados de dois argumentos (Fonte: elaborado pelo autor)

Vê-se na Tabela 19 que, proporcionalmente, o sujeito objetivo tem maior propensão a ser preservado em relação aos demais, apresentando um número proporcionalmente reduzido de cadeias do tipo V_{sup} N_{pred} . Assim, a elisão completa dos argumentos é mais presente em agentes e

experienciadores do que objetivos. Como está propenso à transformação conversa, o N_1 do predicado agentivo aparece comumente em posição de sujeito ($N_1 V_{sup} N_{pred}$), algo bastante restrito para experienciadores e objetivos, pois decorre de transformações mais raras (média, por exemplo). Adicionalmente, o N_1 completiva das construções com sujeito objetivo tende à preservação.

| Cadeias / Papéis semânticos | $N_0 V_{sup} N_{pred}$ | $N_0 V_{sup} N_{pred} Prep N_1$ | $V_{sup} N_{pred}$ | $N_1 V_{sup} N_{pred}$ |
|--|------------------------|---------------------------------|--------------------|------------------------|
| agent-gen, locative-source, locative-dest | 0 | 0 | 0 | 0 |
| agent-gen, object-f, co-agent | 2 | 0 | 0 | 0 |
| agent-gen, object-gen, object-f | 0 | 2 | 0 | 1 |
| agent-gen, object-gen, object-gen | 0 | 0 | 0 | 1 |
| agent-gen, object-gen, recipient | 0 | 0 | 0 | 0 |
| agent-speaker, message, addressee | 5 | 3 | 2 | 1 |
| agent-speaker, topic, addressee | 0 | 0 | 0 | 0 |
| agent-taker, object-gen, object-gen | 1 | 0 | 0 | 0 |

Tabela 20: Conjuntos de papéis semânticos por cadeia contendo V_{sup} em predicados de três argumentos (Fonte: elaborado pelo autor)

A tabela referente a predicados de três argumentos em CVS é demasiado esparsa para dar base a conclusões; entretanto, percebe-se que a frequência de expressão dos argumentos agentivos em posição de sujeito é maior em todos os casos.

Apresentamos a seguir os dados e análise relativos aos subtipos de grupo nominal. Separamos os dados em três tabelas, de acordo com o número de argumentos dos predicados. Para predicados com número de argumentos ≥ 2 , utilizamos apenas os subtipos mais frequentes, evitando a inclusão de dados que, sendo muito esparsos, não permitem estabelecer generalizações.

| Papéis semânticos / Cadeia | N_{pred} | N_{pred} Prep | N₀Poss N_{pred} | Pred(N₀) N_{pred} |
|-----------------------------------|-------------------------|------------------------------|---|---|
| agent-gen | 122 | 44 | 17 | 9 |
| agent-creator | 0 | 1 | 3 | 1 |
| agent-speaker | 1 | 2 | 1 | 0 |
| Cause | 12 | 12 | 0 | 0 |
| experiencer-gen | 30 | 8 | 4 | 6 |
| object-gen | 327 | 294 | 31 | 36 |
| object-f | 11 | 28 | 0 | 0 |
| Patient | 39 | 17 | 2 | 5 |
| Recipiente | 7 | 4 | 0 | 0 |

Tabela 21: Conjuntos de papéis semânticos por grupo nominal em predicados de um argumento
(Fonte: elaborado pelo autor)

Os números mais expressivos da Tabela 21 dizem respeito à frequência de elisão do argumento N₀. Como visto, a grande tendência dos GN é a elisão completa dos argumentos; aqui, os predicados com N₀ objetivo têm uma frequência maior para expressão de seu argumento. Para esses predicados, a soma das cadeias com argumento explícito supera a da cadeia sem argumentos. Para agentivos e experienciadores, constata-se que a elisão do argumento único ocorre com frequência ligeiramente superior à das cadeias sem elisão. Assim, agentes e experienciadores de predicados monoargumentais estão um pouco mais propensos a sofrer elisão em grupo nominal.

| Papéis semânticos / Cadeia | N_{pred} | N_{pred} Prep N₁ | N_{pred} Prep N₀ | N₀Poss N_{pred} | Pred(N₀) N_{pred} |
|--|-------------------------|--|--|---|---|
| agent-gen, co-agent | 81 | 9 | 4 | 1 | 1 |
| agent-creator, object-gen | 19 | 41 | 4 | 0 | 0 |
| agent-gen, instrument | 0 | 9 | 0 | 0 | 0 |
| agent-gen, locative-(place+dest+source) | 17 | 6 | 15 | 2 | 1 |
| agent-gen, object-f | 124 | 69 | 34 | 17 | 7 |
| agent-gen, object-gen | 337 | 263 | 26 | 16 | 8 |
| agent-gen, patient | 51 | 14 | 5 | 0 | 2 |
| agent-speaker, addressee | 17 | 3 | 2 | 2 | 0 |
| agent-speaker, co-agent | 16 | 4 | 0 | 1 | 2 |
| agent-speaker, message | 11 | 7 | 8 | 1 | 1 |
| cause, object-f | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 |
| cause, object-gen | 1 | 3 | 3 | 0 | 0 |
| experiencer-gen, object-f | 94 | 60 | 18 | 12 | 6 |
| experiencer-gen, object-gen | 18 | 7 | 1 | 3 | 2 |
| experiencer-vol, object-f | 12 | 4 | 3 | 0 | 0 |
| experiencer-vol, object-gen | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 |
| object-gen, object-f | 50 | 22 | 28 | 13 | 7 |
| object-gen, object-gen | 25 | 14 | 12 | 2 | 6 |
| patient, object-f | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 |

Tabela 22: Conjuntos de papéis semânticos por grupo nominal em predicados de dois argumentos

(Fonte: elaborado pelo autor)

Para os predicados biargumentais, cuja linearização por papel semântico é mostrada na Tabela 22, verifica-se novamente que os argumentos agentivos e experienciadores têm tendência maior à elisão. Apesar disso, não há par de papel semântico que tenha valor irrelevante para a cadeia N_{pred} *Prep* N_1 . Isso sugere que essa forma é normal independentemente da semântica, tornando-se mais acentuada para os predicados agentivos e experienciadores.

| Papéis semânticos / Cadeia | N_{pred} | N_{pred} <i>Prep</i> N_1 | N_{pred} <i>Prep</i> N_0 | N_0 Poss N_{pred} |
|------------------------------------|------------|------------------------------|------------------------------|-----------------------|
| agent-gen, co-agent, object-f | 11 | 3 | 0 | 2 |
| agent-gen, object-gen, object-f | 3 | 2 | 2 | 0 |
| agent-gen, object-gen, object-gen | 25 | 14 | 0 | 0 |
| agent-giver, object-gen, recipient | 20 | 15 | 0 | 4 |
| agent-speaker, message, addressee | 53 | 12 | 13 | 4 |
| agent-speaker, topic, addressee | 2 | 0 | 0 | 0 |
| object-gen, object-gen, object-f | 1 | 0 | 0 | 1 |

Tabela 23: Conjuntos de papéis semânticos por grupo nominal em predicados de três argumentos
(Fonte: elaborado pelo autor)

Embora não haja uma amostra muito extensa para os GN em predicados de três argumentos, é perceptível uma maior preservação de N_0 em predicados de comunicação, enquanto a preservação do argumento objetivo N_1 é maior para os demais tipos de predicado. A preservação de N_2 sozinho não figura na tabela por sua amostra ser demasiado pequena para o estabelecimento de qualquer generalização.

Em síntese, os dados apresentados ao longo desta seção demonstram algumas correlações fortes entre a frase de base e as transformações que a afetam, bem como entre a frase de base e os papéis semânticos que distribui. Pode-se verificar também correlações mais fracas entre papéis semânticos e transformações. Tais observações revelam características comuns do estabelecimento de argumentos do N_{pred} , as quais permitem estimar, com base nestas, as transformações que ocorrerão e alguns de seus acarretamentos semânticos, vinculados aos papéis semânticos atribuídos. Mais fortes do que as tendências por frase elementar ou papel semântico são aquelas que afetam todos os N_{pred} .

Conforme constatado por trabalhos anteriores, reafirmamos que N_{pred} cujo V_{sup} elementar é "ter" apresentam maior disposição a argumentos não agentivos; verifica-se orientação inversa para os outros dois verbos-suporte elementares, "fazer" e "dar". Nas primeiras, haverá maior tendência à

manutenção do sujeito N_0 , ao passo que as segundas preferem sua manutenção. Isso se reflete ainda na distribuição dos argumentos da frase elementar: N_0 , mais vinculado a posições agentivas, tem maior propensão a desaparecer para predicados com dois argumentos ou mais. As formas de manifestação de argumento minoritárias, adjetivos e pronomes possessivos, tendem a elaborar N_0 .

Além disso, em comparação a Talhadas et al (2013), fica demonstrada a singularidade de distribuição argumental dos N_{pred} face aos verbos plenos, seja pelos esquemas de linearização que impõem ou por suas possibilidades e proporção de correlação argumento/papel semântico.

6. Conclusão

Neste trabalho, utilizamos a teoria transformacional para descrever as relações estabelecidas entre o N_{pred} e seus argumentos, estabelecendo as formas em que essa relação se dá. Tivemos como ideia central a convergência de todo N_{pred} a uma frase de base com V_{sup} , definida em termos de símbolos lineares e representada pelo tipo de cadeia FB. Tal cadeia foi caracterizada por alguns testes fundamentais, nomeadamente, a relação intrínseca entre sujeito e N_{pred} , a restrição sobre os determinantes, a possibilidade de descida do advérbio e a formação de grupo nominal.

A análise dos segmentos que apresentam as referidas propriedades no *corpus* levou à tipificação das possíveis formas de relação - as transformações - entre um N_{pred} e seus argumentos. Por meio de sua ação única ou sobreposta, essas formas de relação geram as cadeias que emergem no *corpus*. Procedemos, então, à quantificação dessas cadeias.

Por meio desse procedimento, foi possível observar que o estabelecimento dessas relações não ocorre livremente, estando sujeito a tendências gerais de linearização. Verificamos ainda a existência de possíveis correlações entre a disposição dos argumentos, a frase elementar e os papéis semânticos desses predicados, observando que V_{sup} elementar e número de argumentos estão claramente vinculados a determinadas transformações e sentidos; a correlação entre os dois últimos fatores, sem mediação da frase elementar, é bastante sutil, ainda que existente.

As tendências de elaboração dos argumentos do N_{pred} demonstram que eles ocorrem majoritariamente nas formas que denominamos grupos nominais. Essas formas foram definidas como aquelas em que o substantivo se relaciona com seus argumentos sem intermediação de um item antecedente determinado pelo predicado, seja um V_{sup} , uma preposição ou algum adjetivo. A depender das propriedades de seleção de seu predicador, o grupo nominal aceita substituição por N_{pred} + relativa contendo V_{sup} ou oração completiva, finita ou não. Nesse tipo de cadeia, o mais comum é a elisão completa de argumentos, que chega a quase metade das ocorrências de N_{pred} . Quando os argumentos se manifestam, há maior retenção de argumentos correspondentes ao objeto da frase elementar se o número de argumentos é 2 ou mais.

Em seguida, com uma quantidade também significativa, mas proporcionalmente pequena, encontramos as construções com V_{sup} , caracterizada por um verbo que potencialmente liga o N_{pred} a um de seus argumentos. Sua divisão em variantes permite observar a prevalência do V_{sup} padrão, seguido por variantes estilísticas, conversas e aspectuais, entre outras minoritárias. O padrão principal é a retenção de N_0 para todas as variantes, exceto as conversas. Nestas, temos a inversão da tendência,

com alta retenção de N_1 e, minoritariamente, N_2 . Por fim, cadeias introduzidas por preposição e causativas são minoritárias, e ambas tendem a se originar de frases elementares com V_{sup} "ter".

Para as primeiras, é corrente a retenção de N_0 ; para as segundas, prevalece a elisão completa de argumentos e, em seguida, a retenção de N_1 . Adicionalmente, percebe-se maior tendência à manifestação de um único argumento por predicado, seguido pela manifestação de dois argumentos. O número de predicados acompanhados de três argumentos é da ordem da exceção.

A partir das constatações que derivamos da análise, propomos quatro fatores que explicam a distribuição dos argumentos do N_{pred} , do mais relevante para o menos relevante, a ser explicadas no restante deste capítulo:

- 1- A própria categoria "substantivo predicativo" como classe de comportamento morfossintático;
- 2- As restrições sobre as sequências transformacionais e suas tendências gerais de coocorrência;
- 3- As características da frase elementar;
- 4- Os papéis semânticos.

A alternância da disposição dos argumentos dos N_{pred} é mais evidentemente ditada pela categoria sintática a que pertencem. É esse objeto que restringe os tipos de alternância permitidos (aqueles definidos no capítulo 4), tendo como eixo de alternância principal o grupo nominal, forma majoritária, e a construção com V_{sup} . Outras formas de manifestação podem ser ditas típicas de substantivos em uma determinada frase de base ou com determinada semântica; entretanto, as possibilidades de formação de frase com V_{sup} e grupo nominal são generalizadas, como o é sua proporção desigual. Dessa forma, o fator mais relevante para definir as relações do substantivo com seus argumentos é sua própria classe morfossintática, pois esta delimita as transformações possíveis e estabelece um padrão que se mantém entre diferentes tipos de frase elementar e distribuição de papéis semânticos.

O segundo fator que restringe as formas identificadas no *corpus* é a sequência de transformações. Para além do fato de que algumas transformações impedem ou permitem a ocorrência de outras, como visto no capítulo 4, é notável que determinadas transformações, embora sejam mutuamente independentes, tendem a se sobrepor. De maneira mais evidente, observou-se que há tendência do grupo nominal à perda completa de argumentos e, em casos de predicados transitivos, a difusão da transformação $[E N_0]$ em contraposição às outras. Por outro lado, a construção com V_{sup} tende a reter argumentos, principalmente o que se encontra em posição de sujeito, e aceita mais

facilmente a elaboração de dois argumentos na mesma frase. Verifica-se ainda que a transformação [*Vsup Prep*] tende fortemente a dar lugar à redução [*Red VsupPrep*].

Como sugerido em sua própria descrição, o fator anterior sofre interferência das características das frases de base: algumas frequências de elisão são distintas para predicados transitivos e intransitivos. Predicados bitransitivos têm uma tendência a elisão ainda mais severa. Há outros fatores que se correlacionam a frases de base: o uso de verbos-suporte preposicionados e suas reduções tendem a partir de frases com verbo elementar "ter"; conversões, por outro lado, tendem a surgir de "dar" e "fazer". Vimos ainda uma prevalência ligeiramente maior de manifestação do V_{sup} elementar "dar" e suas variantes, bem como a preferência de transformações sobre a forma do argumento (pronominalização, adjetivação) pelo argumento N_0 .

Por fim, há a isomorfia clara entre a frase de base e a distribuição dos papéis semânticos. Papéis agentivos preferem a posição N_0 de predicados com "fazer" e "dar", enquanto os não agentivos preferem as posições N_1 ou N_2 desses predicados ou a posição N_0 de predicados com "ter". Na ausência de agentes, experienciadores ocupam N_0 e, em sua ausência, papéis objetivos o fazem; completivas sucedem objetos e os recipientes ocupam a última posição disponível. Essa isomorfia termina por correlacionar o papel semântico a algumas das transformações. Entretanto, sua influência no processo transformacional, para além disso, é bastante reduzida.

As dificuldades de realização de tais análises residiram principalmente na atenção que deve ser despendida às frases, algumas das quais são bastante longas, resultantes de muitas operações sintáticas. Elaborar paráfrases para identificação dos fenômenos é um processo demorado e que requer grande foco, assim como sua validação em *corpora*, que consome tempo para o estabelecimento de múltiplas estratégias de busca capazes de contemplar as formas em análise. O processo até a versão final dos dados contou também com extensas etapas de revisão, as quais visavam reparar erros de atenção, comuns diante de objetos dessa complexidade.

Diante desses resultados, permanecem em aberto questões relativas à distribuição dos argumentos em outros tipos de predicado (verbal, adjetival), bem como das relações transformacionais entre estes e o N_{pred} . Para substantivos deverbais e deadjetivais, seu padrão e distribuição de ocorrências na forma de verbo/adjetivo ou substantivo pode revelar características de utilização do léxico e da sintaxe em português, elucidando os motivos de escolha por uma classe de palavra ou outra.

Além disso, os padrões distributivos dos circunstanciais por vezes interferem no dos argumentos, além de muitas vezes se colocarem entre eles. Dessa forma, a distribuição dos

circunstanciais não se configura como um fenômeno completamente isolado: a descrição de um desses padrões pode contribuir para a do outro.

Assim, acreditamos ter contribuído com o estudo da sintaxe dos substantivos predicativos do português ao escalar empiricamente as manifestações de seus argumentos, relacionando-as pelo conceito de transformação, e demonstrar suas frequências, interdependências e possíveis motivações semânticas. Diante da variedade de fatos sintáticos que compõem o português e outras línguas, este trabalho se configura como a descrição de um tópico restrito - a distribuição das transformações dos argumentos - que se soma a descrições anteriores das frases elementares e transformações específicas, podendo ser ainda complementado por descrições futuras de fenômenos correlatos que interferem nos padrões aqui analisados, a exemplo dos circunstanciais, ou aprofundamento da abordagem em *corpora* mais extensos ou de outros meios (como produção oral), gêneros e idiomas.

Além disso, acreditamos ter contribuído para a tarefa de Processamento de Língua Natural ao nos utilizarmos de um *corpus* com anotações que visam essa finalidade para propor descrições formais dos N_{pred} e seus argumentos. Tais descrições podem ser reaproveitadas para um processo de anotação do fenômeno do *corpus* em questão, levando à construção de um *corpus* anotado nos moldes do NomBank (MEYERS, 2004). Além disso, ao demonstrar correlações entre e forma e semântica, ficam propostas características que podem ser utilizadas por algoritmos para a identificação dos substantivos, seus V_{sup} e seus argumentos, bem como para identificação automática de algumas de suas propriedades. Fica, assim, aberta a possibilidade de um trabalho futuro que leve a implementação de *corpora* anotados ou algoritmos com base nas descrições apresentadas.

Referências

- AFONSO, S.; BICK, E.; HABER, R; SANTOS, D. Floresta sintá(c)tica: a treebank for Portuguese. RODRIGUES, M.; ARAUJO, C. (Org.) **Proceedings of the Third International Conference on Language Resources and Evaluation (Las Palmas de Gran Canaria Espanha, 29-31 de Maio de 2002)**, Paris: ELRA, 2002.
- ALEXIADOU, A. **Functional structure in nominals: nominalization and ergativity**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2001.
- ARRUDA, L. **Contribuição para o estudo das nominalizações com o verbo-suporte ter**, Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1987.
- BAPTISTA, J. **Sintaxe dos predicados nominais construídos com o verbo-suporte ser de**, Tese de Doutorado, Faro: Universidade do Algarve, 2000.
- BARROS, C. **Descrição e classificação de predicados nominais com o verbo-suporte fazer no Português do Brasil**. Tese de Doutorado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-graduação em linguística, 2014.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 37ª Ed., 2009.
- BICK, E. **The parsing system Palavras: automatic grammatical analysis of Portuguese in a Constraint Grammar framework**, Aarhus: Aarhus University Press, 2000.
- BONIAL, C. **Take a look at this! Form, function and productivity of English light verb constructions**. Tese de Doutorado, Boulder: University of Colorado at Boulder, 2014
- BORILLO, A. Les adjectifs dérivés de noms de parties du corps dans les textes médicaux. LECLÈRE, C. et al. (Ed.). **Lexique, Syntaxe et Lexique-Grammaire/Syntax, Lexis & Lexicon-Grammar: Papers in honour of Maurice Gross**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, p. 51-62, 2004.
- BUTT, M. The light verb jungle: Still hacking away. AMBERBER, M.; BAKER, B (Ed.), **Complex predicates in cross-linguistic perspective**, Cambridge: Cambridge University Press, p. 48-78, 2010.
- CALCIA, N. **Descrição e classificação das construções conversas do português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-graduação em linguística, 2016.

- CANÇADO, M; GODOY, L; AMARAL, L. **Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados**, v. 1, Belo Horizonte: EDUFMG, 2013.
- CASTELEIRO, J. **Sintaxe transformacional do adjectivo: regência das construções completivas**, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.
- CHACOTO, L. **O verbo 'fazer' em construções nominativas predicativas**. Tese de Doutorado, Faro: Universidade do Algarve, 2005.
- CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. Berlim, Boston: Walter de Gruyter, 1957.
- CHOMSKY, N. **Remarks on nominalization**. Linguistics Club, Indiana University, 1968.
- CULICOVER, P.; JACKENDOFF, R. **Simpler syntax**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexicon, 7ª ed., 2017.
- DOWTY, D. On the semantic content of the notion of 'thematic role'. CHIERCHIA, G.; PARTEE, B.; TURNER, R. (Ed.), **Properties, types and meaning**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, v. 2, p. 69-129, 1989.
- DOWTY, D. Thematic proto-roles and argument selection. **Language**, v. 67, n. 3, p. 547-619, 1991.
- DURAN, M.; ALUÍSIO, S. Propbank-Br: a Brazilian Portuguese corpus annotated with semantic role labels. **Proceedings of the 8th Brazilian Symposium in Information and Human Language Technology**, p.164-168, 2011.
- FILLMORE, C. The case for case. BACH, E.; HARMS, R. (Ed.) **Universals in Linguistic Theory**. Nova Iorque: Holt, Reinhart, and Winston, p. 1 - 88, 1968.
- GIRY-SCHNEIDER, J. **Les prédicats nominaux en français: les phrases simples à verbe support**. Genebra: Librairie Droz, 1987.
- GROSS, G; VIVÈS, R. Les constructions nominales et l'élaboration d'un lexique-grammaire. **Langue française**, n. 69, p. 5-27, 1986.
- GROSS, G. Les passifs nominaux. **Langages**, n. 109, p. 103-125, 1993.
- GROSS, G. Prédicats nominaux et compatibilité aspectuelle. **Langages**, n. 121, p. 54-72, 1996.
- GROSS, M. **Méthodes en syntaxe: régime des constructions complétives**. Paris: Hermann, 1975.

- GROSS, M. Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. **Langages**, n. 63, p. 7–52, 1981.
- GROSS, M. Sur la notion harrissienne de transformation et son application au français. **Langages**, n. 99, p. 39-56, 1990.
- GROSS, M. La fonction sémantique des verbes supports. **Travaux de Linguistique**, v. 37, n. 1, p. 25-46, 1998.
- GRUBER, J. **Studies in lexical relations**. Tese de Doutorado. Cambridge, Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology, 1965.
- HARRIS, Z. **Mathematical structures of language**. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 1968.
- HARRIS, Z. **Papers on syntax**. Londres: D. Reidel Publishing Company, 1981.
- JACKENDOFF, R. A deep structure projection rule. **Linguistic Inquiry**, v. 5, n. 4, p. 481-505, 1974.
- JACKENDOFF, R. **Semantic structures**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1992.
- JESPERSEN, O. **A Modern English Grammar on Historical Principles**. Part VII: Syntax. Copenhagen: Einar Munksgaard, 1949.
- KASPER, S. **A comparison of ‘thematic role’ theories**. Dissertação de Mestrado. Marburg: Philipps-Universität Marburg, 2008.
- KEARNS, K. **Light verbs in English**. Manuscrito, 2002.
- LANGER, S. A linguistic test battery for support verb constructions. **Linguisticae Investigationes**, n. 27, v.2, p. 171-184, 2004.
- LAPORTE, E. Exemples attestés et exemples construits dans la pratique du lexique-grammaire. **Observations et manipulations en linguistique: entre concurrence et complémentarité**. Leuven: Peeters, p. 11-32, 2007.
- LAPORTE, E.; RANCHHOD, E.; YANNACOPOULOU, A. Syntactic variation of support verb constructions. **Linguisticae Investigationes**, v. 31, n. 2, p. 173-185, 2008.
- LEVIN, B. **English verb classes and alternations: A preliminary investigation**. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

- MACHONIS, P. Nominalizations of English Neutral Verbs. LECLÈRE, C. et al. (Ed.). **Lexique, Syntaxe et Lexique-Grammaire/Syntax, Lexis & Lexicon-Grammar: Papers in honour of Maurice Gross**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, p. 413-422, 2004.
- MEL'ČUK, I. Collocations and lexical functions. COWIE, A. (Ed.), **Phraseology: Theory, analysis, and applications**, Oxford: Oxford University Press, p. 23-53, 1998
- MEYERS, A.; REEVES, R.; MACLEOD, C.; SZEKELY, R.; ZIELINSKA, V.; YOUNG, B.; GRISHMAN, R. The NomBank project: An interim report. **Proceedings of the workshop frontiers in corpus annotation at HLT-NAACL 2004**, p. 24-31, 2004.
- MEYERS, A. **Annotation guidelines for NomBank - Noun argument structure for PropBank**, Manuscrito, 2007. Disponível em: <<http://nlp.cs.nyu.edu/meyers/nombank/nombank-specs-2007.pdf>>. Acesso em: 03 de Agosto de 2019.
- NEVES, M. Estudo da estrutura argumental dos nomes. **Gramática do português falado**, v. 5, p. 119-154, 1996.
- NEVES, M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 1999.
- PALMER, M.; GILDEA, D.; XUE, N. Semantic role labeling, **Synthesis Lectures on Human Language Technologies**, v. 3, n. 1, 2010.
- PETRUCK, M.; ELLSWORTH, M. Representing support verbs in framenet. **Proceedings of the 12th Workshop on Multiword Expressions**, p. 72-77, 2016.
- RANCHHOD, E. On the support verbs ser and estar in Portuguese. **Lingvisticae Investigationes**, v. 7, n. 2, p. 317-353, 1983.
- RANCHHOD, E. Lexique-grammaire du portugais: prédicats nominaux supportés par estar. **Lingvisticae Investigationes**, v. 13, n. 2, p. 351-367, 1989.
- RANCHHOD, E. **Sintaxe dos predicados nominais com "estar"**. Lisboa: INIC, 1990.
- RANCHHOD, E. Remarks on the complementation of aspectual verbs. In: LECLÈRE, C. et al. (Ed.). **Lexique, Syntaxe et Lexique-Grammaire/Syntax, Lexis & Lexicon-Grammar: Papers in honour of Maurice Gross**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, p. 423-438, 2004.
- RASSI, A. **Descrição, classificação e processamento automático das construções com o verbo 'dar' em Português do Brasil**. Tese de Doutorado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-graduação em linguística, 2015.

SAG, I.; BALDWIN, T.; BOND, F.; COPESTAKE, A.; FLICKINGER, D. Multiword expressions: A pain in the neck for NLP. **International Conference on Intelligent Text Processing and Computational Linguistics**, Berlin: Springer, p. 1-15, 2002.

SANTOS, M. **Descrição dos predicados nominais com o verbo-suporte ‘ter’**. Tese de Doutoramento. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-graduação em linguística, 2015.

SAVARY, A. et al. The PARSEME shared task on automatic identification of verbal multiword expressions. **Proceedings of the 13th Workshop on Multiword Expressions (MWE 2017)**, Valência, p. 31-47, 2017.

TALHADAS, R.; MAMEDE, N.; BAPTISTA, J. Semantic Roles for Portuguese Verbs. **32rd International Conference on Lexis and Grammar, September 10-14**, Universidade do Algarve, Faro, 2013.

TALHADAS, R. **Automatic Semantic Role Labeling for European Portuguese**. Dissertação de Mestrado, Universidade do Algarve, Faro, 2014.

VAZA, A. **Estruturas com nomes predicativos e o verbo-suporte ‘dar’**. Dissertação de Mestrado, Universidade Clássica de Lisboa, Lisboa, Portugal, 1988